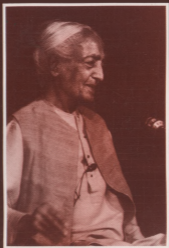
J. KRISHNAMURTI

O FUTURO É AGORA

Últimas Palestras na Índia

Cultrix

J. KRISHNAMURTI

Z.C.

O FUTURO É AGORA

Últimas Palestras na Índia

Tradução
MAURO DE CAMPOS SILVA

EDITORA CULTRIX
São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Era a última viagem de Krishnamurti à Índia. Ele já havia declarado em Saanen, na Suíça, que não haveria mais palestras lá; e escrevera a um amigo:

> Tivemos quatro dias com o clima mais agradável, dias ensolarados; agora o vale já nos diz adeus.

Durante a última palestra em Saanen, ele tornou a contar a história de Nachiketa, o menino que tinha sido enviado à casa da Morte por fazer muitas perguntas. Era um antigo conto indiano, do Kathapanishad, mas a versão de Krishnamurti era diferente -- mais romântica, localizada num tempo ideal, quando os homens mantinham a palavra e periodicamente se desfaziam do que haviam acumulado. Esses detalhes não estão no original, cujo tom não é romântico.

O Nachiketa de Krishnamurti está cheio de perguntas impossíveis; ele é ingênuo, mas suficientemente astuto para rejeitar as tentações da Morte com uma simples observação, "No fim, você estará lá. Você sempre estará no fim de tudo".

Embora estivesse com quase 91 anos, Krishnamurti não era muito diferente do Nachiketa que ele descreveu. Como Nachiketa, ele tinha o dom de transformar cada acontecimento numa pergunta, ou mesmo num benefício; como aque-

le, um jeito natural de tratar a morte e também uma generosidade inocente.

O pai de Krishnamurti, em suas reminiscências, registradas logo após o filho ter sido trazido ao rebanho da Sociedade Teosófica, descreveu uma inocente generosidade que ele nunca perdeu:

> Pela manhã, quando os mendigos vêm à nossa casa, costumamos dar a eles uma xícara ou tigela de arroz não-cozido, distribuindo-o nas mãos que se estendem uma de cada vez, até que o recipiente fique vazio. Minha esposa mandou Krishna entregar a esmola e o pequeno voltou para pegar mais, dizendo que despejara tudo na sacola de um só homem. Então, sua mãe o acompanhou para ensiná-lo a fazer a divisão.

Posteriormente, o inocente e o sábio viveram juntos. Krishnamurti havia chegado à Índia em outubro de 1985, depois de proferir palestras em Saanen e em Brockwood Park, Inglaterra, para dizer adeus à paisagem familiar, às pessoas que conhecera e aos lugares que acalentara. Também para colocar sua casa em ordem.

Grandes instituições educacionais tinham-se desenvolvido no Vale dos Rishis e em Rajghat, em terras compradas para o seu uso pela sra. Annie Besant nos anos vinte. Havia escolas em Bangalore, em Madras e em Bombaim, dedicadas a explorar seus ensinamentos num contexto pedagógico. Todas essas instituições educacionais faziam parte da Fundação Krishnamurti da Índia, uma sociedade registrada da qual ele era o presidente. Vasanta Vihar, uma casa em Adyar, Madras, era a sede da Fundação e o endereço pessoal utilizado em seu passaporte. Havia também fundações na Inglaterra e na América, com instituições educacionais bem estabelecidas.

Krishnamurti também foi o homem que em 1929 dissolveu a Ordem da opulenta organização que crescera em volta dele desde 1909, quando foi "descoberto" pelos teosofistas. Na ocasião ele declarou "A verdade não pode ser

organizada", e abriu mão das propriedades que faziam parte da organização.

A aparente contradição entre o homem que rejeita as organizações espirituais e aquele que no fim de sua vida se encontra à testa de várias delas foi resolvida em 1929, quando ele concluiu o famoso discurso que dissolvia a Ordem:

> Mas aqueles que desejam entender, que estão procurando descobrir o que é eterno, sem começo e sem fim, caminharão juntos com maior intensidade, e constituirão um perigo para tudo o que não é essencial, para as ilusões, para as sombras. E eles se congregarão, tornar-se-ão a chama, pois compreendem. *Este é o conjunto de pessoas que devemos criar*, e este é o meu propósito. Por causa dessa verdadeira amizade... haverá uma cooperação de verdade da parte de cada um. E não devido à autoridade.

O interesse apaixonado de Krishnamurti, especialmente à medida que envelhecia e se preocupava com a saúde das organizações que ele mesmo fundara, era criar esse grupo de amigos. Ao mesmo tempo, seus padrões de amizade continuavam a exigir: a amizade não pode florescer onde existe inveja, confronto, possessividade. Só uma bondade permanente, ele acreditava, poderia manter as pessoas juntas. E os frutos da bondade são mágicos.

Certa manhã, no inverno de 1984, no Vale dos Rishis, sentado à mesa para o desjejum, em meio a uma conversa trivial, ele nos perguntou, "Se um anjo lhes dissesse que vocês poderiam ter tudo o que quisessem para este lugar, o que pediriam?"

Mencionamos várias coisas – água, uma nova cultura, uma nova mentalidade – sem muito entusiasmo, sabendo que nossas respostas haviam sido dadas apenas para satisfazer o momento, certos de que logo seriam postas de lado. Foi isso o que ele fez, e continuou, "Quando para cá viemos em 1926, nossa intenção era estabelecer locais para a iluminação do homem. Isto está acontecendo aqui?"

Mais uma vez, era uma pergunta difícil; admitimos que não estava acontecendo.

"Então, o Vale do Rishis é exatamente como o mundo lá fora?" Dissemos que era um microcosmo – tínhamos os mesmos problemas em escala menor.

"Respondam com cuidado", ele disse. "O mundo exterior é guerra, animosidade, conflito, inveja. Vocês têm isso aqui? Em vocês?"

Respondemos que, embora essas coisas não estivessem ativas em nós, as sementes estavam ali e que "conforme a situação, podíamos ser, também, capazes de fazer tudo aquilo".

Ele nos perguntou se conseguiríamos eliminar tudo aquilo.

"Se o eliminássemos, o anjo nos daria o que queremos?"

Ele disse, simplesmente, "Sim".

Krishnamurti chegou a Nova Delhi, vindo de Londres, no dia 25 de outubro e seguiu pouco depois para Varanasi.* Aravindan, o famoso cineasta de Kerala, estava terminando *The Seer Who Walks Alone* [O Vidente que Caminha Só], baseado na vida de Krishnamurti. No começo de novembro, com a entrada do inverno, Rajghat, em Varanasi, forneceu o cenário para o filme, com tomadas do solitário pescador lançando sua rede num plácido rio; um pássaro em vôo descrevendo um amplo arco no espaço que era o céu e o rio; e o sol poente tornando-se um halo para o sábio que dizia: "O homem não é a medida de si mesmo."

Krishnamurti andou com Aravindan ao longo do antigo caminho do peregrino, agora asfaltado e muito castigado pelos caminhões, em direção às margens do Varuna. Ele atravessou a ponte provisória de bambu até a outra margem, onde o caminho do peregrino, agora estreito e poeirento, cercado pelo trigo do inverno, oferecia uma paisagem cintilante do Ganges, prosseguindo até Sarnath. Ali o Buda fez o seu primeiro sermão há 2.500 anos. A câmera de Aravindan filmou a caminhada de Krishnamurti pela ponte, junto com o barqueiro que transportava homens e animais para a outra margem do rio durante a estação chuvosa, quando a ponte ficava submersa.

* O antigo nome da cidade de Benares.

Havia um outro caminho que ele percorria todos os dias, mesmo quando suas pernas tinham começado a fraquejar – a trilha sinuosa do *campus* da escola, passando pelo anfiteatro onde, recentemente, os estudantes haviam encenado uma peça sobre a vida do Buda. O caminho terminava num íngreme lance de degraus, sob o qual havia um *playground* e, separada de um lado por uma cerca de arame, uma mesquita e seu indolente zelador. Ao longo de uma saliência na base dos degraus, um caminho estreito levava ao cemitério dos oficiais,* há muito tempo em desuso e agora local das cabanas de hóspedes do novo centro a ser construído para as pessoas seriamente interessadas em estudar os ensinamentos de Krishnamurti.

Krishnamurti circulava pelo *playground* várias vezes com os amigos, falando de muitas coisas, mas principalmente das questões que para ele, então, eram de vital interesse: O que aconteceria às muitas instituições que fundara? Desagregar-se-iam sem alguém que as mantivesse juntas? Qual seria o futuro das Fundações? E toda vez que ele completava uma volta, cumprimentava o zelador da mesquita, pois não queria que o homem se sentisse isolado, excluído.

O trajeto de volta, até o alto daqueles escarpados degraus, era um motivo de ansiedade para seus amigos – eles nunca tinham certeza se ele conseguiria chegar lá em cima sem cair. Certa vez, alguém, uma mulher, ofereceu-lhe a mão. E com sua costumeira galanteria ele pegou-a por um momento, observando que segurava a mão dela, mas que "Não quero jamais tornar-me dependente de alguém". A última palavra foi dita com uma ênfase e um olhar que lhe deram uma idéia do misterioso silêncio que se estabeleceria a seguir.

Não foi durante esses passeios, mas em seu quarto, que ele falou de lugares sagrados como lugares de aprendizagem e, portanto, por definição, além dos limites do ritual, das igrejas, dos templos e das mesquitas. Ele dizia que um lugar era sagrado se fosse marcado por três características – pela religiosidade das pessoas que ali vivessem, pelos peregrinos que

* Rajghat tinha sido um forte inglês.

ali viessem em busca da verdade e pela sua capacidade de manter a vida.

A sra. Besant ocupava muitos pensamentos de Krishnamurti nesse inverno em Rajghat. Em 6 de novembro, ele foi convidado para ingressar na Loja Teosófica de Kamaccha, convite que aceitou. Sob um generoso sol de final de tarde, ele dirigiu-se para "Shantikunj", a velha casa da sra. Besant. Sentou-se em um grande *chowki*, onde ela trabalhava e descansava durante o dia. Para os que conheceram a sra. Besant e Krishnamurti naqueles primeiros dias, foi um momento emocionante. Segundo uma pessoa que viveu naquele tempo, foi um dia de grande bênção: "O filho visita a casa de sua mãe depois de 45 anos. Talvez para dizer adeus." Mas quando alguém perguntou a Krishnamurti se ele se lembrava do lugar, a resposta foi simples: "Faz muito tempo – mas parece que morei aqui."

O festival de Diwali aconteceu em 16 de novembro e Krishnamurti passou as primeiras horas da noite em sua casa, com os amigos, observando uma exibição de fogos de artifício no terraço superior assoalhado com vistas para o Ganges. Enquanto os clarões e *kotis* esparramavam estrelas coloridas no céu sem lua, a cidade de Varanasi brilhava a distância. Krishnamurti subiu então até a sacada para reacender as lâmpadas que se tinham apagado e admirar a vista. Era uma noite elegante, em que a santidade descia como uma cortina sobre Rajghat.

Houve mais entretenimento – uma noite de cânticos védicos pelos brahmins locais ligados às escolas do templo e à família do Marajá de Varanasi; música no *Shahanai Santoor* e uma hora de *Kathak* dançada por Aditi Mangaldas.

Em 7 de novembro, Krishnamurti começou uma série de debates com um grupo de eruditos budistas – sanscritistas e tibetologistas – que se tinham reunido à sua volta desde o início dos anos setenta. Eles faziam parte de uma longa tradição de eruditos que haviam preservado uma tradição religiosa por milhares de anos através de atividades acadêmicas, estrênua discussão filosófica e busca interior.

Entre eles encontrava-se Pandit Jagannath Upadhyaya. Panditji, como o chamávamos, estava empenhado em produzir uma edição crítica do *Kalachakratantra*, um texto mahayana que trata dos ensinamentos do Bodhisattva Maitreya. Composto entre os séculos IX e XI, esse texto representava uma tradição de sabedoria muito antiga, que Panditji uma vez descreveu como "a ancestralidade do homem". A descrição de Panditji havia lembrado algo a Krishnamurti, que modificou a frase para "a ancestralidade do discernimento interior".

Rinpoche Sandong, do Tibetan Institute de Sarnath, os professores Krishnanath e Ram Shankar Tripathi, ambos de instituições educacionais locais, também estavam presentes na ocasião.

Antes dessa reunião de eruditos, Krishnamurti levantou duas questões: "Há alguma coisa sagrada, algo duradouro. . . na Índia, nesta parte do mundo?" E "se existe, por que esta parte do mundo está tão corrompida?"

Krishnamurti respondeu a ambas as perguntas que formulara. A primeira foi respondida no final do debate, quando várias questões haviam sido levantadas e postas de lado, e a reunião se aquietava. Quanto à segunda, ele a respondeu com base numa observação generalizada: "O interesse pessoal é a porta que impede a entrada do outro." Para Krishnamurti, o conceito de interesse pessoal era muito amplo e elástico; incluía em seu âmbito o impulso que está por trás da religião organizada.

No dia 11, Krishnamurti propôs uma terceira questão: "Onde termina o interesse pessoal e onde começa o outro?" E apesar de ele ter voltado a essa questão pelo menos duas vezes no curso do debate, não a respondeu. Deixou-a como uma questão eterna, uma dúvida que está no centro das indagações religiosas sérias.

Em 9 de novembro, Krishnamurti tinha perguntado à platéia: "Há alguma coisa aqui à qual, se existe, uma pessoa deve dedicar-se de corpo e alma?" Ele falava como alguém que tinha feito exatamente aquilo – "dedicar-se de

corpo e alma" durante toda a vida "à preservação do sagrado". É preciso lembrar que Krishnamurti aproximava-se do fim de sua longa vida, e que se dirigia a um grupo de homens que haviam passado suas vidas preservando uma tradição religiosa antiga, mas de um modo inteiramente diferente. Para Krishnamurti, esse sentido de preservação não era suficientemente bom. Ele tinha se oposto tenazmente a toda a parafernália da religião organizada — aos dogmas, igrejas, santos, rituais, livros sagrados e gurus — desde 1929, quando escreveu:

> Quando Krishnamurti morrer, o que é inevitável, vocês começarão a formar regras em suas mentes, porque para vocês o indivíduo Krishnamurti representava a Verdade. Então, construirão um templo, criarão cerimônias, inventarão frases, dogmas, sistemas de crenças, doutrinas e criarão filosofias. Se construírem grandes fundações em minha homenagem, ficarão aprisionados nessa casa, nesse templo, e então serão obrigados ter um outro Instrutor para desembaraçá-los desse templo. Mas a mente humana é tal que vocês erguerão outro templo ao redor Dele, e assim sucessivamente.

As duas primeiras palestras públicas em Rajghat foram em 18 e 19 de novembro. Krishnamurti perguntou à platéia por que eles estavam lá, e depois lhes disse que não tinha a intenção de levantar questões abstratas e teóricas, ou de ajudá-los como um guru, mas que o vissem como um amigo com quem estivessem conversando sobre os problemas da vida diária.

Durante a sessão pública de perguntas e respostas, alguém na platéia perguntou como o ensinamento podia ser mantido sem distorções. Krishnamurti aproveitou a pergunta e disse que essa questão "depende do senhor e de ninguém mais. Se isso não significar nada exceto palavras, então será como acontece com os demais. Se significar algo de muito profundo para o senhor, pessoalmente, então não será corrompido". Coerente e inflexível até o fim, Krishnamurti de-

positou sua fé nas pessoas, na sua capacidade de preservar o ensinamento na mente e nos corações.

No dia 22, no final da última palestra, ele disse à platéia que não deveria cair aos seus pés, mas que poderia segurar-lhe as mãos. E assim ele permaneceu sentado, em silêncio, por um longo tempo. Para nós era como um presságio, um sinal de que ele nunca mais voltaria.

Quando Krishnamurti veio para o Vale dos Rishis, em novembro, sabíamos que sua saúde estava debilitada. Tínhamos esperanças de que ali ele se reanimaria, como tantas vezes no passado, mas desta vez isso não aconteceu. No primeiro dia, resolvemos caminhar na direção do templo da antiga deusa Gangamma, localizado no caminho que passava pela nossa horta e por um leito seco de um rio de monção. Mas ele não pôde atravessá-lo e chegar ao pequeno bosque de tamarindos. Mais além, o vale se abria em todas as direções até as colinas que o envolviam, e que durante o crepúsculo tingiam-se de púrpura. Era uma paisagem que costumava causar-lhe admiração.

Depois disso, tentamos alguns passeios mais leves ao longo da estrada que conduz à entrada do vale. Ele voltou radiante de uma dessas caminhadas e falou da santidade do local.

À medida que o tempo passava, seus passeios diários tornavam-se mais curtos, e ele continuava a perder peso num ritmo espantoso. Mas Krishnamurti estava feliz em seu quarto, na Velha Casa de Hóspedes, rodeado por Gopalu* e Parameshwaran,** convidando pessoas para almoçar e conversando com a poupa da qual se tornara amigo. Várias vezes, do lado de fora do quarto, nós o ouvíamos dizer tranqüilamente para alguém: "Você e seus filhos certamente que são bem-vindos aqui. Mas asseguro-lhes que não irão gostar. Partirei daqui a alguns dias, o quarto será trancado, as janelas fechadas, e vocês não poderão sair."

Quando entramos no quarto, vimos o pássaro, emoldurado pela janela panorâmica, pousado no galho da espa-

* Um dos criados no Vale dos Rishis.

** O cozinheiro de Krishnamurti no Vale dos Rishis.

tódea, o penacho aberto em leque, ouvindo Krishnamurti deitado na cama e falando em tom comedido. Ele explicou que o pássaro tinha-se acostumado com sua voz e que gostava de ouvi-la. Freqüentemente, quando nós, em pequenos grupos, sentávamos no tapete do quarto, o pássaro aparecia, bicava a vidraça da janela e geralmente fazia alguma algazarra. E Krishnamurti dizia, "Aí vem o meu amigo", ou "Agora não, meu amigo".

Noutra ocasião, quando entrávamos em seu quarto, ouvimo-lo dizer, "Então, o nome da sua filha é Sujata. Sujata não era a esposa do Buda?" Pensei que ele estava conversando com a poupa, mas ele falava com Gopalu, que lhe havia contado sobre o nascimento de uma filhinha chamada Sujata.*

Apesar da saúde deficiente, Krishnamurti conversava com as crianças e com os professores da escola. Com aquelas, ele falava sobre o medo, e como é importante livrar-se dele. Com os professores, o assunto era a bondade e a sua relação com a totalidade. Quando a bondade está assim relacionada, não faz parte do passado, de opiniões recebidas; não é uma conclusão, mas uma descoberta.

Uma conferência internacional com preceptores de várias escolas de Krishnamurti, da Índia e do exterior, havia sido organizada para coincidir com a sua visita. Havia preceptores de Brockwood Park, na Inglaterra, e da The Oak Grove School, de Ojai, Califórnia. Foi a primeira conferência desse tipo e, inicialmente, Krishnamurti parecia relutante em participar. Mas, depois que começamos, ele veio com freqüência e, inesperadamente, nos provocou, questionando e zombando da nossa seriedade.

Sua última palestra no Vale dos Rishis (ele a chamou de "meu último *show*") não estava no programa, mas foi motivada por perguntas feitas a ele por um de seus instru-

* Conforme as escrituras budistas, Sujata é o nome de uma moça de casta inferior de quem o Buda primeiro aceitou comida depois de perceber que a inanição do corpo não leva à iluminação.

tores. No fim da vida, Krishnamurti continuava a fazer as perguntas que sempre formulara: O que é a bondade? O que é desabrochar na bondade? Também perguntava: Qual a origem da vida? O que é a criação?

Krishnamurti deixou o Vale dos Rishis rumo a Madras no dia 22 de dezembro. Descansou por alguns dias e então deu a primeira de suas palestras públicas nessa cidade no sábado, 28 de dezembro. Obviamente, foi uma experiência penosa; ele não estava bem certo se seria capaz de levá-la a termo. Sua elocução ressentia-se da clareza habitual, mas depois ele se animou. Encontrando dentro de si mesmo uma renovada energia, ficou ansioso para continuar a sessão programada de perguntas e respostas. Mas a sessão foi cancelada para preservar suas forças, e uma outra palestra pública foi anunciada para a quarta-feira seguinte.

Sua temperatura havia subido e os médicos foram chamados. Não encontrando nenhuma causa imediata para a febre, eles recomendaram alguns exames para diagnóstico. Krishnamurti decidiu fazer esses exames na Califórnia, sob a supervisão de um médico de confiança. As palestras em Bombaim foram canceladas e a data de seu retorno para Ojai antecipada.

Com todas as suas reduzidas energias focalizadas nas palestras de Madras, Krishnamurti passou longas horas em seu quarto. Depois, tentou cativar um novo bando de poupas, mas desta vez sem sucesso. Quando só, freqüentemente ele cantava. Enquanto o ouvíamos da sacada do lado de fora do quarto, éramos arrastados pelo ritmo da sua voz. Ele empregava a maneira sânscrita de cantar, descartando o sentido e concentrando-se inteiramente no som. Mas a letra era do último poema de Tennyson, *Crossing the Bar* [Atravessando a Barra]. Só mais tarde, refletindo sobre o significado do que tínhamos ouvido, aquelas palavras começaram a fazer sentido:

Sunset and evening star,
And one clear call for me!

And may there be no moaning of the bar,
When I put out to sea.

But such a tide as moving seems asleep,
Too full for sound and foam,
When that which drew from out the boundless deep
Turns again home.

[Estrela do ocaso, estrela verpertina, / E um nítido chamado para mim! / Que os vergalhões não se lamentem, / quando eu sair para o mar. // Mas enquanto se move, essa maré parece adormecida, / Cheia demais para o som e a espuma, / Quando o que foi arrancado das profundezas ilimitadas / Volta outra vez para o lar.]

Tendo proferido a última de suas palestras públicas no domingo, 4 de janeiro, Krishnamurti voltou toda a atenção para o destino das Fundações que haviam sido criadas em seu nome. Ele conhecia muito bem o processo pelo qual as religiões crescem quando seus líderes morrem: divinização do mestre; revisão de seus ensinamentos; alarido pela glória usurpada da sucessão. Isso tudo era fonte de sérias preocupações para ele. Tendo repudiado a religião organizada, agora ele se deparava, pela última vez, com uma organização que levava o seu nome. O que deveria ser feito? A Fundação deveria ser dissolvida? Havia algum modo de impedir que indivíduos se apresentassem como autoridades sobre os ensinamentos e o seu instrutor? Ele dirigiu estas perguntas aos membros da Fundação que lá estavam reunidos.

Alguns dos presentes eram a favor de que se dissolvessem as Fundações. Outros apontavam complicações legais quanto a isso. Durante toda a sua vida, Krishnamurti trabalhou para libertar os homens. Agora era a nossa vez de libertá-lo. Pela primeira vez no curso de muitos anos, suas perguntas voltaram-se na sua direção. No outro dia, em deferência à vontade de Krishnamurti, a seguinte cláusula foi acrescentada às Normas e Regulamentos da Fundação Krishnamurti, Índia:

Em nenhuma circunstância, a Fundação ou qualquer das instituições sob seus auspícios, ou qualquer de seus membros, apresentar-se-á como autoridade sobre os ensinamentos de Krishnamurti. Isto está de acordo com a declaração de Krishnamurti de que ninguém, seja onde for, deverá apresentar-se como autoridade em relação a ele ou a seus ensinamentos.

Antes de terminado o encontro, Krishnamurti discursou formalmente perante a Fundação pela última vez, um discurso que ele conduziu como um diálogo com Pandit Jagannath Upadhyaya.

Ele tinha muito poucas posses, que se pôs a distribuir – algumas roupas; dois guarda-louças iguais, presentes da sra. Besant para ele e para seu irmão, Nitya; miudezas; um dicionário bastante manuseado.

O último dia foi reservado ao descanso, uma preparação para o penoso vôo de volta por sobre o Pacífico. Krishnamurti retirou-se para o seu quarto e nós escutamos Pandit Upadhyaya recontar a história dos últimos momentos do Buda: nos arredores de Kuhinara, o Buda estava deitado entre duas árvores Sala, cercado por discípulos e por uma multidão de gente da cidade. Quando o fim parecia próximo, os discípulos pediram à multidão que se afastasse, para que o Iluminado pudesse, mais uma vez, ver o céu. Nesse momento, quando o vazio do céu misturou-se ao vazio do nirvana, o Buda morreu.

Panditji, mergulhado nas tradições orais do páli e do sânscrito, terminou seu discurso recitando, com grande ternura, um longo poema sobre Krishnamurti. Depois, chamou uma das suas assistentes de lado e instruiu-a: "Diga a ele para não convidar a Morte. Repita-lhe três vezes estas palavras: *Ainda há muito sofrimento neste mundo. Há pessoas que precisam da sua ajuda. Seu trabalho não terminou.*"

Ela foi até o quarto de Krishnamurti, mas as palavras ficaram presas na garganta e não pôde pronunciá-las. Vendo a dificuldade dela, Krishnamurti pediu o remédio para ajudar a passar as horas. Mas não conseguiu despejá-lo do

vidro, pois suas mãos tremiam muito. As mãos da mulher também estavam inseguras. Como uma Sujata de nossos dias, ela teve a fugaz convicção de que o remédio restauraria a vitalidade de Krishnamurti se chegasse a ele sem se derramar, mas as conseqüências seriam desastrosas se pingasse uma só gota. Foi mais um momento tenso, mas luminoso; a ação foi bem-sucedida.

Mais confiante, ela transmitiu a mensagem de Panditji, de acordo com as instruções. Krishnamurti respondeu que não queria convidar a Morte, mas não sabia por quanto tempo seu corpo resistiria; já havia perdido 6 quilos. "Sabe o que acontecerá se eu perder mais?", explicou, "Não poderei andar. Se isso ocorrer e eu não puder mais dar palestras, meu corpo morrerá – ele foi feito apenas com esse objetivo."

Nesse dia, muitas pessoas foram ver Krishnamurti, pois espalhou-se a notícia de que ele estava doente e que podia não melhorar. Para ele, foi cansativo ver a todos individualmente, mas muitos tinham vindo de longe para prestar-lhe uma homenagem.

No final da tarde, Krishnamurti foi dar o seu último passeio na praia de Adyar, onde há muito tempo havia sido "descoberto". No final da caminhada, despediu-se longamente dos quatro quadrantes, voltando-se para o leste, para o sul, para o oeste e para o norte – naquele solene adeus conhecido nos tempos antigos como "o giro do elefante".

Radhika Herzberger

AS PALESTRAS

VARANASI

DEBATE COM OS BUDISTAS
7 de novembro de 1985

*Primeiro Participante** (*P1*): Pelo que entendi até agora, o senhor diz que a vida não tem nenhum objetivo ou meta e que, portanto, não há nenhum caminho a seguir. Assim, cada pessoa confronta cada momento sozinha. Se o momento for compreendido, então o mesmo momento é o momento da ação, do conhecimento e do desejo. Esta compreensão está correta?

KRISHNAMURTI (K): Se me permite, não estamos debatendo o que é correto ou não. Senhor, este é um assunto que requer muita pesquisa.

P1: Se o senhor diz que essa não é uma questão de correção, ou qualquer outra coisa, está criando um problema para as pessoas que querem compreender.

K: Não. Pelo contrário, estou dizendo que Panditji e todos nós, incluindo a mim, vamos pesquisar. Eu não digo, "Isto está certo, isto está errado", mas que, juntos, vamos examinar.

*** O principal interlocutor desses debates com os budistas (*P1*) é Pandit Jagannath Upadhyaya.**

P1: Como pode haver um ser humano que não determina o que é correto ou incorreto, o que é bom ou não?

K: Chegaremos lá. Não digo que não haja bondade. A bondade pode ser completamente diferente da *sua* bondade, da *minha* bondade. Portanto, vamos descobrir o que é realmente *o* bem – não o seu ou o meu bem, mas aquilo que é bom. . .

P2: . . . em si.

K: Exatamente.

P1: O senhor está introduzindo uma incerteza no modo de ver as coisas ou na perspectiva filosófica.

K: Sim, mas se se começa com a certeza, termina-se com a incerteza.

P1: Isso também soa muito paradoxal – que se comece com a certeza e se termine com a incerteza.

K: É claro. Essa é a vida diária. Então, senhor, já que levantou uma questão que implica tempo, pensamento, ação, poderíamos começar com a questão de o que é o tempo? Não de acordo com o Buda, ou com alguma escritura, mas o que é o tempo? Ele irá interpretá-la de um modo, os cientistas dirão que é uma série de pequenas ações, pensamentos e assim por diante. Ou o senhor poderia dizer, bem, o tempo é morte, o tempo é vida, ou o pensamento é tempo. Certo? Então, podemos, por enquanto, deixar de lado o que outras pessoas disseram, incluindo o Buda, incluindo o que eu já disse ou não disse – apague tudo isso – e diga, "Bem, o que é o tempo?"

Esse é o único problema que temos na vida – o tempo – não apenas uma série de eventos, mas nascer, crescer, morrer, tempo como passado, futuro e presente? Nós vivemos no tempo. O momento que esperamos é tempo – eu

espero ser, eu espero tornar-me, eu espero tornar-me um iluminado; tudo isso implica tempo. Adquirir conhecimento implica tempo, e toda a vida, do nascimento à morte, é um problema de tempo. Certo, senhor? Estou sendo claro? Então, o que é isso que chamamos de tempo?

P1: O senhor falou sobre isso muitas vezes, mas o momento que é conhecimento, ação, bem como desejo, é um momento em que não há tempo.

K: Espere, espere. O senhor pode separar esse instante do resto?

P1: No instante de atenção ou observação, não há tempo.

K: O que quer dizer com observação e atenção? Desculpe-me por ser tão analítico. Mas para entendermos um ao outro precisamos ser claros sobre o significado dessas duas palavras – atenção e observação. O que acontece, na verdade, quando o senhor observa? – não teoricamente. Quando o senhor observa aquela árvore, aquele pássaro, aquela mulher, aquele homem, o que acontece?

P2: Nesse momento de observação, se for uma observação real. . .

K: Ela é real? Estou perguntando. Quando ele usa a palavra observação, o que ele quer dizer com isso? Eu posso querer dizer uma coisa, ele, outra; ela, outra, ainda.

P2: Mas o senhor está perguntando a Panditji o que *ele* quer dizer com observação. . .

K: E o que ele quer dizer com atenção. . . Senhor, posso fazer-lhe uma pergunta? Podíamos começar a debater, a ter um diálogo, uma conversa, que seja na verdade uma deliberação muito, muito boa? O senhor conhece o significado da

palavra deliberar? Ela vem de *libra*, que em grego significa equilibrar, pesar. Temos a mesma coisa no zodíaco – Libra. E de *libra* vem a palavra liberar. E também vem de *deliberare*, que em italiano significa "sentar-se, discutir, aconselhar-se um com o outro, considerar junto". Não é o senhor dando uma opinião e eu dando outra, mas ambos nos aconselhando juntos, ambos considerando, pois queremos encontrar a verdade disso. Não se trata de eu a encontrar e depois dizê-la ao senhor – isso não existe na palavra deliberar. Quando o papa é eleito em Roma, na Capela Sistina, no Vaticano, eles deliberam – as portas são trancadas, ninguém pode sair, eles têm o seu próprio lugar para a toalete, o restaurante e comida; tudo é arranjado para uma quinzena ou para alguns dias. Eles têm de decidir no prazo estabelecido. Isto é o que se chama deliberação. Portanto, podemos começar, ambos, como se nada soubéssemos?

P3: Para Panditji, é difícil.

K: Não é difícil. Eu não sei nada; nosso conhecimento é simplesmente memória. Qual o propósito do conhecimento? Digo que o conhecimento pode ser o maior perigo do mundo, o maior obstáculo. Para promover o conhecimento, nós acrescentamos, os cientistas acrescentam. Aquilo que é acrescentado é sempre limitado.

P2: É claro. Se estiver completo, não se pode acrescentar nada.

K: Sim. Portanto, o conhecimento é sempre limitado, e se se discute a partir dessa limitação, termina-se em limitação.

P2: E a assim chamada certeza é essa limitação.

K: Sim, limitação.

P2: Nós já ouvimos um bocado de coisas do senhor e compreendemos algumas delas; mas se a compreensão tiver que

ser num nível mais profundo, então alguém como o senhor tem a responsabilidade de explicá-lo, uma vez que estamos em níveis diferentes.

K: Tudo bem, tudo bem. Mas o homem diz, Krishnamurti diz, solte-se de suas amarras, vamos flutuar juntos.

P1: Mas como podemos nos aconselhar quando estamos em níveis diferentes?

K: Eu não concordo com isso. Não admito que estejamos em dois níveis.

P1: Temos uma queixa contra o senhor de que. . .

K: . . . sou um pobre cirurgião!

P1: . . . clínico, sim. Porque há todas aquelas dificuldades e conflitos lá fora. Pessoas como eu têm o privilégio de vir até o senhor receber alguma luz, mas o clínico não é capaz de dizer como enfrentar as coisas lá fora e resolver as dificuldades.

K: Então, o senhor quer primeiro resolver as dificuldades lá fora e depois abordar os problemas aqui dentro. É isso?

P1: Não, quero resolvê-los juntos.

K: Não concordo com a separação.

P1: Sim, eu aceito isso.

K: O mundo sou eu, eu sou o mundo. Agora, lá, como resolvemos o problema?

P1: Digamos que eu não faça distinção entre coisas exteriores e interiores.

K: Primeiramente, certifique-se disso. É o que o senhor realmente vê, ou é simples teoria?

P1: Para mim é teoria.

K: Senhor, antes de tudo, para mim a teoria não tem nenhum valor. Perdoe-me. Eu vejo o que está acontecendo no mundo – guerra, nacionalidades, assassinatos, todas essas coisas apavorantes que estão acontecendo –, acontecendo *realmente*. Não as estou imaginando; vejo-as acontecer debaixo do meu nariz. E quem as criou?

P1: Seres humanos.

K: O senhor admite que todos nós as criamos?

P2: Sim, claro.

K: Tudo bem. Portanto, se todos nós as criamos, então podemos mudá-las. Bem, de que maneira o senhor realizará a mudança? Outro dia, em Nova York, conheci um cientista, um médico que tinha se tornado um filósofo. Ele disse que isso tudo é conversa, que a questão verdadeira é: podem as células do cérebro realizar uma mutação em si mesmas – não através de drogas, não por meio de processos genéticos, mas podem elas mesmas dizer: Isto está errado – mude! O senhor entende? Podem as próprias células do cérebro, sem serem influenciadas, drogadas, ver o que criaram e dizer: "Isto está errado – mude!"

P1: Mas o senhor distingue o cérebro da mente.

K: Distingo; pode ser tolice, mas fiz uma distinção porque o cérebro é o próprio centro de nossas sensações.

P4: Senhor, essa também foi a minha pergunta anteontem: devemos esperar por essa mutação?

K: Não é possível. Ela avançará.

P4: Ela virá automaticamente?

K: Não.

P4: Então devemos procurar realizá-la.

K: O que o senhor fará? O senhor vê que a mutação é necessária. Certo?

P4: Sim, todos concordam.

K: Então, o que mudará isso? – nas células, não apenas nas idéias. As próprias células do cérebro contêm todas as memórias do passado. Podem essas células, sem pressão, sem influência, sem substâncias químicas, dizer: Chega, eu mudarei?

P2: Não. Se não há influência, pressão, significa que isso está acontecendo por si mesmo.

K: Não. Ouça. As células do cérebro detêm todas as memórias, todas as pressões, toda a educação, toda a experiência, tudo – é o centro do conhecimento. Certo?

P2: Sim, estão carregadas.

K: Carregadas de conhecimento de dois milhões e meio de anos. Tentamos de tudo – substâncias químicas, tortura, todas as formas de experiências para efetuar uma mudança dentro da cabeça; não tivemos sucesso. Há a engenharia genética, há todas as formas de experimentos sendo feitas para mudar esse interior, mas não foram bem sucedidas. Ainda não; talvez consigam daqui a mil anos. Então, digo a mim mesmo, por que esse cérebro depende de tudo isso – substâncias químicas, persuasão, prazer? Ele espera ser liberta-

do? Mas eu digo, "Não, obrigado, esta é uma outra forma de fuga".

P2: Esperando por alguma outra coisa.

K: Sim. Portanto, podem as células do cérebro, com todas as memórias do passado, pôr um fim nisso, agora? Esta é a minha pergunta. O que o senhor diz?

P1: Eu tenho uma outra pergunta. Tenho que ensinar meus alunos e o faço através de um processo lógico – racionalmente tantas coisas são explicadas. Ao mesmo tempo, percebo a limitação disso tudo, especialmente ao entrar em contato com o senhor – que tudo isso é artificial, teórico, muito limitado. Então, quando nos aproximamos do senhor, ouvimos o que é bom, e vamos de um ponto a outro, mas descubro no fim de tudo isso que ainda não chegamos nem perto da verdade. Portanto, isso significa exatamente que em vez de dar a volta no círculo da lógica, damos a volta nisso, o que não faz diferença.

K: Sim, senhor, são apenas explanações e nos deslocamos daquela lógica para esta. Então, vemos que a lógica tem uma limitação? Mas eu posso deixar aquela lógica sem ir para uma outra lógica, porque vejo desde o começo que a lógica tem limites – seja ela superaprimorada ou o simples senso comum?

P1: Não, as duas não podem ser comparadas, pois a outra é inteiramente lógica, que entendemos seja limitada, mas aqui não é só lógica, visto que obtemos alguns *insights*, alguma luz; mas continuamos a dar voltas mesmo assim. Não há compreensão.

K: Tudo bem. Se é assim – o que questiono –, então o senhor quer um *insight* total? É isto que implica a sua pergunta.

P1 Devíamos ficar satisfeitos com o que estamos conseguindo, mas precisamos daquela felicidade que modela o pensamento. Obtivemos pequenos *insights*, mas não a totalidade.

K: Não estou falando de felicidade; estou falando de ***insight***. O senhor quer ouvir? Eu lhe apresentarei o todo, mostrarei logicamente o todo. O senhor quer ouvir – não dizer sim, isto está certo, isto está errado? Senhor, praticamente todo escritor, pintor, cientista, poeta, guru – todos eles têm um *insight* limitado. O senhor e eu chegamos e dizemos, "Olhe, isto é limitado, e eu quero o verdadeiro *insight*, completo, pleno; não o parcial". Certo?

P1: Precisamos compreender isso. O que é *insight* pleno? É uma experiência?

K: Não, duvido que seja uma experiência. Não é uma experiência.

P2: Então tem de vir de dentro.

K: Não. Veja, o senhor já está estipulando o que deve acontecer.

P2: Ele não pode ser previsto.

K: Não se pode estabelecer leis a seu respeito. Não se pode dizer que seja uma experiência; não é.

P2: O senhor ia nos dizer como tudo isso será um todo.

K: Não tudo; as partes não fazem o todo. Sou tão desgraçadamente lógico como qualquer um dos senhores. Apenas digo que sua abordagem é errônea. Esta é a minha opinião; não diga que é uma experiência; é baseado no conhecimento. O que é baseado no conhecimento é invenção, e não criação.

P6: Senhor, ele não está dizendo que é experiência baseada no conhecimento, mas que tem de ser real, provado.

K: Não é que eu experimente alguma coisa; é real. Não compreendo sua dificuldade. Alguém chega e me conta uma história. Eu a ouço com grande atenção. É uma história bonita, bela linguagem, belo estilo; fico encantado com ela, ouço-a, e ela continua dia após dia, me absorve. Então, a história termina, dizendo "Ela acaba aqui".

P5: A história não termina para nós; o problema continua.

K: O senhor é meu amigo. Quero lhe dizer que as pessoas têm um *insight* limitado, o que é óbvio. O seu amigo aqui diz, vou lhe dizer de que maneira o senhor pode ter o *insight* total. O senhor me ouvirá? Não argumente, apenas ouça. O senhor dá arroz para o mendigo; ele não esperava nada, mas o senhor dá. Do mesmo modo, ele está me dando um presente e diz, "Pegue isto; não me pergunte por que está recebendo, quem está dando; simplesmente, pegue-o". Portanto, digo-lhe que o *insight* não depende do intelecto, não depende do conhecimento, não depende de nenhuma forma de lembrança, e não depende do tempo. A iluminação não depende do tempo. Tempo, memória, lembrança, causa não existem; então, tem-se o *insight*, o *insight* completo. Senhor, como dois navios se cruzando, à noite, um diz para o outro, "Isto é isso", e continuam. O que o senhor fará?

P4: Senhor, isso vem por meio da prática gradual ou é instantâneo?

K: Prática significa memória, tempo.

P4: Então, só pode ser instantâneo.

K: Oh, não, não, senhor, apenas ouça. Ele me diz isso e desaparece. Deixou-me com uma tremenda jóia e eu observo sua beleza. Não digo: por que ele a deu para mim, quem é ele, e assim por diante. Ele a deu para mim e disse, "pegue-a, meu amigo, viva com ela, e se não a quiser, jogue-a

fora". E nunca mais o vejo. Fico encantado com a jóia e ela começa a revelar coisas que eu nunca vira antes, e a jóia diz, "Segure-me bem junto de você, você verá muito mais". Mas eu digo, "Tenho minha esposa, meus filhos, minha faculdade, minha universidade, meu emprego; não posso fazer isso". Então, o senhor a coloca na mesa, volta à noite e olha para ela. Mas a jóia está desbotando, então o senhor tem que segurá-la, o senhor tem que afagá-la, amá-la, observá-la, cuidar dela.

Não estou tentando convencer ninguém de coisa alguma. Vemos que o nosso conhecimento é muito limitado, e o conhecimento pode ser o próprio perigo, o veneno em todos nós.

Outro dia, antes de vir à Índia, conheci três especialistas em computador – os mais atualizados. Eles estão investigando cada vez mais profundamente a inteligência artificial. E a inteligência artificial pode fazer a maioria das coisas que os seres humanos podem fazer – argumentar, ter um tremendo conhecimento, muito mais do que qualquer um de nós. Incluirá o conhecimento britânico, europeu, francês, russo, todos os Upanishads, todos os Gitas, todas as Bíblias, os Corões, tudo, e também agirá – dirá a nós o que devemos comer, o que não devemos comer, quando devemos ir para a cama para o bem da nossa saúde, quando não podemos fazer amor, tudo que podemos fazer; e já começou. E o que vai acontecer ao cérebro humano se aquela máquina puder fazer tudo o que eu posso fazer, exceto sexo ou olhar as estrelas? Qual o objetivo do ser humano? E a indústria do entretenimento – futebol, tênis, todas essas coisas – aqui, também, infelizmente, é muito forte. Portanto, se o homem for seduzido pelo entretenimento, que inclui todo o entretenimento religioso, então onde está ele? Senhor, esta é uma questão muito séria; não é apenas uma conversa trivial.

P2: Essa questão não seria levantada se houvesse mutação no cérebro, que então estaria bem adiante do cérebro atual,

pois este é memória e a máquina possui uma memória muitíssimo melhor.

K: Um pequeno *chip* como aquele armazena 600 milhões de palavras.

P2: Todas as bibliotecas do mundo estarão na máquina.

K: Eles a têm, não têm? Então, por que eu iria à biblioteca, por que ouviria tudo isso? Portanto, entretenimento.

P2: Ou mutação.

K: É isso. Essa é a pergunta que venho fazendo.

P2: Então, voltamos à questão.

P1: A meditação ocupa algum lugar nisso tudo?

K: Sim. Há alguma meditação que não seja planejada, que não seja deliberada, que não diga: pratique, pratique, pratique; que não tenha nada que ver com tudo isso? Pois, deste modo eu pratico para tornar-me um homem rico, tenho um propósito deliberado. Assim, não pode tratar-se de uma meditação como fazemos agora. Portanto, talvez haja uma meditação que não tenha nada que ver com isso tudo — e digo que há.

P2: Vamos parar por aqui?

K: Sim, paremos -- como a história.

VARANASI

DEBATE COM OS BUDISTAS
9 de novembro de 1985

Krishnamurti (K): Há algo sagrado, algo duradouro e não condicionado pelo comércio? Há alguma coisa na Índia, nesta parte do mundo?

Primeiro Interlocutor (*P1*): Certamente há alguma coisa neste país que não é influenciado por fatores externos.

K: Não foi essa a minha pergunta. Há alguma coisa aqui que não exista em nenhum outro lugar – não influenciada, não corrompida, que não se tornou feia com todo o circo que surge em nome da religião? Há algo, já aqui, a que – se existir – alguém tenha que se dedicar de corpo e alma – algo a preservar? O senhor entende?

P1: Não posso dizer, pois de certo modo não senti isso de uma maneira palpável; nem posso dizer se outras pessoas o fizeram. Mas meus estudos dos textos antigos me dão certa convicção de que há algo que pode ser experimentado de um modo claro.

K: Estou perguntando, Panditji, se há algo duradouro, que não esteja amarrado ao tempo, à evolução e todas essas coisas. Deve ser muito, muito sagrado. E se existe, então deve-se dedicar a vida a isso, a protegê-lo, a alentá-lo não por dou-

trinas e conhecimento, mas pelo sentimento, pela sua profundidade, pela sua beleza, pela sua enorme força. É isto o que estou perguntando.

P1: Queremos encontrar tal coisa, mas não temos sido capazes. E nossa experiência é tal que nos encontramos enredados em muitas teorias, em muitas tradições, em muitos sistemas. Vez por outra, ouvimos uma voz clara que nos fala sobre isso de forma convincente. Essa voz vem do senhor, mas de certo modo somos incapazes de alcançá-la. O fenômeno inteiro é comparável a uma imensa feira com muitas vozes diferentes, caóticas, oferecendo soluções.

K: O senhor não está respondendo à minha pergunta: há ou não há? Não a tradição, não um tipo de processo histórico de uma cultura antiga que declina, destruída pelo mercantilismo, mas o grande ímpeto impulsionado por algum poder, por alguma inteligência? Esse poder, essa inteligência – existe, agora? Estou repetindo a mesma coisa com palavras diferentes.

P2: Se eu tiver de responder à sua pergunta, eu diria que o senhor está falando sobre a vida.

K: Estou fazendo uma pergunta muito simples; não a complique. A Índia influenciou toda a Ásia, assim como a Grécia o fez com toda a cultura ocidental. Não estou falando da Índia geograficamente, mas como parte do mundo. Ela se espalhou rapidamente. E tinha a tremenda energia de algo original, de algo imenso; tinha o poder de mover as coisas. Isso existe aqui, ou está tudo latente? Existe agora?

P3: Não sei, senhor. Acho que existe.

K: Por quê? Por que acha que existe?

P3: Às vezes aparece, mas não com freqüência.

K: É como um sopro de ar fresco. Se o ar circula constantemente, sempre estará fresco.

P3: Está sempre circulando, está sempre fresco, mas o contato com as pessoas nem sempre é assim.

K: Entendo o que quer dizer, mas não é o suficiente.

P2: Por que o senhor quer associá-lo geograficamente a esta parte do mundo?

K: Geograficamente – vou lhe dizer. Todos os antigos, pelo que sei, adoravam as montanhas. Para os gregos, os deuses vieram das montanhas; e para os antigos sumérios, novamente as montanhas, o sentimento de que lá existe algo sagrado. Então, chegamos ao Himalaia – está tudo no *Dakshinamurti Stotra*. Os monges viviam ali, meditavam ali. Isso ainda existe ou está sendo comercializado?

P3: Isso existe e não pode ser comercializado. A comercialização é outra coisa.

K: Isso continua?

P3: Continua.

K: Por que o senhor diz que continua?

P3: Porque continua. Está...

K: O senhor está aí, fisicamente. Posso teorizar como o corpo é formado, mas o senhor ainda está aí – para tocar, sentir, ver, para realmente ver que o senhor está aí. Há tal coisa?

P3: Sim, na verdade tudo isso continua...

K: Não adianta me dizer, "Continua, continua". Se continua, por que esta parte do mundo tem sido tão corrompida, tão apavorante? O senhor não está entendendo o que estou dizendo.

P3: Desde o começo estou dizendo que isso ainda existe, mas o relacionamento, o contato com as massas. . .

K: Não estou falando sobre as massas. É o senhor, o senhor. . .

P3: Com as pessoas. . .

K: Com o senhor. . .

P3: Diminuiu.

K: Mas, por que decresceu, por que diminuiu, por que se tornou algo pequeno?

P3: As pessoas não estão interessadas.

K: Então, o que isso significa?

P3: Estão mais interessadas no comércio.

K: Sim. Portanto, acabou. Não importa. Vamos deixar essa questão. Ou é esse tremendo interesse pessoal – interesse pessoal na forma de conhecimento, na forma de budismo, de hinduísmo? É tudo basicamente interesse pessoal. E este aumenta vertiginosamente no nosso mundo; é a porta que impede a entrada do outro. O senhor entende?

Algum tempo atrás, três pessoas muito inteligentes – eram cientistas – vieram a Brockwood, e estávamos conversando. Eles tentavam chegar à inteligência artificial. Se conseguirem, então estamos todos perdidos. O conhecimento dos senhores, os seus Vedas, os seus Upa-

nishads e o seu Gita – tudo estará liquidado, pois a máquina pode repeti-lo muito melhor do que os senhores ou do que eu.

P1: A questão que o senhor apresentou propicia uma ótima oportunidade para que se coloque uma contraquestão: o que o senhor diz nos agrada, mas como vamos encontrar, experimentar e partilhar tal coisa na sociedade de hoje?

K: O senhor não pode experimentá-la. Para experimentá-la, deve haver um experimentador. Ele teve mil experiências: ele acrescenta mais uma – esta é a minha opinião. Não é uma experiência; não é algo que eu e o senhor experimentamos. É como a eletricidade. Posso admirá-la, adorá-la, mas ela está lá.

P1: Os seres humanos têm apenas um dom, que é a habilidade para a experiência, e o senhor o está negando. Depois disso, em que vamos nos apoiar?

K: Não estou negando nada, mas vejo que a experiência é algo muito pequeno. Eu experimento; e daí?

A experiência lhe dá o conhecimento de como subir a uma montanha. Nós dependemos da experiência, mas isso não pode ser experimentado. O senhor não pode *experimentar* a água; ela está lá. Posso experimentar o sexo; posso experimentar algo que me golpeia; posso experimentar alguém me elogiando.

P4: A água está lá, mas só sei disso através da experiência.

P5: O senhor só sabe porque a percebe, conhece a sua qualidade; o senhor bóia nela, mas tudo isso faz parte do conhecimento que o senhor tem dela.

P2: Mas se eu não tivesse nenhum conhecimento, não teria nenhuma experiência.

K: O que o senhor chama de experiência baseia-se na percepção sensorial. E nossas percepções sensoriais são parciais, nunca completas. Mas observar com todos os sentidos alertas — isto não é uma experiência. Eu olho para aquele pedaço de pano e digo que é vermelho, porque fui condicionado a chamá-lo de vermelho. Se o senhor tivesse sido condicionado a chamá-lo de roxo, assim o faria. O cérebro é sempre condicionado pela nossa experiência, pelas nossas respostas sensoriais — como argumentar, como negar e tudo o mais.

Se eu for católico, todo o meu comportamento em relação à religião é Jesus, a Virgem Maria e assim por diante. O senhor é hindu ou budista — desculpe-me, não estou comparando —, e tudo vem desse condicionamento. Portanto, quando se diz experiência, o senhor deve aprender ou isto ou aquilo; tudo vem de um cérebro que se tornou pequeno, condicionado.

P3: Voltamos novamente ao ponto em discussão. Nós entendemos de condicionamento, de interesse pessoal e assim por diante. Há a possibilidade de afastamento, e então eis que paramos lá.

K: Por que, senhor?

P3: Ou devo dizer que o afastamento não é absolutamente possível?

K: Ou permanecer onde o senhor está — compreende? — e não se afastar. Permanecer onde está e ver o que acontece. Isto é, o senhor nunca fica inteiro, nunca se conforma com *o que é.*

P3: Sim, isso é óbvio.

K: Espere, senhor, espere, espere. Nós nunca ficamos no mesmo lugar. Estamos sempre nos movimentando. Certo?

Eu sou isto, eu serei aquilo – é um movimento para longe *daquilo que é*.

P3: Ou permanecemos onde está *isso que é* ou ficamos fora do movimento.

K: O que é movimento?

P3: Mudança, força. . .

K: Então, temos de entender o que é o tempo, o movimento no tempo.

P3: Sim.

K: Temos de indagar o que é o tempo – aquele que vivemos diariamente: tempo como passado, tempo como presente, tempo como futuro. Então, o que é o tempo? O senhor compreende? É preciso muito tempo para aprender sânscrito, para investigar as primeiras doutrinas, as várias literaturas – o que os antigos disseram, o que disse o Buda, o que disse Nagarjuna, e assim por diante. Aprender uma técnica requer tempo; cobrir uma distância daqui até lá requer tempo. Tudo o que fazemos requer tempo. Então, é preciso indagar: o que é o tempo?

P4: Tempo é o meio de realização.

K: Sim, sucesso, fracasso, adquirir uma técnica, aprender uma língua, escrever uma carta, cobrir uma distância daqui até ali, e assim por diante. Para nós, isto é o tempo. O que é o tempo?

P4: É um movimento da mente, um movimento sutil e ininterrupto da mente.

K: Então, o que é o cérebro? O que é a mente? Não invente. Olhe. O que é o cérebro?

P5: É muito difícil distinguir entre cérebro e mente. O fluxo involuntário, quase incessante de pensamentos que afluem em estímulos desconhecidos, é o responsável pelo tempo.

K: Não, o senhor não está ouvindo. Há o tempo pelo relógio; para cobrir uma distância, para aprender uma língua, é preciso tempo. E também vivemos nesta terra há dois milhões de anos e meio. Houve uma tremenda evolução, que é tempo. O que o senhor quer dizer com tempo?

P4: Tudo o que o senhor acabou de mencionar é tempo físico. Mas o problema real do tempo parece depender de como ele funciona na psique. Há algo não resolvido que queremos resolver.

K: Senhor, antes de falarmos da mente, se me permite humildemente sugerir, o que é o cérebro?

P4: O cérebro é, possivelmente, a base física ou estrutura biológica da mente.

K: O cérebro é o centro de toda a nossa ação, de todas as nossas respostas sensoriais; é o centro de todo o pensamento, dentro da cabeça. Qual é a faculdade do cérebro que está fazendo a pergunta: o que é o tempo? Como o senhor recebe a pergunta?

P1: Depois de debatermos com o senhor, nós compreendemos que é somente a atenção total que produzirá uma total transformação. É aí que começa o problema.

K: Importa-se se eu disser uma coisa? Tempo é o passado, tempo é agora; e o agora é controlado pelo passado, modelado pelo passado. E o futuro é uma modificação do presente. Estou me expressando de um modo terrivelmente simples. Portanto, o futuro é *agora*. Assim, a pergunta é: se todo o tempo está contido no agora, todo o tempo — passa-

do, presente e futuro –, então o que queremos dizer com mudança?

P1: A palavra "mudança" não tem nenhum significado.

K: Não, espere. O agora contém todo o tempo. Se isso é um fato – um *fato*, não uma teoria, não algum tipo de conclusão especulativa –, que todo o tempo está contido no agora, isso é o futuro, isso é o presente. Não há nenhum movimento na direção de ou para. Não há *nenhum* movimento. Movimento implica tempo, certo? Portanto, não há *nenhuma* mudança. A mudança torna-se idiota. Então, eu sou o que eu sou: sou ganancioso, e digo sim.

P1: Há uma grande diferença entre nós e o senhor; podemos estar dizendo a mesma coisa.

K: Oh, não, não. Não admito nada desse tipo.

P1: O senhor está dizendo que todo o tempo é agora. Eu também digo a mesma coisa: todo o tempo é agora. Mas o que eu digo e o que o senhor diz são duas coisas totalmente diferentes.

K: Por quê?

P4: Porque ele o diz partindo da lógica e da especulação.

K: Isso mesmo. Isso significa que o tempo está operando.

P1: Como podemos remover essa dificuldade?

P4: Panditji, responda à pergunta: como podemos interromper essa corrente em que fluímos?

P1: A corrente é interrompida pela lógica. Há um grande abismo entre o senhor e nós. Eu compreendo o que o senhor

está dizendo, especulativamente. O problema é: como remover este abismo? Porque nós chegamos a uma certa confluência, em termos de entendimento.

K: Eu lhe direi. Não, eu lhe mostrarei. Por favor, não sou um guru. Isto é um fato? – o tempo é agora; todo o tempo está contido no agora, neste segundo. Na verdade, isto é a coisa mais extraordinária: ver que o futuro, o passado, é agora. Isto é um fato – e não uma idéia do fato?

P4: Há duas coisas: perceber e conceber. Agora estou concebendo, não percebendo.

K: Qual a finalidade disso?

P4: Não há finalidade, mas eu gostaria de seguir daqui – da concepção para a percepção.

K: A concepção não é um fato.

P4: A concepção não é um fato; a percepção é um fato, e estamos todos presos na concepção, no tempo. A simultaneidade da concepção e do tempo tem que ser interrompida. É preciso afastar-se da. . .

K: Quem se afasta?

P4: Quero dizer, para a percepção entrar em ação.

K: A própria expressão "entrar em ação" significa tempo.

P6: Só um minuto. Se me permitem dizer uma coisa: se todo o tempo está no agora, então não há mais nada.

K: E o que isso significa?

P6: Que se pára de olhar.

K: Agora o senhor já está preconcebendo.

P6: Não estou preconcebendo. Se todo o tempo é agora...

K: Essa pode ser a coisa mais extraordinária, se o senhor conseguir penetrá-la. Pode ser a essência da compaixão. Pode ser a essência de uma espantosa, indefinível inteligência. O senhor não pode dizer que todo o tempo é agora, se isso não for uma realidade. As outras coisas não importam. Não sei se estou sendo claro.

Senhor, se todo o tempo está contido no agora, não há movimento. O que eu faço agora, farei amanhã! Então amanhã é agora. O que tenho a fazer se o futuro – amanhã – é agora? Sou ganancioso, invejoso, e serei invejoso amanhã. Há uma possibilidade de acabar com essa ganância *instantaneamente?*

P1: Isso é muito difícil.

K: Não é difícil, absolutamente. Vejo que, se hoje sou ganancioso, invejoso, amanhã serei ganancioso, invejoso, a não ser que algo aconteça agora. É muito importante que alguma coisa aconteça *agora*. Portanto, posso modificar, mudar, *agora*?

Há um movimento que não é de tempo, se houver uma mudança radical. O senhor compreende? Há dois milhões e meio de anos atrás nós éramos bárbaros. Ainda somos bárbaros, querendo o poder, posição, matando-nos uns aos outros, invejosos, comparando, tudo isso. O senhor me fez um desafio: todo o tempo é *agora*. Não tenho como escapar, não tenho portas por onde possa escapar desse fato. Digo a mim mesmo: meu Deus, se eu não mudar agora, amanhã será a mesma coisa, mesmo que esse amanhã se multiplique por mil. Então, é possível para mim mudar totalmente *agora*? Eu digo que sim.

P4: Pode nos dizer como?

K: Não *como*. No momento em que o senhor diz *como*, já está no processo de tempo: eu lhe digo isto, isto, isto, e o senhor diz eu farei isto e isto para chegar àquilo. O senhor não pode conseguir isso porque *o senhor é o que é agora.*

P6: Isso significa que no ato de ouvir a sua afirmação, "todo o tempo é agora", há uma capacidade de aquisição.

K: Claro.

P6: Então, o ato de ouvir tem de ser purificado.

K: Portanto, senhor, não há nenhum conhecimento, nenhuma meditação, nenhuma disciplina. Tudo pára. Posso apresentar a questão de maneira diferente? Suponha, por exemplo, que eu sei que vou morrer. Há um intervalo de tempo entre o agora e a morte: isto é, morrerei no dia primeiro de janeiro. (Na verdade, eu não vou morrer no dia primeiro de janeiro!) Vamos supor que os médicos tenham dito que eu estou com câncer terminal e que não poderei sobreviver ao primeiro de janeiro. Portanto, tenho dois meses para morrer. Se todo o tempo é agora, eu estou morrendo. Logo, não tenho tempo; não quero tempo. Assim, a morte é agora. O cérebro humano pode viver com a morte o tempo todo? O senhor compreende?

Eu vou morrer – isto é certo. E digo, pelo amor de Deus, espere um minuto. Mas se eu perceber que todo o tempo é agora – isto significa que a morte e a vida estão juntas; elas nunca estão separadas. Portanto, o conhecimento está me dividindo – conhecimento de que eu vou morrer no fim de janeiro – e eu fico assustado; e digo, por favor, por favor, espere, espere, espere, tenho de fazer um testamento, tenho que fazer isto, tenho que fazer aquilo. Mas se eu vivo com a morte, eu faço isso o tempo todo; isto é, eu faço o meu testamento. Estou morrendo agora significa que eu estou vivendo. Estou vivendo e a morte é a porta ao lado; não há divórcio ou separação entre viver e morrer.

O senhor pode fazer isso, ou é impossível? Isso significa que a morte diz, "O senhor não pode levar nada consigo". O seu conhecimento, os seus livros, a sua esposa, os seus filhos, o seu dinheiro, o seu caráter, a sua vaidade, tudo o que construiu para si próprio – tudo acaba com a morte. O senhor pode dizer que há uma possibilidade de reencarnação. Mas eu lhe pergunto: o senhor pode viver agora sem o menor apego ao que quer que seja? Por que adiar isso – que é apego – até o leito do enfermo? Livre-se do apego *agora.*

P6: Podemos sentar-nos em silêncio com o senhor?

(K *aquiesce*)

P1: O senhor tinha começado o debate com a pergunta: O que é essa coisa, e, existe essa coisa neste país? *Isso* é essa coisa?

K: *(faz que sim com a cabeça; e depois de um longo silêncio)* Veja, não é difícil. E tão simples. Não quero, pessoalmente, nenhuma fama; não quero um sentimento de "eu sei e os senhores não sabem". Sou, por natureza, um homem muito humilde, tímido, respeitoso, gentil. Então, o que o senhor quer? O senhor compreende? Se puder começar nesse nível. . . Certo. Assim está bom. Deixe-me contar-lhe uma história.

Havia três homens santos no Himalaia – claro, que tinha que ser no Himalaia! Passam-se dez anos, um deles diz: "Oh, que noite encantadora!" Passam-se mais dez anos e o outro homem diz, "Espero que chova". Mais dez anos se passam e o terceiro homem diz: "Gostaria que vocês dois ficassem calados."

VARANASI

DEBATE COM OS BUDISTAS
11 de novembro de 1985

Krishnamurti (K): Senhor, eu gostaria de fazer várias perguntas. Há uma linha, uma demarcação, onde termina o interesse pessoal e começa um estado em que este não existe? Todos nós temos interesse pessoal; ele está no conhecimento, na língua, na ciência, em cada parte da nossa vida. Em cada aspecto da nossa vida há interesse pessoal, e isto tem causado danos. E até que ponto se estende? E onde traçamos a linha e dizemos: aqui é necessário, ali não é necessário em absoluto? – na vida diária; não na ciência, na matemática, no conhecimento. Estou falando factualmente, não teoricamente.

Primeiro Interlocutor (*P1*): Essa pergunta é muito difícil de responder, se são colocadas certas condições, como as dificuldades que encontramos na sociedade; mas se o senhor não estabelecer condições, então tentarei respondê-la.

K: Tudo bem, eu retiro as condições. Não as retiro; a vida é isso. Não estou estabelecendo a condição, não estou estabelecendo a lei, o modo como deve pensar, mas a vida me mostra que em todo trabalho, em todas as partes do mundo, domina o interesse pessoal. Nós jogamos com a religião, jogamos com Krishnamurti, como um brinquedo, jogamos com todo tipo de coisas, mas o fio do interesse pessoal é mui-

to, muito forte, e pergunto a mim mesmo onde ele começa, e se há um fim para isso. Onde se inicia, onde termina, ou não termina nunca? Deus é o meu interesse pessoal, e assim são as cerimônias, a erudição, a ciência. O homem lá na esquina, que vende tabaco, está cheio de interesse pessoal.

P1: Há uma cultura livresca que fundamenta a minha resposta, mas tentarei responder a partir de minhas experiências como ser humano individual.

K: Sim, como ser humano – mesmo de seus livros, de seus estudos – o senhor, e eles também, devem ter feito esta pergunta de várias maneiras.

P1: Quando tento entender a mim mesmo, olhar para mim mesmo como eu sou, factualmente, eu me coloco em certas categorias. Quando tento descobrir a mim mesmo em ação, no meu relacionamento com outras pessoas, encontro um elemento de interesse pessoal, e posso, com algum esforço, tentar me libertar dele, e me sinto aliviado até certo ponto.

K: Mas isso também é interesse pessoal.

P1: Quando tento estabelecer a minha existência, o meu ser, então minhas ações tornam-se mais egocêntricas, e à medida que eu me alivio, o interesse pessoal diminui.

K: Não, o senhor não está me entendendo. Quero ser bem simples. Quanto mais simples for o nosso pensamento, melhor será a ação, melhor o modo de olhar as coisas. O problema começa na infância – tenho de ir à escola, tenho de ler e aprender, tenho de aprender matemática. A vida como um todo torna-se um problema porque, basicamente, eu a vejo como tal. Na língua inglesa, um problema* significa algo

* Em Inglês, *problem*.

que é jogado para alguém. *Problema* vem do grego; significa uma coisa que é atirada em alguém e a que esse tem de reagir. Portanto, desde a infância, meu cérebro está condicionado a viver com problemas e com a solução de problemas – e esses problemas nunca podem ser resolvidos. Eu continuo com isso, problema após problema; toda a minha vida torna-se um problema, viver torna-se um problema. E digo: não quero viver dessa maneira, é errado viver assim. Então, eu me pergunto, o interesse pessoal cria o problema, ou a mente, o cérebro, podem libertar-se dos problemas e, portanto, atacá-los? O senhor vê a diferença? Não sei se estou sendo claro. É um fato que tenho de ir para a escola, aprender, ler, e assim por diante. Meu cérebro aos poucos condiciona-se a viver com problemas, o cérebro torna-se o problema – tudo torna-se um problema. Então, eu venho até o senhor para resolver o problema que o meu cérebro tem, problema que pode estar vinculado ao interesse pessoal.

P1: Criar ou receber problemas e tentar resolvê-los tornou-se uma regra de vida para nós, e este modo de fazer as coisas alimenta o meu ser.

K: Portanto, o seu ser é um problema. Mas o senhor não está me compreendendo. O seu ser é a identidade com o país, com a literatura, com a língua, com os deuses; o senhor passa a ser identificado; logo, criou raízes num lugar; logo, esse passa a ser o ser. Não há nenhum ser separado desse – nenhum ser espiritual, um ser-deus –, eu não acredito em nada disso; sou inteiramente cético. Então, digo a mim mesmo, por que eu, ou o senhor, fizemos com que a vida, que deveria ser vivida como uma árvore crescendo maravilhosamente, ficasse assim? Não posso viver desse jeito, *não viverei* desse jeito. Se deus existe, etc. – sou completamente indiferente a tudo isso, descarto totalmente tudo isso, e digo a mim mesmo, não viverei do jeito que o senhor está vivendo; não. Prefiro ir embora para as montanhas a viver desse jeito. Os senhores destruíram o viver, destruíram-no pelo conhecimen-

to, pela ciência, pelos computadores – os senhores destruíram o meu viver. Posso me retirar para as montanhas, mas isso não faz nenhum sentido.

P1: Por que o senhor está tão interessado em salvaguardar o que chama de viver? Suponha que eu traia, que eu interrompa esse viver, que diferença faz?

K: Não estou dizendo quero viver; não é esse o problema. O que estou perguntando é por que viver desta maneira? Não estou salvaguardando nada fazendo essa pergunta. Por que tenho de passar por todo esse processo apavorante? O sexo torna-se um problema, comer torna-se um problema, tudo é um problema. E não quero ter problemas, o que não quer dizer que eu negue a vida. Não quero problemas, portanto, eu os enfrento. Porque o meu cérebro não quer cultivar problemas, posso enfrentá-los todos.

P1: Pelo que entendi, o senhor está dizendo que os problemas não devem entrar no seu ser, não devem constrangê-lo. O senhor não quer negar a vida, mas também não quer ser afetado por problemas.

K: Não, não. O senhor me entendeu mal. Estou dizendo, do nascimento à morte, a vida é tratada como um problema: escola, faculdade, universidade, depois o emprego, o casamento, o sexo, os filhos – um deles é malcriado ou um gênio, e eu uso ou exploro o menino e continuo com a minha vida. A morte, então, torna-se um problema. Então eu digo, haverá uma vida futura, uma reencarnação, isso tudo? O senhor vê o que a humanidade fez? Isto é a vida. Por que o meu cérebro não pode ser suficientemente simples, suficientemente livre para dizer isto é um problema e resolvê-lo? Isto é, o cérebro é livre para resolvê-lo, não para acrescentar outro problema a ele.

P2: Se me permite, senhor, o problema não vem de fora; ele surge no cérebro, que se alimenta desse problema, que

cria esse problema. Por que ele não o destrói imediatamente nesse mesmo instante?

K: Porque ele não resolveu nenhum problema.

P1: O cérebro tem a capacidade de dar cabo dele?

K: Sim, mas preciso distinguir, esclarecer um ponto. O cérebro é o centro de todos os nossos nervos, de todas as nossas sensações, de todas as nossas reações, do nosso conhecimento, dos nossos relacionamentos, das disputas e de tudo o mais. É o centro da nossa consciência, e essa consciência nós tratamos como minha – a *minha* consciência. Mas ela não é minha; não está personalizada como Krishnamurti. E não é sua, porque todo ser humano na terra passa por essa tortura – dor, pesar, prazer, sexo, medo, ansiedade, insegurança, esperança de algo melhor, e assim por diante; essa é a nossa consciência. Logo, essa consciência não é sua; é humana. É a humanidade. Eu sou a humanidade – não todos os senhores e mais eu. Eu sou a humanidade.

P3: Parece-me que conhecemos dois tipos de ação: uma que é concebida pelo cérebro, calculada, e que, portanto, invariavelmente contém a semente do interesse pessoal, é motivada pelo interesse pessoal. Não acho que o cérebro seja capaz de fazer qualquer coisa que não contenha em si a semente do interesse pessoal, porque ele é o instrumento destinado a esse fim. Mas há também a ação espontânea que experimentamos ocasionalmente, que nasce do amor, não como produto do pensamento. E porque o homem não sabe o que fazer com esse tipo de ação, porque não há nada que ele possa fazer com esse tipo de ação, ele cultiva o outro – ele cultiva o que o cérebro sabe fazer bem, o que ele pode calcular, realizar, e o mundo todo, portanto, está cheio dessa atividade, dessa ação. E ela se tornou a nossa vida. Enquanto a outra ação, que é vital, é ocasional.

K: Ainda não cheguei aí, por enquanto. A mente é diferente do cérebro – totalmente dissociada – não tem nenhum tipo de revelação. O amor não tem nenhuma relação com o interesse pessoal. Não introduza o amor, por enquanto. O fato é que o amor pode existir. Podemos ter simpatia, empatia, afeição, pena – mas isso não é amor; portanto, deixo-o de lado. Por enquanto, fica assim. Amor e interesse pessoal não podem existir juntos. Problemas e amor não podem existir juntos. Portanto, os problemas não têm nenhum sentido, se o amor existe. Se o amor existe, os problemas não existem.

P3: Não estou certo de que os dois não possam coexistir. Eles são independentes; mas acho que mesmo alguém que tenha interesse pessoal e que tenha problemas, ocasionalmente age sem a interferência do cérebro – por amor. Portanto, eu não diria que a existência do cérebro nega completamente o amor.

K: Senhor, é como fracassar ocasionalmente. Eu quero ser bem-sucedido todos os dias – e não ocasionalmente. Então, pergunto a todos os senhores: onde começa o interesse pessoal e onde ele termina? Há um fim para o interesse pessoal? Ou toda ação nasce dele? Não me diga, "ocasionalmente"; Não estou interessado nisso. Ocasionalmente olho pela janela e a janela é muito estreita; estou numa prisão.

Por favor, me acompanhem por um momento. Há uma ordem formidável no universo. Um buraco negro faz parte dessa ordem. Onde quer que o homem entre, ele cria a desordem. Então eu digo: posso eu, como um ser humano que é o resto da humanidade, criar ordem em mim, primeiro? Ordem significa nenhum interesse pessoal.

P4. Senhor, o problema é que não é fácil negar, com base na consciência comum, o núcleo que acaba por moldar a si mesmo como o ego limitado, o ego aquisitivo, para o qual todos os problemas são reais, e não imaginários. Quero di-

zer, eu tenho uma doença, eu tenho a morte – de que modo podem não ser consideradas como problemas?

K: O senhor está dizendo que o ego é o problema? Por que fazemos dele um problema? Por que o senhor diz que o ego é um problema? Talvez nós o transformemos num problema e então dizemos, como vou me livrar dele? Não olhamos para o problema. Não dizemos, o ego é o problema, deixe-me entendê-lo, deixe-me olhar para essa jóia sem condená-la. A própria condenação é o problema. Está acompanhando o que quero dizer? Portanto, eu não condenarei o ego, não o eliminarei, não o negarei, não o transcenderei; mas deixe-me, primeiro, olhar para ele.

P4: Senhor, considere uma pessoa que tem um espinho no corpo e está sentindo dor. A dor do espinho é semelhante aos constrangimentos e problemas que incidem sobre o ego.

K: Não, senhor. Se eu tenho um espinho no pé, primeiro eu olho para ele, eu reconheço a dor. Pergunto a mim mesmo, por que pisei no espinho, por que não o percebi? O que há de errado com a minha capacidade de observação, com os meus olhos? Por que não vi por onde estava andando? Sei que, se o tivesse visto, não teria pisado nele. Portanto, eu não vi o espinho. Quando passo a sentir a dor, então eu ajo. Não vi aquilo que estava na frente do meu pé. Logo, minha observação é a responsável. Então eu digo, o que aconteceu ao meu cérebro que eu não vi aquilo? Provavelmente, estava pensando em outra coisa. Por que estava pensando em outra coisa quando estou andando? O senhor percebe?

P5: Mas no caso de problemas psicológicos, o observador e o observado estão irremediavelmente emaranhados.

K: Não. Estamos nos afastando do assunto. Vamos nos ater a um problema, a uma questão. Onde começa e onde

termina o interesse pessoal, e há um fim para ele? E se ele tem um fim, o que é esse estado?

P6: Posso arriscar uma resposta? Provavelmente o interesse pessoal começa com o ego em si e este começa com o corpo.

K: Não tenho certeza.

P6: Eles andam juntos. A idéia de egoidade e do meu vir-a-ser andam juntas.

K: É o senhor quem diz, mas eu não diria isso.

P6: Para a minha mente, a própria noção de ego começa com o nascimento deste corpo, e o ego e o interesse pessoal andam juntos. Este só pode terminar quando termina o ego. E uma parte do ego permanece enquanto permanecer o corpo. Assim, em última instância, ele só termina com a morte. Sem esta, apenas podemos aprimorar o interesse pessoal percebendo-o gradualmente, mas não podemos negá-lo totalmente enquanto o corpo existir. É assim que eu vejo.

K: Entendo. A ciência está descobrindo que quando o bebê nasce e está mamando, ele se sente seguro e começa a aprender quem são os amigos da mãe, quem a trata diferentemente, quem é contra ela; ele começa a sentir tudo isso porque a mãe o sente. Isso vem através da mãe quem é amigo, quem não é amigo. O bebê começa a confiar na mãe. É aí que ele começa. Ele se sentia muito seguro no útero e, de repente, expelido para o mundo, começa a perceber que a mãe é a única segurança. E então ele se sente seguro. E assim é a nossa vida. Eu pergunto se realmente há segurança.

P2: Senhor, no terremoto do México, bebês foram encontrados vivos depois de ficarem onze dias completamente soterrados e não houve nenhum dano aos recém-nascidos. E o embaixador mexicano estava me contando que a criança,

quando era retirada daquele lugar escuro, comportava-se exatamente do mesmo modo como quando sai do útero.

K: Era como ainda estar no útero.

P3: Senhor, o instinto de autopreservação existe também no animal; mas quando evoluiu no homem, começou a criar problemas. O animal não cria problemas. Se acreditarmos no que dizem os cientistas, que o homem evoluiu do animal, então ele tem todos os instintos que este possui. A diferença fundamental é que o homem tem a mais a capacidade de pensar, e essa habilidade também criou todos esses problemas. E o que o senhor está perguntando é: podemos usar esta capacidade, não para criar problemas, mas para fazer algo completamente diferente?

K: Sim, está certo.

P7: O cérebro é a fonte de todos os problemas. Ele criou o ego e também todos os problemas. O senhor sugere que o cérebro pode acabar com os problemas. Então, qual a diferença entre o cérebro que acabou com os problemas e a mente?

P6: O senhor disse que o cérebro é a fonte dos problemas e dele vem o fim dos problemas. Com esse fim, o cérebro que permanece pensa, percebe, recebe sugestões. Qual a verdadeira diferença entre o cérebro e a mente?

K: Entendo, entendo. Só um minuto. Vejam, os senhores estão fazendo uma pergunta que envolve a morte. Antes de respondê-la, direi o que é a morte. Há um provérbio italiano que diz: "O mundo todo vai morrer, talvez até eu!" Percebem a piada? Então, o que é a morte? Sabemos o que é o nascimento – mãe, pai, tudo o mais, e o bebê nasce, enfrenta toda essa tragédia extraordinária. É uma tragédia; não é uma coisa feliz, alegre, livre. É uma tragédia; tragédia maior

do que qualquer tragédia escrita por Shakespeare. Portanto, eu sei o que é o nascimento. Agora, o que é a morte? É o que estou perguntando. Respondam-me.

P1: Outro dia, quando estávamos debatendo sobre o tempo, o senhor falou de um "agora" que encerrava todo o tempo, tanto a vida como a morte. O cérebro, tendo a capacidade de ver o fluxo do viver, também possui a capacidade de revelar esse final que é a morte. Esta é a resposta.

K: Eu disse: é apego, dor, medo, prazer, ansiedade, insegurança, todas essas coisas, e a morte está lá fora, bem longe. Mantenho uma cuidadosa distância. Tenho propriedade, livros, jóias; esta é a minha vida. Eu a mantenho aqui e a morte está lá. Eu digo: junte as duas, não amanhã, mas *agora* – o que significa terminar tudo isso *agora*. Porque isto é o que a morte vai dizer. A morte diz que não podemos levar nada conosco; portanto, provoque a morte – não o suicídio –, provoque a morte e viva com ela. A morte é agora, e não amanhã.

P1: Alguma coisa está faltando aí. Posso ser capaz de provocar a morte agora e o cérebro pode ficar sossegado por algum tempo, mas tudo voltará novamente; então, volta o problema da vida.

K: Não, não. Eu estou apegado a ele, ele é meu amigo, eu vivi com ele, caminhamos juntos, jogamos juntos, ele é o meu companheiro, e estou apegado a ele. A Morte diz para mim: você não pode levá-lo consigo. Assim diz a morte, livre-se agora, não daqui a dez anos. E eu digo, muito bem, vou me livrar dele. Embora eu ainda seja amigo dele, não dependo absolutamente dele. Porque não posso levá-lo comigo. O que há de errado com isso? Os senhores não estão argumentando contra isso?

P5: O que significa que o senhor tem de acabar com todo tipo de prazer. . .

K: Não, não estou dizendo isso. Eu disse apego.

P5: Todo apego. . .

K: Isso é tudo.

P6: Senhor, é possível terminar enquanto os dois corpos existem?

K: Oh, sim, senhor. Nossos corpos não estão amarrados; são dois corpos separados. Psicologicamente, eu o considero como um amigo e lentamente vou me apegando a ele interiormente. Não me apego a ele exteriormente, porque ele vai para um lado e eu vou para outro – ele bebe, eu não, e assim por diante. Mas ele ainda é meu amigo. E vem a morte e diz: Você não pode levá-lo consigo. E isto é um fato. Então eu digo, tudo bem; um dia eu não me apegarei mais a ele.

P3: Não é que o problema surja porque o senhor obtém prazer de seu amigo ou da sua esposa, mas porque o senhor começa a utilizar esse prazer como uma satisfação para si próprio e, portanto, quer dar continuidade a isso e possuir a pessoa?

K: Sim. Logo, o que é o relacionamento? Não vou discuti-lo, não temos tempo. Veja, o senhor não está me entendendo. Eu lhe perguntei onde começa e termina o interesse pessoal. O fim é mais importante do que qualquer outra coisa? – fim? E o que é, então, aquele estado em que não há absolutamente nenhum interesse pessoal? É a morte? que significa um fim. A morte significa fim – fim de tudo. Então, ela diz, "seja inteligente, meu velho, conviva com a morte".

P3: Que significa morrer, mas mantendo o corpo. A outra morte virá de qualquer jeito.

K: Corpo? Pode dá-lo para os pássaros ou jogá-lo no rio. Mas, psicologicamente, esta tremenda estrutura que construí eu não posso levar comigo.

P3: Trata-se de um instinto, senhor? É uma herança através dos gens?

K: Sim, provavelmente. Mas os animais não pensam assim; tenho observado vários animais.

P3: Não, portanto, não tenho certeza se é um instinto.

K: Isso é tudo o que estou dizendo. Não o reduza a um instinto, senhor.

P8: Qual era a história que o senhor ia nos contar?

K: Um homem morre e encontra seu amigo no céu. Eles conversam, e aquele diz, "Se eu estou morto, por que me sinto tão mal?"

VARANASI

PALESTRA
18 de novembro de 1985

Fico pensando por que estão todos aqui. Por que nos reunimos todos aqui às margens do Ganges? Se alguém fizesse esta pergunta seriamente, qual seria a resposta? É simplesmente porque antes os senhores já ouviram este homem falar várias vezes; portanto, dizem, vamos lá ouvi-lo? Qual é a relação do que ele diz com o que os senhores fazem? São duas coisas separadas? – os senhores apenas ouvem o que ele tem a dizer e continuam com suas vidas de todos os dias? Entenderam a nossa questão?

Nós dois, como velhos amigos, sentados debaixo de uma árvore, vamos discutir, juntos, não alguns problemas abstratos, teóricos, mas a nossa vida diária, que é muito mais importante. Temos tantos problemas: como meditar, que guru seguir – se você for um seguidor –, que tipo de prática fazer, a que tipo de atividade diária se dedicar e assim por diante. E também, o que é o nosso relacionamento com a natureza – com todas as árvores, os rios, as montanhas, as planícies, os vales? O que é o nosso relacionamento com uma flor, com um pássaro? E o que é o nosso relacionamento um com o outro – não com o orador, mas um com o outro –, com a sua esposa, com o seu marido, com os seus filhos, com o ambiente, com o seu vizinho, com a sua comunidade, com o governo, e assim por diante. O que é o nosso relacionamento com tudo isso? Ou estamos isolados, preocupados com

nós mesmos, intensamente interessados em nosso próprio modo de vida?

Estamos fazendo estas perguntas como amigos de verdade, não como guru. O orador não tem a mínima intenção de impressioná-los, de lhes dizer o que fazer ou de ajudá-los. Por favor, tenham isso em mente durante todas as palestras. Ele não tem intenção *nenhuma* de ajudá-los. Vou lhes dizer por que, vou lhes dizer a razão, a lógica disso. Os senhores tiveram muitos gurus, milhares deles, muita gente para ajudar – cristãos, hindus, budistas, todo tipo de líder –, não apenas políticos, mas os assim chamados religiosos. Os senhores tiveram grandes líderes e pequenos líderes. E onde estão os senhores ao fim desta longa evolução?

Possivelmente, vivemos nesta terra há um milhão de anos, e durante essa longa evolução continuamos bárbaros. Podemos ser mais limpos, mais rápidos na comunicação, ter mais higiene, melhores transportes e assim por diante, mas moralmente, eticamente e – se me permitem usar a palavra – espiritualmente ainda somos bárbaros. Matamos uns aos outros, não apenas na guerra, mas também por palavras, por gestos. Somos muito competitivos. Somos muito ambiciosos. Cada um está preocupado consigo mesmo. O interesse pessoal é a nota dominante da nossa vida – preocupação com o nosso próprio bem-estar, com a nossa segurança, com as nossas posses, com o poder, e assim por diante. Não estamos preocupados com nós mesmos – espiritualmente, religiosamente, nos negócios? Na verdade, no mundo inteiro, todos estamos preocupados com nós mesmos. Isto significa nos isolarmos do resto da humanidade. Isto é um fato; não estamos exagerando. Não estamos dizendo algo que não seja verdade.

Onde quer que se vá – este orador percorreu o mundo todo e ainda viaja – o que está acontecendo? Aumenta o número de armamentos, a violência, o fanatismo, e o grande e profundo sentimento de insegurança, de incerteza e separação – você e eu – é uma característica comum da humanidade. Por favor, estamos encarando os fatos, não teo

rias, não algum tipo de afirmação teórica, filosófica, distante. Estamos olhando para os fatos. Não para os *meus* fatos em oposição aos *seus*, mas fatos. Todos os países do mundo, como devem saber, estão adquirindo armas – todos os países, sejam pobres, sejam ricos. Certo? Olhem para o seu próprio país – a imensa pobreza, a desordem, a corrupção, todos os senhores sabem disso, e a compra de armas. Costumava ser uma clava para matar o outro; agora pode-se vaporizar a humanidade aos milhões com uma bomba atômica ou uma bomba de nêutrons. Uma imensa revolução está ocorrendo, da qual sabemos muito pouco. O processo tecnológico é tão rápido que da noite para o dia aparece uma coisa nova. Mas, eticamente, somos o que temos sido durante um milhão de anos. Os senhores percebem o contraste? Tecnologicamente, temos o computador, que pode sobrepujar o homem, que pode inventar novas meditações, novos deuses, novas teorias. E, meus amigos – isto é, os senhores e eu –, o que vai acontecer com nossos cérebros? O computador pode fazer quase tudo o que os seres humanos conseguem fazer, exceto, claro, fazer amor ou olhar para a lua nova. Isto não é uma teoria; está acontecendo agora. Portanto, o que vai acontecer conosco enquanto seres humanos?

Queremos entretenimento. Provavelmente, isso faz parte da idéia que fazem de entretenimento, vir aqui, sentar, ouvir e concordar ou discordar, e voltar para casa e continuar com as suas vidas; é uma espécie de entretenimento, como ir à igreja, ao templo, à mesquita, ao futebol ou ao *cricket*. Por favor, isto não é um entretenimento. Os senhores e eu, o orador, devemos pensar juntos, e não apenas sentar calmamente e absorver uma estranha atmosfera, uma *punya*; desculpem-me, não é nada disso.

Vamos pensar juntos, sensatamente, logicamente, olhar para a mesma coisa juntos. Não como *os senhores* olham, como *eu* olho, mas juntos observar nossa vida diária, que é bem mais importante do que qualquer outra coisa – observá-la a cada minuto do nosso dia. Então, primeiramente, vamos pensar juntos, não apenas ouvir, concordar ou discor-

dar, o que é muito fácil. Desejamos fervorosamente que pudessem pôr de lado a concordância e a discordância! Isto é muito difícil para a maioria das pessoas que estão ansiosas demais para concordar ou discordar. Nossas reações são tão rápidas; nós classificamos tudo – homem religioso, homem não-religioso, mundano, e assim por diante. Portanto, se puderem, nesta manhã pelo menos, ponham de lado a concordância e a discordância, e apenas observem juntos, pensem juntos. Farão isso? Deixem completamente de lado a sua opinião e a minha opinião, o seu modo de pensar e o modo de pensar da outra pessoa, e apenas observem juntos, pensem juntos.

A concordância e a discordância dividem as pessoas. É ilógico dizer, "sim, eu concordo com você", ou "eu não concordo com você", porque os senhores estão ou projetando, agarrando-se à sua opinião, ao seu julgamento, à sua avaliação, ou descartando o que foi dito. Então, nesta manhã, só por diversão, por entretenimento, se preferem, vamos esquecer nossas opiniões, nossos julgamentos, nossas concordâncias ou discordâncias e deixar o cérebro verdadeiramente limpo – não de forma devocional, emocional ou romântica, mas um cérebro que não se envolva em todas as complicações de teoria, opinião, aceitação, dissensão. Podemos fazê-lo?

Então, vamos prosseguir. O que é o pensamento? Todo ser humano no mundo, do mais ignorante, do mais rude, da pessoa mais humilde de uma pequena vila, ao mais altamente sofisticado cientista, tem algo em comum – o pensamento. Todos nós pensamos – o aldeão que nunca leu nada, que nunca foi à escola, à faculdade ou à universidade, e a maioria dos senhores aqui, que estudaram. O homem que senta sozinho lá no Himalaia, ele também pensa. E este pensamento persiste desde o começo. Então, primeiro, os senhores devem fazer a pergunta: o que é o pensamento? O que é isso sobre o que os senhores pensam? Primeiro, respondam a essa pergunta – não a partir dos livros, do Gita, ou dos Upanishads, ou da Bíblia, ou do Corão.

O que é o pensamento? Nós vivemos pelo pensamento. Nossa ação diária é baseada no pensamento. O senhor

pode pensar de um jeito, e ele pode pensar de outro jeito, mas ainda é pensamento. Então, o que é? Pode-se pensar se não se tem memória? Os senhores podem pensar no passado e no futuro – o que farão amanhã ou na próxima hora, ou o que fizeram ontem ou nesta manhã? –, o que no mundo tecnológico do computador chama-se arquitetura. Então, temos de descobrir, juntos, não o modo de pensar dos indianos ou dos europeus, ou o modo particular de pensar do budista, do hindu, do muçulmano, do cristão, ou de qualquer outra seita, mas o que é o pensamento. A não ser que realmente entendamos o processo do pensamento, nossa vida sempre será muito limitada. Assim, temos de examinar muito profundamente, muito seriamente, todo o processo do pensamento que modela a nossa vida. O homem criou deus pelo seu pensamento; deus não criou o homem. Deve ter sido um deus muito medíocre que criou estes seres humanos que estão lutando uns com os outros, perpetuamente. Portanto, o que é o pensamento e por que temos criado problemas com ele?

Por que temos problemas? Temos uma porção deles problemas políticos, problemas financeiros, problemas econômicos, os problemas de uma religião contra a outra, problemas aos milhares. O que é um problema e qual o significado da palavra problema? Segundo o dicionário, significa algo repentinamente lançado em alguém, um desafio, algo que se tem de olhar de frente, que se tem de encarar. Não se pode evitá-lo, não se pode fugir dele, não se pode eliminá-lo; ele está lá, como um dedo dolorido. Por que durante toda a nossa vida, do momento em que nascemos até a morte, temos problemas – com a morte, com o medo, com centenas de coisas? Os senhores estão fazendo esta pergunta, ou eu a estou fazendo para os senhores? Desde o momento em que nascem, os senhores têm problemas. Vão para a escola lá, têm de ler, de escrever, e isso torna-se um problema para a criança. Um pouco mais tarde, ela tem que aprender matemática, e isto torna-se um problema. E a mãe diz, "faça isto, não faça aquilo", e isso torna-se um problema.

Assim, desde a infância, somos educados com problemas, nosso cérebro é condicionado com problemas; ele nunca está livre de problemas. Quando os senhores crescem, tornam-se adolescentes, fazem amor, aprender a ganhar dinheiro, a seguir ou não a sociedade – tudo isso torna-se um problema. E no fim os senhores se submetem à sociedade, ao ambiente. Todo político do mundo resolve um problema e, assim, cria outros problemas. Já notaram isso? O próprio cérebro humano – que fica dentro desta cabeça – tem problemas. Então, pode ele libertar-se de problemas para resolver problemas? Compreendem a minha pergunta? Se o cérebro não está livre de problemas, como ele pode resolver qualquer problema? Isto é lógico. Certo? Portanto, o cérebro, que carrega a memória, que adquiriu um tremendo conhecimento industrial, tem sido alimentado, educado, para ter problemas. Agora estamos perguntando se esse cérebro, primeiro, pode libertar-se dos problemas, de modo a poder resolvê-los. Os senhores podem primeiro libertar-se dos problemas? Ou isso é impossível? Nosso cérebro está condicionado pela estreiteza de várias religiões; pela especialização, pelo ambiente em que vivemos, pela nossa formação, pela pobreza ou pela riqueza, pelos votos que os senhores fizeram como monges. (Não sei por que, mas os senhores fizeram os votos e eles tornam-se uma tortura, um problema.) Portanto, nossos cérebros estão extraordinariamente condicionados como homens de negócios, como donas de casa, e assim por diante. E desse estreito ponto de vista olhamos para o mundo.

Logo, temos de discutir a questão não apenas de ter problemas, mas também do que é o pensamento. Por que pensamos? Há um modo diferente de ação? Há um modo diferente de abordar a vida, de viver o dia-a-dia, que em absoluto não requeira pensamento? Primeiramente, teremos de olhar muito de perto, juntos; descobrir por nós mesmos e então agir. Portanto, vamos discuti-lo. O que é o pensamento? Se os senhores não pensassem, não estariam aqui. Os senhores tomaram providências para vir aqui, em determinada hora, e também o fizeram para voltar. Isto é pensamen-

to. O que é o pensamento, filosoficamente? Filosoficamente, significa o amor à verdade, o amor à vida – e não passar num exame na universidade. Portanto, vamos descobrir, juntos, o que é o pensamento.

Se os senhores não tivessem nenhuma memória sobre o ontem, absolutamente nenhuma, os senhores pensariam? Claro que não – não podem pensar se não têm memória, certo? Então, o que é a memória? Os senhores fizeram alguma coisa ontem, e isso está registrado no cérebro e, de acordo com essa memória, os senhores pensam e agem. Os senhores se lembram de alguém que os tenha elogiado, de alguém que os tenha ferido, dizendo coisas feias. Isto é, a memória é a conseqüência do conhecimento. E o que é o conhecimento? Isso é um tanto difícil. Todos nós acumulamos conhecimento; os grandes eruditos, os grandes professores, cientistas adquirem um tremendo conhecimento. Então, o que é o conhecimento? Como ele opera? O conhecimento vem quando há experiência. Alguém sofre um acidente de automóvel – isto torna-se uma experiência. Dessa experiência nasce o conhecimento. E deste conhecimento vem a memória. Da memória vem o pensamento. Certo? Então, o que é a experiência? É aquele incidente, o acidente com o carro, que é registrado no cérebro como conhecimento. Experiência, conhecimento, memória, pensamento: isto é lógico não é o meu modo de encará-lo ou o dos senhores encará-lo.

Portanto, toda experiência, seja a experiência de deus ou a sua, é limitada. Os cientistas a aumentam a cada dia, e o que pode ser aumentado é sempre limitado, certo? Eu sei pouco, e tenho de saber mais – o senhor está acrescentando. A experiência de algo é sempre limitada e há algo mais a ser acrescentado. Logo, a experiência é limitada, o conhecimento é limitado – para sempre. Por conseguinte, a memória é limitada, e o pensamento é limitado, certo? E onde há limitação, há divisão – como os sikhs, os hindus, os budistas, os muçulmanos, os cristãos, o democrata, o republicano, o comunista. Todos eles baseiam-se no pensamento

e, portanto, todos os governos são limitados, toda a atividade dos senhores é limitada. Seja pensando da forma mais abstrata ou tentando ser muito nobre, ainda é pensamento, certo? Assim, dessa qualidade limitada do pensamento, pois este é sempre limitado, nossas ações são limitadas. Agora, os senhores começam a indagar com todo o cuidado: o pensamento pode ter o seu justo lugar e nenhum outro? Entendem a minha pergunta? Há alguma ação que esteja livre da limitação? Isto é, sendo o pensamento limitado, nós reduzimos todo o universo a uma coisa muito pequena. Transformamos a nossa vida nessa coisa pequena, como o pensamento: devo ser isto, não devo ser aquilo, devo ter poder. Estão acompanhando? Nós reduzimos a imensa qualidade da vida a uma coisa pequena e insignificante.

Então, é possível ficar livre do pensamento? O que significa, tenho de pensar para vir aqui; se sou um burocrata, tenho de pensar em termos de burocracia; se vou para a fábrica e aperto parafusos, devo ter um certo conhecimento para isso. Por que eu deveria ter conhecimento sobre mim mesmo? – sobre o eu superior, sobre o eu inferior e tudo mais? Por que devo ter conhecimento sobre isso? É muito simples – é o interesse pessoal; na verdade, só estou preocupado comigo mesmo. Podemos fingir que há espírito fraterno, podemos falar sobre a paz, jogar com as palavras, mas somos sempre egocêntricos. Assim, surge daí a pergunta: com esse egocentrismo, que é na essência um profundo egoísmo, pode haver alguma mudança efetiva? Podemos ser totalmente altruístas? Então, temos de indagar: o que é o ego?

O que são os senhores, independentemente do nome e da profissão, de seus votos, de seguir algum guru? O que são os senhores? Ou me expressarei de outro modo – os senhores são o seu nome, a sua profissão; os senhores fazem parte da comunidade, fazem parte da tradição? Não repitam o que diz o Gita, os Upanishads ou seja lá quem for; isso é inútil. O que os senhores são, *na realidade*? Esta é a primeira vez que esta pergunta é feita aos senhores – o que os senhores são? Os senhores são o seu medo, o seu nome, o seu

corpo? Os senhores não são o que pensam que são, a imagem que construíram de si mesmos? Os senhores não são tudo isso? Não são a sua raiva? Ou a raiva está separada dos senhores? Vamos lá, senhores, os senhores não são os seus medos, as suas ambições, a sua ganância, a sua competição, a sua insegurança, a sua confusão, a sua dor, o seu pesar – não são tudo isso? Não são o guru que seguem? Então, não são tudo isso com que se identificam? Ou são algo mais elevado – o superego, a superconsciência? Se os senhores dizem que têm uma superconsciência, um eu superior, isto também faz parte do pensamento; portanto, aquilo que é chamado de pensamento superior, de eu superior, ainda é muito pequeno.

Então, o que os senhores são? Eu digo que os senhores são um feixe de tudo aquilo que é associado pelo pensamento. O que quer que os senhores pensam, isso os senhores são. Pode-se inventar todo tipo de coisa, mas essa invenção também é o que o homem é. Certo? Juntando tudo, isso chama-se eu, meu ego, minha personalidade, meu eu superior, meu deus. E eu invento todo esse tipo de coisas. Quem juntou tudo isso? Ou há uma só estrutura? Quem dividiu tudo isso? Quem disse que sou hindu ou muçulmano? Isso é uma propaganda? Quem criou a divisão entre os países? O pensamento? Ou foi o desejo, a aspiração de ser identificado, de estar seguro?

Estou perguntando respeitosamente quem criou a divisão? Foi o pensamento? É claro, mas por trás do pensamento há algo mais. Quem está fazendo tudo isso, salvo o pensamento? O que é o desejo, o que é o anseio, o que é o movimento que há por trás disso? É a segurança, não é? Eu quero estar seguro; é por isso que sigo um guru. Quero estar seguro em meu relacionamento com os senhores, com a minha mulher – ela é a *minha* mulher –, segura, protegida, a salvo. O desejo, o anseio, a resposta, a reação, é por segurança – eu tenho de estar seguro, a salvo.

Todos nós queremos segurança, mas nunca perguntamos: existe alguma segurança? Existe algum lugar em que

eu posso dizer que estou a salvo? O senhor desconfia da sua mulher, sua mulher desconfia do senhor. O senhor desconfia do seu patrão porque quer o lugar dele. É tudo muito sensato. Podem achar graça agora, mas cada ser humano quer ter um lugar onde possa estar a salvo, seguro, onde não haja competição, onde não seja maltratado, importunado. Os senhores não querem tudo isso? Mas nunca perguntam: existe alguma segurança? Se a querem, devem também fazer a pergunta: existe alguma segurança?

Então, surge a questão: por que os senhores querem segurança? Há segurança em seus pensamentos? Há segurança em seus relacionamentos – com a mulher e com os filhos? Há segurança no emprego? O senhor pode ser um professor, cuidadosamente protegido, mas há professores mais qualificados; então, o senhor quer tornar-se o vice-chanceler. Onde está a segurança? Pode não haver nenhuma segurança, em absoluto. Pensem nisso, senhores, vejam que beleza – não ter nenhum desejo de segurança, nenhum anseio, nenhum sentimento, de qualquer tipo, em que haja segurança. No lar, no escritório, na fábrica, no parlamento, e assim por diante, há segurança? Talvez a vida não tenha segurança; a vida foi feita para ser vivida, não para criar problemas e depois tentar resolvê-los. É para ser vivida e acabar. Este é um de nossos medos – morrer, certo?

Portanto, nesta manhã, aprendemos um com o outro – e não ajudamos um ao outro –, aprendemos, ouvimos de verdade o que o orador está dizendo? Os senhores ouviram com os ouvidos, viram os fatos do mundo que são os senhores – pois o mundo são os senhores? Ou tudo são idéias? Há uma diferença entre fato e idéia; a idéia nunca é o fato. A *palavra* "microfone" não é *o* microfone, este objeto que está na frente do orador. Mas fizemos da palavra o objeto. Portanto, os hindus não são os senhores – a *palavra* não são os senhores. Os senhores são o *fato*, não a palavra. Então, podemos ver a palavra, ver que ela não é o objeto? A palavra "deus" não é deus. A palavra é totalmente diferente da realidade.

Assim, perguntamos o mais respeitosamente possível: o que aprenderam nesta manhã, o que *realmente* aprenderam, de modo que agirão, e não apenas dirão sim, certo, e irão para casa, e continuarão como antes. O mundo está num grande caos. Não sei se o percebem; há muitas dificuldades no mundo, muita miséria. Os senhores estão confusos, portanto, estão criando tudo isso no mundo que os cerca. Se não alterarem a si próprios, o mundo não pode alterar-se, não pode mudar. Porque, no mundo, aonde quer que se vá, cada ser humano passa pelo mesmo fenômeno pelo qual os senhores estão passando — incerteza, infelicidade, medo, insegurança, desejo de segurança, de controle, o seu guru é melhor do que o meu, e assim por diante. Entendem?

O orador não é um otimista nem um pessimista. Estamos lhes apresentando os fatos, não os fatos do jornal. Estamos conversando sobre as *suas* vidas, não a vida de um guru, ou de um imperador, ou de alguma outra pessoa. Estamos falando, juntos, sobre as suas vidas. Elas são como as do resto do mundo. Os seres humanos são tremendamente infelizes, inseguros, desditosos, desempregados aos milhões, submetidos à pobreza, à fome, ao sofrimento, à dor, assim como os senhores; os senhores não são diferentes deles. Podem chamar-se de hindus ou muçulmanos, ou de cristãos, ou do que quiserem, mas, conscientemente, lá dentro, são como o resto do mundo. Os senhores podem ser morenos escuros, eles podem ser morenos claros, ter um governo diferente, mas todo ser humano partilha deste mundo terrível. *Nós* fizemos o mundo — compreendem? *Nós* somos a sociedade. Se querem que a sociedade seja algo diferente, os senhores têm de começar, têm de pôr suas casas em ordem, as casas que são os senhores.

VARANASI

PALESTRA
19 de novembro de 1985

Podemos continuar com o que estávamos conversando ontem? Como dissemos, estamos fazendo uma longa viagem juntos, num trem, uma viagem muito longa, pelo mundo todo, uma viagem que começou há dois milhões e meio de anos. Durante esse longo intervalo de tempo e distância, tivemos muitíssimas experiências, e estas estão armazenadas no nosso cérebro, seja no nível consciente, seja nas camadas mais profundas do inconsciente. E, juntos, os senhores e o orador, vamos examinar, explorar. Não que só o orador fale – nós estamos falando juntos. O orador formula as palavras, e estas têm um significado muito importante – não apenas o vocabulário, mas a sua profundidade, a significação da palavra, o seu sentido.

Como estamos viajando juntos, os senhores não podem simplesmente dormir. Não podem apenas dizer, "sim, eu concordo" ou "eu discordo". Nós discutimos isso; não estamos concordando ou discordando. Estamos simplesmente olhando da janela, vendo por que coisas extraordinárias o homem tem passado – experiências, dores, pesares, que coisas insuportáveis o homem criou para si mesmo e para o mundo. Não estamos tomando partido, pró ou contra, esquerda, direita, centro – por favor, compreendam isso com muito cuidado.

Isto não é um encontro político, não é um entretenimento; é uma reunião séria. Se querem entreter-se, devem

ir ao cinema, ao jogo de futebol. No que diz respeito ao orador, este é um encontro muito sério. Ele já falou no mundo todo: infelizmente, ou felizmente, talvez tenha criado alguma reputação, e provavelmente os senhores vieram aqui por causa dela, mas isso não tem nenhum valor. Então, vamos examinar juntos, sentar juntos nesse trem, fazer uma viagem infinitamente longa. Não estamos tentando impressioná-los, forçá-los a olhar para algo.

Estamos olhando para a nossa vida diária e para todo um passado de um milhão de anos. É preciso ouvir todos os sussurros, ouvir cada momento, ver tudo como é – não como os senhores desejariam que fosse, mas o que vêem da janela do trem à medida que ele passa – as colinas, os rios, a extensão de água, e toda a beleza ao redor. Vamos falar um pouco sobre a beleza? Interessaria aos senhores? Este é um assunto muito sério, como tudo na vida. Provavelmente, os senhores nunca perguntaram o que é a beleza. No momento, vamos indagar sobre o que é a beleza porque o trem está passando pela paisagem mais maravilhosa – as colinas, os rios, as grandes montanhas vestidas de neve, vales profundos, e não apenas as coisas que estão fora dos senhores, mas também a estrutura interior e a natureza do seu próprio ser – o que os senhores pensam, o que sentem, o que são os seus desejos. É preciso dar ouvidos a tudo isso – não só aos nossos pensamentos internos, sentimentos, e às nossas opiniões e julgamentos, mas também ao som do que as outras pessoas estão dizendo – o que a sua mulher está dizendo, o que o seu vizinho está dizendo; ouça o som daquele corvo, sinta a beleza do mundo, a beleza da natureza. Não diga apenas sim, certo, errado, isto é o que eu penso, isto é o que não devo pensar; não siga simplesmente uma tradição, mas, tranqüilamente, sem nenhuma reação, veja a beleza de uma árvore.

Então, juntos, vamos falar sobre a beleza. O que é a beleza? Alguns de vocês já foram a museus? Provavelmente não. Não vou levá-los aos museus; não sou nenhum guia. Mas, em vez de olhar para os quadros, para as estátuas dos

gregos antigos, dos egípcios antigos, dos romanos e dos modernos, estamos olhando, perguntando, indagando, querendo descobrir o que é a beleza. Não a forma, não uma mulher ou um homem, ou uma criança pequena que seja extraordinariamente bela - todas são –, mas o que é a beleza? Estou fazendo a pergunta, senhores. Por favor, respondam primeiro para si mesmos, ou nunca pensaram sobre isso? Não a beleza de um rosto, mas a de uma relva verde, de uma flor, das grandes montanhas cobertas de neve, e os vales profundos, e as águas serenas de um rio. Tudo o que está do lado de fora, e os senhores dizem, "que belo!" O que a palavra "beleza" significa? É muito importante descobrir, pois temos tão pouca beleza na nossa vida diária. Se atravessarem Benares, perceberão -- as ruas imundas, a poeira, a sujeira. E vendo tudo isso, como também a suavidade de uma folha ou a afetuosa generosidade dos seres humanos, os senhores indagam seriamente sobre essa palavra que é usada pelos poetas, pintores e escultores, como estão fazendo agora. Que qualidade é essa da beleza? Querem que eu responda ou os senhores o farão? O cavalheiro diz, o senhor responde, porque nós não sabemos. Por quê? Por que não sabem? Por que não pesquisamos essa importante questão? Os senhores têm os seus poetas, dos antigos até agora. Eles escrevem sobre ela, cantam-na, dançam, e os senhores dizem que não sabem o que é a beleza? Como os senhores são estranhos!

Então, o que é a beleza? A mesma pergunta expressa em outras palavras é: o que são os senhores? Qual é a natureza, a estrutura, excetuando o fator biológico dos senhores? Isso está intimamente relacionado com o que é a beleza. Quando vocês olham para uma montanha coberta de neve, quando olham para os vales profundos, para o azul, para as grandes colinas, o que sentem, qual a reação dos senhores a isso tudo? Por um segundo, ou por alguns minutos, os senhores não ficam absolutamente fascinados pela grandeza, pela imensidão do vale verde, pela luz extraordinária e pelo céu azul contrastando com as montanhas vestidas de neve? O que acontece com os senhores no momento em que

olham para tudo isso – para a grandeza, a majestade dessas montanhas? O que sentem? Por um momento, ou por alguns minutos, os senhores existem? Entenderam a minha pergunta? Por favor, não concordem; vejam bem de perto. Nesse momento, quando olham para algo grande, imenso, majestoso, por um segundo os senhores não existem – esqueceram suas preocupações, a mulher e os filhos, o emprego, toda a confusão de suas vidas. Nesse momento, os senhores ficam atordoados. Nesse segundo, a grandeza varreu toda a sua memória, por um segundo apenas; e então os senhores voltam. O que acontece durante esse segundo em que os *senhores* estão ausentes?

Aquilo é a beleza – entendem? –, quando os *senhores* não estão presentes. Com a grandeza, a majestade de uma montanha ou de um lago, ou com aquele rio, de manhã, em seu curso dourado, por um segundo tudo foi esquecido. Isto é, quando o ego não está, há a beleza. Onde os *senhores* não estão com todos os seus problemas e responsabilidades, com suas tradições e com toda aquela tolice, então há beleza. Como uma criança com um brinquedo, enquanto o brinquedo é complexo e ela brinca com ele, o brinquedo a absorve, toma conta dela. No momento em que o brinquedo se quebra, ela volta ao que quer que estivesse fazendo. Nós também somos assim. Somos absorvidos pela montanha; ela é um brinquedo para nós, por um segundo, ou por alguns minutos; depois, voltamos ao nosso mundo. Mas sem um brinquedo, sem serem absorvidos por algo maior, vocês podem livrar-se de si próprios? Entendem a minha pergunta? Os senhores não entendem isso; são inteligentes demais; estão cheios de conhecimento, de experiência, e assim por diante. Esta é a dificuldade de todos os senhores – muito saber. Não são suficientemente simples. Se forem bem simples, profundamente simples, descobrirão algo extraordinário.

Falamos por algum tempo sobre a beleza. Agora vamos olhar para nós mesmos. Nós criamos o mundo – os senhores, este orador, seus antepassados, as gerações passadas. O que significa isso? matarmo-nos uns aos outros, mutilarmo-nos,

dividirmo-nos: o meu deus, o seu deus. Por que esta sociedade é tão feia, tão brutal, tão cruel? Quem criou este mundo monstruoso? Não estou sendo pessimista nem otimista, mas olhem para o mundo, para as coisas que estão acontecendo aí fora: países pobres comprando armas, o seu país comprando armas, e a imensa pobreza, a competição — quem criou tudo isso? Os senhores dirão que foi deus? Ele deve ser um deus confuso. Então, quem criou esta sociedade, quem a formou? Os senhores a formaram? Não só os senhores mas os seus pais, os seus bisavós, as gerações passadas de um milhão de anos — eles criaram esta sociedade com a sua avareza, inveja, competição. Eles dividiram o mundo economicamente, socialmente, religiosamente. Encarem os fatos, senhores. Nós formamos esta sociedade, somos responsáveis por ela — e não deus, e não fatores externos, mas cada um de nós criou esta sociedade. O senhor pertence a este grupo e eu pertenço a um outro grupo; o senhor adora a um deus e eu adoro a um outro deus: o senhor segue um guru e eu sigo outro. Então, nós dividimos a sociedade, não apenas socialmente, mas também religiosamente. Geograficamente, dividimos o mundo — Europa, América, Rússia; dividimos a cultura — cultura ocidental e cultura oriental; temos divisões no governo — socialista, democrático, republicano, comunista, e assim por diante. Compreendem, senhores, como funciona o nosso cérebro? Ele divide, divide, divide. Não notaram esse fato? E dessa divisão vem o conflito.

Portanto, os senhores criaram esta sociedade; os senhores *são* a sociedade. Logo, a não ser que os *senhores* mudem radicalmente, nunca conseguirão mudá-la. Os comunistas tentaram mudá-la, forçando as pessoas, secretamente, perversamente, a se submeterem a várias formas de coerção. Os senhores devem saber disso tudo: é história. Assim, onde há divisão deve haver conflito; esta é a lei. E, aparentemente, gostamos do conflito, vivemos num eterno conflito. Então, devemos voltar e descobrir qual a causa disso tudo. É o desejo? É o medo? É o prazer? É evitar toda dor e, portanto, toda culpa? Vamos começar a descobrir por nós mesmos o

que é o desejo. Esta é a base — desejo de ter poder, desejo de realizar, desejo de tornar-se alguém. Não somos contra o desejo, não estamos tentando nos tornar alguém. Não somos contra o desejo, não estamos tentando suprimi-lo ou transcendê-lo, como os monges. Devemos, juntos, compreender o que é o desejo.

Os senhores estão interessados em descobrir qual a raiz do desejo? Querem que eu explique? Mas a explicação não é a coisa, a descrição não é *aquilo*. Quando alguém descreve uma bela árvore, a descrição não é a árvore. Usamos as palavras para transmitir alguma coisa uns para os outros, mas as palavras, as descrições, não são o fato. A *palavra* "esposa" não é a esposa. Se puderem entender este simples fato, irão tratá-la melhor.

Então, o que é o desejo e por que ele nos domina? Qual é o seu lugar, qual a sua natureza? Monges do mundo inteiro suprimem o desejo ou querem transcendê-lo ou identificá-lo com certas imagens, com certos símbolos, com certos rituais. Mas o que é o desejo? Já fizeram esta pergunta? Ou os senhores sucumbem ao desejo, sejam quais forem as conseqüências?

Vivemos pela sensação, não é? — comida melhor, casa melhor, esposa melhor. A sensação faz parte da vida, assim também o sexo — é uma sensação, um prazer, e temos muitíssimos prazeres, prazer da posse, e assim por diante. A sensação é um aspecto extraordinariamente importante da nossa existência. Se não tiverem nenhuma sensação, os senhores estão mortos, certo? Todos os seus nervos morrem, o cérebro definha. Vivemos pela sensação; ela é o toque, o sentir, como um prego subitamente furando o dedo — isto é sensação; os senhores chamam de dor. Lágrimas, riso, humor fazem parte da sensação. Os senhores querem mais poder, mais dinheiro, e o "mais" faz parte da sensação. A cada segundo, cada reação — intelectual, teórica, filosófica — faz parte da sensação. Vivemos pela sensação — estejam certos disso , isto é, pelos sentidos que respondem: bom sabor, mau sabor; está amargo, está doce. A sensação é natural, é inevitável, faz parte da vida.

O que acontece quando os senhores têm uma sensação? Quando vêem algo muito bonito — um carro, uma mulher, um homem, ou uma bela casa — o que acontece? Viram aquela bela casa, viram os jardins, viram a beleza da paisagem, e como a casa é construída, em estilo elegante e com senso de nobreza. Então o pensamento se apressa, faz uma imagem dessa sensação, e diz, "Eu gostaria de ter essa casa". Nesse momento nasce o desejo. Quando se dá um formato, uma forma, à sensação, então, nesse segundo, o desejo nasce. Quando vejo algo que não tenho, como uma casa ou um carro, a sensação torna-se dominante. Quando o pensamento lhe dá uma imagem, quando se apressa em dizer, "eu gostaria de tê-la", nesse momento nasce o desejo. Certo? Compreenderam a sutileza, a profundidade disso? Quando o pensamento dá uma forma, uma estrutura, uma imagem à sensação, nesse segundo nasce o desejo.

Agora a pergunta é: a sensação pode não ser apanhada pelo pensamento, que é também uma outra sensação? Entenderam? Depois da sensação, esperem algum tempo antes que o pensamento lhes dê um formato — um intervalo entre a sensação e o pensamento que lhe dá forma. Façam-no e aprenderão bastante com isso. Quando houver um tempo entre a sensação e o pensamento — um intervalo, longo ou curto —, os senhores entenderão a natureza do desejo. Aí não há nenhuma supressão, nenhuma transcendência. Se o senhor dirige um carro, sem conhecer o seu mecanismo, ficará sempre nervoso com a possibilidade de que aconteça algo de errado. Mas se já o desmontou e o montou cuidadosamente, conhecendo todas as partes, então o senhor domina o mecanismo, não tem medo, pois pode montá-lo de novo. Portanto, se o senhor compreende a natureza do desejo, de que modo ele começa, então não tem medo dele, sabe o que fazer.

Há mais uma coisa que os senhores e o orador devem discutir juntos. Nós vivemos durante milhares de anos e nunca compreendemos a natureza do medo. Qual é a fonte do medo, qual a sua causa? Aparentemente, o medo nunca termina — o medo biológico bem como o medo psicológico,

interior — o medo da morte, o medo de não ter, de não possuir, o medo da solidão — temos tantos medos. Destes medos, os senhores criam deuses, rituais, hierarquias espirituais, gurus, todos os templos do mundo. E nós perguntamos: o que é o medo? Não a sua forma particular de medo, não o meu medo, o seu medo, mas o medo? Como eu disse, se compreenderem o mecanismo do carro, não terão medo dele. Portanto, se os senhores conhecerem, perceberem, entenderem a natureza do medo, sua causa, sua raiz, então o transcenderão, e o medo irá embora. Vamos fazer isso nesta manhã.

Estamos perguntando o que é o medo, qual a sua causa — não como acabar com ele, não como transcendê-lo, controlá-lo, suprimi-lo e fugir dele, como os senhores estão fazendo, mas qual é a causa, a fonte do medo? Pensem bem. Analisem por um momento. Tomem o seu medo, o seu medo particular; qual o seu funcionamento? — A segurança? O desejo de ter mais? Se não descobriram, perguntem ao orador qual é a causa. Vocês a ouvirão?

Ouvirão mesmo? Vou explicar, mas a explicação não é a coisa. A palavra "medo" evoca medo nos senhores? O medo é um fato; a palavra não é o fato. Portanto, a explicação não é um meio para acabar com o medo. Temos que examinar então o que é o tempo, porque o tempo é medo: amanhã alguma coisa pode acontecer, minha casa pode cair, minha mulher pode arranjar outro homem, meu marido pode fugir — e eu estou com medo. Medo do passado, medo do futuro, medo do presente: eu fui aquilo, eu não serei aquilo, mas eu não sou aquilo agora — todo esse processo é um movimento no tempo. Daqui para lá há um movimento, e este precisa de tempo. Todo movimento é tempo.

O passado modela o presente. O passado está em ação agora, e o futuro é modelado pelo presente — modificado. As circunstâncias mudam, certos incidentes ocorrem, então o passado é modificado, mudado, alterado, e o futuro é o que acontece agora. Todo o tempo — o passado, o presente e o futuro — está contido no *agora*. Isto se aplica à vida; não é apenas uma teoria. Os senhores foram alguma coisa

ontem; hoje ocorre um incidente que muda, modifica, altera ligeiramente o passado, e o futuro é o que os senhores são agora. Isto é: o passado, o presente e o futuro são agora; o amanhã é agora. Se não houver nenhuma mudança *agora*, os senhores serão exatamente os mesmos que eram antes. Eu penso que sou um hindu, com toda a folia de circo que há por trás disso, e amanhã serei um hindu. Isto é lógico. Portanto, o que se faz agora interessa muito mais do que o que se fará amanhã. Então, o que vão fazer se amanhã é agora? Este é um fato; não é uma teoria minha ou sua; é um fato. Eu sou ganancioso agora, e se não fizer nada a respeito disso agora, serei ganancioso amanhã. Os senhores podem parar de ser gananciosos hoje? Farão isso? Não, claro que não. Então os senhores serão o que têm sido. Este tem sido o padrão da humanidade por milhões de anos.

Os senhores não se importam em matar. Sejam honestos. Os senhores não se importam em matar, consentem, querem que o seu país seja forte. Certo? Não fiquem com vergonha -- isto é um fato. Então, os senhores compram armamentos. Se não pararem de ser indianos agora, serão indianos amanhã. Portanto, eu pergunto, o que farão *agora*? Parem de ser indianos, está bem? Sabem quais são as implicações? -- não o passaporte, não o papel --, mas não estarem associados a *nenhuma* religião, a *nenhum* grupo; são todos falsos. Isso é possível? Os senhores o farão? Percebem que se não houver nenhuma mudança agora, *hoje*, os senhores serão exatamente os mesmos amanhã? Isto não é ser otimista ou pessimista; isto é um fato. Compreendem a sua seriedade? Se não houver nenhuma mudança radical *agora*, eu serei o mesmo amanhã.

Portanto, o tempo é um fator no medo. E o medo é um fator comum em toda a humanidade. Pode esse medo -- e não uma parte dele --, mas a raiz do medo, ser totalmente destruído? -- isto é, não haver mais *nenhuma* espécie de medo. O orador diz que isso é perfeitamente possível, que isso pode ser feito radicalmente. O orador diz que o medo pode acabar por completo. Não digam que isso é para o ilu-

minado e todas aquelas bobagens. Os senhores podem acabar com ele se se empenharem com o cérebro e o coração totalmente, não parcialmente. E então verão por si mesmos a imensa beleza que aí existe; um sentimento de total liberdade – não a liberdade de um país ou de um governo, mas o sentimento da imensidão da liberdade, da grandeza da liberdade.

Farão isso – hoje, agora? A partir de hoje, vendo a causa do medo, acabem com ele. Enquanto houver medo – biologicamente, fisicamente, psicologicamente –, ele nos destrói. Então, pode-se perguntar, depois de ouvirem esse fato, não teoria, o que vão fazer? O tempo é a causa do medo e do pensamento; portanto, se não mudarem agora, não mudarão nunca. É um adiamento constante.

VARANASI

PALESTRA
22 de novembro de 1985

Vamos discutir juntos muitas coisas nesta manhã, e, como dissemos, não somos o único orador; os senhores vão partilhar com o orador todas as questões que serão debatidas. Participar e não apenas ouvir casualmente. Nas duas últimas palestras, tratamos de várias coisas: do medo e de toda a agonia do homem; dos problemas que temos de enfrentar e que nunca parecemos resolver; discutimos isso com cuidado. Os problemas existem porque nossas mentes estão cheias de problemas; portanto, não há liberdade para que eles sejam examinados. Também discutimos a questão do pensamento – por que o pensamento tornou esta vida tão insuportável. O pensamento produziu muitos conflitos, guerras durante dois milhões e meio de anos, o que significa que praticamente a cada ano nos matamos uns aos outros – em nome de deus, em nome do patriotismo, o meu país contra o seu, a nossa religião contra a sua, e assim por diante. E falamos também sobre a natureza do pensamento; por que ele divide os homens ou os reúne para realizar um certo projeto, como, por exemplo, ir à lua. Para construir aquele foguete, provavelmente tiveram que juntar mais de 300.000 pessoas, todas cumprindo sua pequena tarefa com perfeição. Ou nos juntamos numa situação de crise como a guerra, que nasce do ódio, ou nos unimos em torno de alguma questão nacional, ou quando há uma grande calamidade, como um

terremoto ou uma erupção vulcânica. Fora isso, nunca estamos juntos.

Se me permitem sugerir, nesta manhã devemos ficar juntos, já que estamos sentados aqui juntos, e concentrar energias para que possamos pensar com clareza nas muitas questões que, juntos, iremos levantar. Isso significa ativar nossos cérebros, que são um tanto indolentes, lentos, monótonos, repetitivos. Portanto, estamos juntos mantendo nossos cérebros alertas. Temos não apenas que manter em atividade o organismo físico, porque ele fornece energia, mas também conservar o cérebro muito lúcido e ativo. Não um cérebro especializado, como o de um filósofo, o de um cientista, o de um físico, e assim por diante. Esses cérebros especializados tornam-se muito limitados. Filosofia, segundo o dicionário, significa amor à verdade, amor à vida, amor à sabedoria – e não só adicionar mais e mais teorias ou citar alguém e explicar o que eles citaram.

Não sei se alguma vez discutiram a questão do aprendizado, o que é aprender. Agora vamos, juntos, descobrir o que isso significa. Geralmente consideramos o aprendizado como uma memorização. Na escola, na faculdade, na universidade, vocês memorizam. E essa memória pode ser usada para se ganhar a vida, conquistar poder, posses, prestígio, patrocínio, e assim por diante. Há um outro tipo de aprendizado? Conhecemos o aprendizado comum – na escola, na faculdade, na universidade, ou quando se aprende uma técnica para tornar-se um excelente carpinteiro ou encanador, ou cozinheiro. Então, o que é aprender? Já pensaram sobre isso? Quando estão memorizando, o cérebro está cheio de memórias. Isto é simples. A memória multiplica, mantém as pessoas de certa forma alertas; vocês aprendem cada vez mais. Então, o orador lhes pergunta – há um tipo diferente de aprendizado que não seja meramente memorização?

Esta é uma pergunta muito importante, porque o cérebro registra cada incidente, cada tipo de memória. Quando os senhores se machucam, isso é registrado, mas os senhores nunca indagam *quem* está machucado; daqui a pou-

co chegaremos lá. Portanto, o cérebro está registrando; veja a importância disso. Ele tem de registrar, senão nós não estaríamos aqui. Então o cérebro está constantemente registrando, descartando. Agora, é necessário esse registro? Ocorre um incidente com o seu carro – um acidente; este é instantaneamente registrado, porque você se machuca ou o carro é danificado. O cérebro tem a capacidade, a energia, não apenas para registrar mas também para salvaguardar a si próprio. E nós perguntamos: é necessário registrar tudo? Ou podemos registrar somente aquilo que é necessário e nada mais? Já fizeram essa pergunta a si mesmos? O cérebro registra para a sua própria segurança, de outra forma os senhores e eu não estaríamos sentados aqui. Os senhores registraram quanto tempo levaram para chegar aqui, e assim por diante. Perguntamos: é necessário registrar certas coisas, totalmente desnecessárias, em que a psique esteja envolvida? Entenderam a minha pergunta? É necessário registrar quando os senhores são elogiados ou quando são insultados? É necessário registrar essas coisas?

O registro forma a psique. Esta é uma questão muito séria. A psique, que é formada de vários elementos, características, *ethos*, está contida no cérebro, que chamamos de consciência. Nesta estão contidos os medos, as memórias, etc. Então, perguntamos novamente, é necessário formar a psique? A psique significa o ego, que é todas as memórias, as atividades do pensamento, a imaginação, a fascinação, o medo, o prazer, o pesar, a dor. É o registro que compõe toda a psique, o "eu", a *persona*.

Então, perguntamos, é necessário registrar para formar o ego? Os senhores já pensaram sobre isso, olharam ou investigaram, discutiram a questão do registro, como fariam com outros assuntos filosóficos, religiosos? Pode ser necessário registrar certas coisas e *totalmente desnecessário* registrar outras – veja a beleza disso –, de modo que o cérebro não esteja sempre condicionado na memória, para que fique extraordinariamente livre, mas ativo. Esta é a primeira questão.

Portanto, aprender ***não é registrar***. Debatemos esta questão com psiquiatras em Nova York. Eles ficaram fascinados com a idéia de não registrar, de forma que as células do cérebro se alterem a si próprias. Nossos cérebros são formados de células, etc. – não sou um profissional – e nas células do cérebro estão as memórias. E vivemos dessas memórias – o passado e todas as lembranças que temos. E quanto mais velho se fica, mais se retrocede, cada vez mais, até a morte. E é importante aprender para descobrir se o cérebro precisa registrar tudo. Esquecimento e não-registro são duas coisas completamente diferentes. Quando os senhores são feridos, não fisicamente mas psicologicamente, interiormente, dizem, "estou ferido". Os senhores estão todos feridos, não estão? Desde a infância até ficarem velhos e morrerem, estão sendo feridos o tempo todo. Então dizem, "não posso mais suportar as feridas, estou tão ferido. Estou apavorado". Eu construo um muro ao meu redor, me isolo – tudo isso é conseqüência de se estar ferido.

Mas quem está sendo ferido? O senhor diz, "sou eu". Então o que é esse "eu"? O senhor simplesmente diz, "eu", o ego, qualquer palavra que vier, mas não investiga quem é o "eu", quem é a *persona*. Quem é o senhor – um nome, uma posição, se for suficientemente afortunado ou desafortunado; um emprego, uma casa, um apartamento e um título depois do nome? Aí estão as imagens que o senhor construiu de si mesmo, de modo que quando diz que está ferido, as imagens ao seu redor estão feridas. Mas todas essas imagens são o senhor – o senhor é um físico, o senhor é um médico, o senhor é um filósofo, o senhor é um membro do parlamento, ou um engenheiro. Já notaram como as pessoas são apresentadas pela profissão que exercem? Portanto, o ego, a psique, a *persona*, é a imagem que o senhor construiu de si próprio.

O senhor construiu uma imagem da sua mulher, e ela construiu uma imagem do senhor – essas imagens se relacionam. Veja o que está acontecendo. As ***imagens*** se relacionam – não as pessoas, mas as imagens – e o senhor vive disso. Por-

tanto, o senhor nunca conhece a sua mulher ou o seu marido, ou o seu amigo. Ou não se importa em conhecer, mas o senhor tem a imagem. A pergunta é: pode-se viver sem uma única imagem? Vejam as implicações, a beleza, a liberdade disso tudo.

Nós devíamos discutir, juntos, por que fazemos todo esse esforço na vida. Por que fazemos um esforço tão imenso para realizar as coisas? Fazemos esforços tremendos para meditar, para viver, para lutar uns contra os outros – opinião contra opinião, julgamento contra julgamento, eu concordo com o senhor, eu discordo dele. Por que todo esse esforço? Para quê? – para ganhar dinheiro, para a família, por afeição, para sentir que o senhor deve ser amado por alguém?

Quando os senhores fazem essa pergunta, então devem perguntar o que é o amor? O amor é esforço? – eu devo amá-los; portanto vou fazer um esforço para tanto. Pode haver amor quando há ambição? Senhores, por favor, isso é sério; isso não é para alguém que não se importa com os outros, que só quer impor sua vontade. O amor é ambição, é cobiça, é egocentrismo? O amor é o oposto do ódio?

Nós sempre estivemos lutando – o bem contra o mal, durante toda a vida. Vê-se nas pinturas que simbolizam o bem e que simbolizam o diabo. Na mitologia grega, e em outras mitologias, é o touro branco contra o touro negro, ou o bem combatendo o mal nas diferentes formas, símbolos, e assim por diante. Ainda fazemos isso – o bem combatendo o mal. O bem está separado do mal? O bem nasce do mal? Se o bem está relacionado com o mal, então ele não é o bem. Se o bem nasce, se vem do mal, então não é bem. Isso é simples, não é? Mas se o mal está totalmente divorciado do bem, se não existe nenhuma relação entre o bem e o mal, então há somente o mal e o bem, completamente separados um do outro. Portanto, eles não podem lutar.

Então, temos que indagar, o que é o bem? E os senhores têm que perguntar: o amor pode conter o ódio? Ou o ódio não tem nada que ver com o amor – logo, não há nenhuma relação entre os dois, e portanto eles não podem lutar

um com o outro? Esta é uma pergunta importante para que possam compreender, examinar. Os senhores sempre dizem, "hoje eu não fui bom, mas serei bom amanhã", ou "hoje eu fiquei zangado, mas não ficarei zangado amanhã". Esta é a relação entre o bem e o mal. O amor não tem absolutamente nada que ver com o ciúme; o amor não tem absolutamente nada que ver com o ódio. Onde há ódio, prazer, ansiedade, e assim por diante, o amor não pode existir. E o orador põe em dúvida se os senhores amam alguém de verdade.

O que é o amor? Como ele ocorre? Os senhores realmente fazem esta pergunta, ou eu a estou fazendo pelos senhores? O amor pode existir onde há sofrimento? A maioria de nós sofre de uma forma ou de outra – ao fracassar num exame, nos negócios, ou na política, ou no relacionamento com a mulher, ou no relacionamento com alguém que está acima de nós – que pode ser o seu guru ou qualquer outra figura conceituada. Então, quando o senhor não consegue ser bem sucedido, fica deprimido, triste. Ou fica pesaroso porque vive numa vilazinha e não sabe ler e escrever, não sabe dirigir um carro, ou não pode tomar banho quente, ou usa uma roupa suja. O homem bem posicionado – ele também sofre.

Portanto, todos nesta terra – todos –, do mais rico ao mais pobre, do mais poderoso ao menos poderoso, todos sofrem. O sofrimento não é *seu*, porque todos sofrem. Não é o *meu* sofrimento; é sofrimento. Será que os senhores estão entendendo? Meu filho morre e eu fico terrivelmente abalado. Choro e digo, "meu Deus, perdi o meu filho", e isso torna-se um problema perpétuo. Choro toda vez que vejo um menino ou uma menina. E sofro a dor da solidão, do pesar.

Se há sofrimento, não há amor. Por favor, percebam isso. Se eu sofro, sofro, sofro, isso em parte é devido à autocomiseração, à preocupação pessoal, do tipo: "minha dor é diferente da sua dor", "meu guru é mais forte do que o seu", "meu Deus é diferente do seu". Então, há um fim para o sofrimento? Ou a humanidade deve passar por isso a vida toda? O orador diz que pode haver um fim. De outra forma, não há amor. Derramo lágrimas o tempo todo, sofro, e o se-

nhor vem até mim e diz, "todo ser humano na terra sofre; não é o seu sofrimento, todos nós participamos dele". Eu me recuso a aceitar essa afirmação porque adoro o meu sofrimento, sou feliz no meu sofrimento, e quero estar sozinho com ele.

Para reconhecer isso é preciso muita indagação, convicção, discussão, dizendo, "não é só seu. Fique com um pouco, mas ele não é só seu". Isso significa que não há autocomiseração, e também que se está partilhando a carga do sofrimento com o resto da humanidade. Prossigam, senhores, pensem nisso, olhem para isso. O senhor não está separado da humanidade. Pode ter uma posição melhor, melhores títulos, mais dinheiro, mas o senhor faz parte da humanidade, sua consciência faz parte da humanidade. A sua consciência contém todas as coisas pensadas, imaginadas, temidas pelo senhor. Isso é a sua consciência, e também a consciência da humanidade. A humanidade tem medo, mágoa, dor, ansiedade, lágrimas, insegurança, confusão. Coisas a que todo ser humano na terra está sujeito, e o senhor é como os outros. Portanto, os senhores não são indivíduos. Eu sei que o meu corpo é diferente do seu – a senhora é mulher, e eu sou homem. Mas estamos no mundo como uma unidade. Quando esse relacionamento é sentido, o senhor é o resto da humanidade. Então, ocorre algo totalmente diferente, não apenas palavras, imaginações, mas o sentimento disso, a imensidão disso.

Devemos falar sobre a morte. Desculpem-me. Numa bela manhã, sentado debaixo das árvores, tranqüilo – nenhum trem passando sobre a ponte –, falar sobre a morte pode parecer mórbido, pode parecer feio. Agora, juntos, vamos examiná-la, partilhá-la – não apenas os senhores ouvindo e eu falando. Então, o que é a morte? Por que ficamos tão assustados com ela? Por que reservamos a morte para daqui a dez, vinte ou cem anos? É preciso, pois, perguntar não apenas o que é a morte e o morrer, mas também o que é o viver. O que é a sua vida? – escritório das nove às cinco, como escriturário, como governador, como operário, ou seja lá o que for, pelo resto da vida, exceto quando se aposentar como um

velho maluco. E a sua vida é criar os filhos, sexo, prazer, dor, pesar, ansiedade, problemas e mais problemas – doença, médicos, operações cesarianas, dor ao dar à luz. Esta é a sua vida. Estão de acordo? E chamam a isso de viver. E o senhor agüenta isso, gosta disso e quer cada vez mais. Certo? E a morte é posta de lado o maior tempo possível. E nesse intervalo de tempo, o mesmo modelo é repetido. Os seus filhos, os netos, todos vivem de acordo com esse mesmo modelo que os senhores chamam de viver.

Então digo a mim mesmo: por que não transformar isso que é chamado de morte em vida? Os senhores não podem levar nada consigo – nem mesmo tudo o que seu guru disse e tudo o que os senhores tentavam seguir, nem a mobília, a mulher, os filhos, nem toda a prata que guardaram, todo o dinheiro no banco. Já que não podem levar nada com os senhores, por que não deixar que a vida e a morte se encontrem? Entendem o que estou dizendo? Por que não deixar que a morte venha hoje? Não o suicídio – não estou falando em suicídio. Por que não ficar, agora, totalmente livres do apego – que é a morte? Desapeguem-se completamente – hoje, não amanhã. Amanhã é a morte. Então, por que não posso me livrar *agora* dos apegos, de modo que o viver e o morrer estejam juntos o tempo todo? Será que os senhores vêem a beleza disso? Essa condição lhes proporciona um enorme sentimento de liberdade. Assim, o viver e o morrer ficam juntos, sempre. Não se trata de algo para assustar. Se o cérebro pode fazer isso, então ele mostra uma capacidade totalmente diferente. Não tem ganchos, nenhum sentimento de passado, de futuro, de presente. É *viver* – é realmente um caminho sem fim de vida. Isto é, cada dia é um novo dia. Não interpretem mal o que estou dizendo – o futuro é agora.

Não há isso de "eu nascerei de novo numa próxima vida". Esta é uma idéia à qual os senhores estão apegados. Dá-lhes grande alívio, mas se acreditam na reencarnação, então devem agir corretamente agora, porque na próxima vida vão pagar por isto ou ser recompensados. Esta é uma idéia reconfortante, mas não tem sentido. Porque, se agirem correta-

mente agora, não tem sentido ser recompensado por isso. Probidade é probidade, não o que os senhores vão ganhar com isso. Esta é uma atitude mercantilista, uma atitude mecânica.

Temos de falar sobre religião. O que é a religião? Esta é uma das perguntas importantes da vida. Há templos por toda a Índia, mesquitas no mundo todo, igrejas no mundo todo e seus sacerdotes belamente enfeitados, belamente vestidos, medalhões, e assim por diante. Este tem sido um dos problemas dos tempos mais antigos: o sacerdote e o rei – o sacerdote queria o poder, o rei também queria o poder. Mas o sacerdote era mais forte, pois era quem escrevia, lia, e o rei tinha de prestar-lhe obediência, porque supunha-se que o sacerdote era o homem mais sábio. E aos poucos o rei foi dizendo, "isto não está bem"; então houve uma guerra entre o sacerdote e o rei. Vocês encontrarão esta situação em muitos livros; é história.

A palavra "religião" tinha um significado muito complicado numa determinada época, mas agora tornou-se um símbolo, um ritual, uma superstição. Isso é religião, ou a religião é algo completamente diferente, algo que não tem nada que ver com rituais, símbolos, pois tudo isso foi inventado pelo homem? Por quererem o poder, a posição, os sacerdotes passaram a usar chapéus novos, roupas novas, deixaram a barba crescer, rasparam a cabeça – e tudo isso é chamado de religião. Para um homem comum, ponderado, razoavelmente inteligente, isso é tolice, pura tolice. Se ele descartar todas essas coisas, se desistir de ser um hindu com todas as suas superstições, símbolos, adoração, prece, então será um homem sério; não será um mercador de palavras.

Senhores, o orador não está estabelecendo a lei. Vamos falar sobre isso, investigar, examinar juntos. Nossos cérebros não param de tagarelar. Já notaram? – Tagarelando, tagarelando, tagarelando ou imaginando, continuamente em ação. Nunca há um momento de silêncio. E silêncio também é repetição – "Ram, Ram", ou o que quer que se repita. Quando se repete algo mecanicamente, como vocês repetem a palavra, aos poucos o cérebro, por meio da repetição, torna-se

entorpecido e calmo; e essa calma é uma coisa maravilhosa. Os senhores pensam que realizaram algo extraordinário e saem repetindo isso para os outros, e o povo, crédulo, diz "sim, sim". Sua meditação é uma série de realizações. Podem livrar-se de toda essa bobagem? Para o orador, é uma grande bobagem, é como ir ao circo.

Temos de indagar o que é a meditação e o que é o silêncio. O silêncio leva em conta o espaço. Não pode haver silêncio no tempo. Precisamos discutir essa questão da meditação, do espaço, do tempo, e se este tem um fim. Não estamos dizendo aos senhores como devem meditar. Não perguntem *como* meditar. Isto é como dizer a um carpinteiro de que modo ele deve construir uma bela estante. Se ele for um bom carpinteiro, não é necessário dizer nada. Sua meditação, agora, é realização.

A palavra "meditação" significa "ponderar sobre, pensar, considerar, olhar cuidadosamente para". Também quer dizer "medir", de *ma* em sânscrito. Quando fazemos uma comparação – "eu era assim hoje, estarei assim amanhã" –, isso é "medida". E medida não tem lugar na meditação. A medida é necessária em todas as tecnologias – seja ao construir uma cadeira ou o mais sofisticado foguete para ir à lua.

A meditação implica libertar-se totalmente de comparações, de avaliações – e isso é difícil. Meditar é algo maravilhoso, se você sabe o que faz. Quem medita é diferente da meditação. Enquanto houver o meditador, não há meditação, porque aquele está preocupado consigo mesmo – em saber como está progredindo, o que está fazendo. Na meditação não há, de forma alguma, o meditador. Vejam por si próprios a beleza, a profundidade, a sutileza disso. A prática da meditação não é meditação – sentar-se e fazer com que a mente fique cada vez mais entorpecida, dizendo "sim, fiquei aqui durante uma hora". (A propósito, meu senhor, não toque meus pés, é sumamente indigno para um ser humano. Pode segurar minha mão, mas não os pés; é desumano, indigno.)

Portanto, a meditação não é algo que se pratica, como se faz com um violino, com um piano. Praticar significa que

se quer atingir certo nível de perfeição. Mas na meditação não há nenhum nível, não há nada a ser atingido. Assim, não existe meditação consciente, deliberada; ela é totalmente não-dirigida, totalmente — se posso usar este termo — "inconsciente". Não é um processo deliberado. Vamos deixar assim. Podemos passar muito tempo falando disso — uma hora, um dia inteiro, a vida toda, até chegar a uma conclusão.

Agora vamos falar do espaço. Porque meditação é isso — espaço. Não temos espaço no cérebro. Há espaço entre dois conflitos, entre dois pensamentos, mas ele ainda se encontra na esfera do pensamento. Então, o que é espaço? O espaço contém o tempo? Ou este inclui todo espaço? Falamos sobre o tempo. Se o espaço contém o tempo, então não é espaço. Então ele está circunscrito, limitado. Portanto, pode o cérebro estar livre do tempo? Senhores, esta é uma questão tão ampla e importante; não parece que tenham chegado a uma conclusão.

Se a vida, toda a vida, está contida no *agora*, os senhores percebem o que isso significa? Toda a humanidade são os senhores. Toda a humanidade — porque o senhor sofre, ele sofre; a consciência dele é a sua consciência; a sua consciência, o seu ser, é ele. Não há nenhum *senhor* e *eu* limitando o espaço. Portanto, terá fim o tempo — não no relógio, que pára se não se dá corda, mas no que diz respeito ao movimento global do tempo?

O tempo é movimento, é uma série de incidentes. O pensamento também é uma série de movimentos. Portanto, tempo é pensamento. Assim, dizemos que se o espaço contém o tempo, não é espaço. Então, terá fim o tempo? O que significa, terá fim o pensamento; o que significa terá fim o conhecimento; terá fim a experiência? — isso é a liberdade total. E *isso* é meditação. Não é sentar e olhar — o que é infantil. Isso exige não apenas muito do intelecto, mas requer também percepção interior. O físico, o artista, o pintor, o poeta têm uma percepção limitada. Estamos falando de uma percepção intemporal. Isso é meditação, isso é religião, e esse é o caminho a seguir para viverem, se quiserem, o resto de seus dias.

VARANASI

DEBATE COM OS CAMPISTAS
21 de novembro de 1985

Krishnamurti (K): Espera-se que isto seja uma conversa entre nós. Os senhores vão fazer as perguntas, questionar o orador; juntos, vamos debater, discutir, trocar idéias, refletir, ponderar, pesar as coisas. Não haverá aqui uma pessoa respondendo às suas perguntas ou esclarecendo suas dúvidas, nem um orador tecendo considerações e os senhores concordando – isso é um tanto infantil –; em vez disso, vamos conversar juntos. É provável que não estejam acostumados a isso – falar abertamente, francamente, com alguém; é provável que nunca o tenham feito, mesmo com a mulher, ou com o marido, ou com um amigo íntimo. Os senhores colocam suas máscaras e fingem. Se puderem, deixem isso de lado nesta manhã e pensem nas questões que iremos levantar, no que gostaríamos de, juntos, discutir, naquilo que mais lhes interessa; não algo absurdo, mas o que realmente os senhores querem verificar.

Antes de começar o debate – de que modo os senhores abordam uma questão? Compreendem a minha pergunta? Como consideram uma questão, um problema; como os senhores ponderam e se acercam do problema? Não podemos esperar que o orador responda às suas perguntas porque nestas podem estar as próprias respostas. Estão me entendendo? Assim, seja qual for a questão que iremos debater nesta manhã, vamos primeiro examiná-la, e não esperar por uma resposta. Compreendemos este fato, ou ele é algo misterioso?

Tenho uma pergunta para os senhores – não vou respondê-la. Por que vocês estabelecem divisões no viver? Divisões entre o nosso viver diário das idéias espirituais? Por que separá-los? Por que separar a assim chamada vida religiosa da monótona e solitária vida diária? Respondam à minha pergunta.

Primeiro participante (*P1*): Porque é necessário um tipo diferente de energia. A vida espiritual e a vida comum, mundana, envolvem dois tipos diferentes de energia.

K: Dois tipos diferentes de energia – um para a assim chamada vida espiritual, religiosa, e outro para a vida mundana. Mas eu não vou responder à pergunta. Vamos ver se isso que está dizendo é um fato.

O senhor diz que as pessoas religiosas, aquelas que usam mantos engraçados, precisam de um tipo de energia completamente diferente daquela do homem que viaja, que ganha dinheiro, ou do pobre que vive numa aldeia. Por que o senhor os separa? Posso fazer esta pergunta? Energia é energia, certo? – seja ela elétrica, mecânica, solar ou a energia de um rio na cheia. Então, por que dividir a energia? Será que o homem de barba e de roupas estranhas tem mais energia, ou está tentando concentrá-la num ponto em particular? Está me entendendo, senhor?

P2: Há vários tipos de energia: a energia do pensamento, que pode ser suavizada; a energia da percepção interior, que não pode ser suavizada; e há ainda a energia da mente, que gera a compaixão e outras coisas.

K: Certamente que não.

P2: Como, senhor?

K: Nós estamos debatendo; não estou estabelecendo leis. Importa-se de escutar?

P2: Qual a relação entre esses três aspectos da energia?

K: Responda o senhor mesmo.

P3: Posso, senhor?

K: Por que não? Tem todo o direito.

P3: Por comodidade, dividimos a energia em vários compartimentos. Não acho que possa haver muitos tipos de energia. A energia é uma só.

K: Sim, também penso assim. Veja como dividimos tudo. Energia espiritual, energia mental, energia da percepção, energia do pensamento.

P3: Assim fica complicado demais.

K: Eu sei que complica. Por que não simplificar? A energia do corpo, a energia do sexo, a energia do pensamento, tudo é energia. É uma coisa só; nós é que a dividimos. Por quê? Descubra, minha senhora, por que nós a dividimos?

P4: Estamos condicionados a fazê-lo.

K: Concordo. E por que os senhores estão condicionados a fazê-lo? Por que aceitam essa divisão? Índia–Paquistão, Rússia – América – por que dividem tudo? Digam-me.

P5: A divisão é uma realidade.

K: É claro que é uma realidade. Por que o senhor faz afirmações óbvias?

P5: Há uma diferença entre a verdade e a realidade.

K: Muito bem, o que chama de realidade?

P5: Aquilo que vemos.

K: Portanto, a realidade está bem na sua frente, certo? — É o que o senhor vê com os olhos, opticamente. A árvore é uma realidade?

P5: Sim, senhor.

K: Muito bem. O que o senhor *pensa* é uma realidade?

P5: Às vezes temos que pensar.

K: Sua esposa é uma realidade? Estou lhe fazendo uma pergunta: o que o senhor entende por "minha esposa"?

P6: Uma coisa é a atitude psicológica que tenho em relação à minha esposa, e outra é a sua realidade. Ela tem sua própria psicologia.

K: O senhor está dizendo — se me permite expressá-lo com minhas próprias palavras — que a imagem da sua esposa, a imagem que o senhor construiu, é diferente da sua esposa; é isso?

P6: Às vezes acontece de a imagem coincidir com a realidade do que é a minha esposa.

K: O senhor já olhou para a sua esposa? Já a viu, indagou sobre suas ambições, sobre sua ansiedade, sobre a dor de dar à luz uma criança, e tudo mais? Considerou o que é uma esposa? O senhor construiu uma imagem dela, não foi?

P6: Não necessariamente.

K: Não digo que seja necessário ou desnecessário. É um fato que o senhor, se for casado, ou se tiver uma amiga, constrói uma imagem dela, não é mesmo? Não necessariamente, mas ocorre, certo?

P6: Sim, senhor.

K: Não estou tentando intimidá-lo, senhor, mas cada um tem uma imagem do outro. O senhor tem uma imagem de mim, ou não estaria aqui. Portanto, criamos uma imagem de uma outra pessoa, dependendo do nosso temperamento, do nosso conhecimento, das nossas ilusões, das nossas fantasias, e assim por diante. Construímos uma imagem das pessoas: o senhor tem uma imagem do primeiro-ministro, uma imagem da pessoa com quem está falando. Então estamos fazendo uma pergunta muito mais profunda: pode-se viver uma vida sem imagens?

P7: As imagens que construímos geralmente estão relacionadas com nós mesmos. Eu construo uma imagem em volta de mim.

K: Sim, o senhor tem uma imagem de si mesmo.

P7: Sim, e se pudermos atingir aquele estado de que o senhor vem falando – apagar o centro, o eu –, então as imagens desapareceriam automaticamente. E poder-se-ia viver sem a imagem.

K: Quando o senhor fala de relacionamento, o que quer dizer com essa palavra? Por favor, ouça calmamente antes de responder. Respire um pouco. Qual o seu relacionamento com uma outra pessoa? O senhor compreende a palavra "relacionamento"? Estar relacionado – eu estou relacionado com ele pelo sangue: ele é meu pai, meu irmão, seja o que for. O que quer dizer com a palavra "relacionamento"? Vá com cuidado, não se apresse; vá lentamente.

P7: Não estou utilizando a palavra "relacionamento" nesse sentido.

K: Eu estou pensando nesse sentido.

P8: Minha preocupação e interesse pelos meus amigos, pelos meus pais, pelos meus filhos, incluindo o ódio, abrange tudo isso.

K: O senhor realmente se preocupa? Ou é apenas uma idéia de que deve se preocupar? Se me permite perguntar-lhe educadamente, o que o senhor entende pela palavra "relacionado" – não o significado que o senhor *dá*, o significado segundo o dicionário?

P9: Contatos através da realidade, não por meio de palavras ou imagens.

K: Senhor, estou lhe fazendo uma pergunta; não tergiverse. O que entende por relacionado? Eu estou relacionado com ele – o que isso significa?

P10: Eu acho que quando digo que estou relacionado torno-me parte daquilo com que estou relacionado.

K: O senhor é parte da sua esposa?

P10: Sim, parcialmente.

K: Nem total nem parcial. Estou perguntando o que entende pela palavra "relacionado"?

P11: Senhor, estar associado com o dia-a-dia da vida, um conjunto de expectativas mútuas, deveres e obrigações.

K: Oh, meu Deus, o senhor complicou bastante, não? Apenas estou perguntando o que entende pela palavra em si – em si mesma –, não o que pensa que ela deve ser.

P12: Um contato mais íntimo; estar ligado; ter algo em comum. Se eu tenho uma imagem do senhor, então tenho um relacionamento com o senhor.

K: O senhor tem um relacionamento comigo?

P12: Tenho.

K: De que forma? A pergunta é séria; não a rejeite.

P12: Quando olho para o senhor sem uma imagem, nesse momento tenho um relacionamento com o senhor.

K: O senhor realmente não refletiu sobre isso. Está apenas jogando fora as palavras.

P13: Acho que nos desviamos da questão original.

K: Eu sei, eu sei. Então vamos voltar. Voltarei a essa palavra; é uma palavra muito importante na nossa vida.

Por que separamos o espiritual do mundano? Separamos a Índia do Paquistão; separamos várias religiões – cristianismo, budismo, hinduísmo, e assim por diante; separamos, separamos, separamos. Por quê? Não responda; apenas observe isso. Estamos trocando opiniões; olhamos, juntos, para o mesmo problema – por que separamos? Claro, há uma distinção entre o homem e a mulher; ou então, o senhor é alto, eu sou baixo; o senhor é moreno ou branco, eu sou, por acaso, negro – mas isso é natural, não é? Não vou discutir essas coisas. Então, por que separamos?

P14: Porque temos idéias diferentes, sentimentos diferentes, interesses diferentes, e nos aferramos a eles.

K: Por que apenas a eles?

P14: Porque somos egoístas e temos interesses pessoais.

K: Não reduza tudo ao egoísmo. Estou perguntando por que separamos. Quem está separando?

P15: A própria mente primeiro separa em percepção interior e depois em percepção exterior.

K: Senhor, isso vem da sua própria experiência ou está citando alguém?

P15: Um pouco de cada.

K: Podemos ser sérios por alguns momentos e encarar esses fatos? Por que dividimos o mundo à nossa volta – Paquistão, Índia, Europa, América, Rússia, e assim por diante? Quem fez todas essas separações?

P16: Acho que foi o ego, o pensamento.

K: O senhor está tentando adivinhar? Por que não olhamos primeiro para os fatos? Temos ideologias diferentes, crenças diferentes: uma parte do mundo acredita em Jesus, a outra acredita em Alá, outra ainda crê no Buda, e há os que acreditam em alguma outra coisa; quem fez todas essas separações?

P17: Nós, a humanidade.

K: Isso quer dizer, o senhor.

P17: Exato.

K: O senhor dividiu o mundo.

P17: Sim.

K: Por quê? Por que o dividiu?

P18: Medo e segurança.

K: Tem certeza do que está dizendo?

P19: Nós nos separamos porque essa separação nos dá prazer.

K: Se o senhor está sendo morto pelo outro partido, isso também é prazer? Não faça observações casuais porque não estamos nos entretendo; não estou aqui para entretê-los.

Se tiver a bondade de me ouvir, estou lhe fazendo uma pergunta: quem separou o mundo assim? Não foi o homem que fez isso? O senhor o fez – porque o senhor é hindu, ou

muçulmano, ou sikh, ou de alguma outra seita, certo? Conforme ele disse, o homem quer segurança, então diz, sou budista: isso me dá uma identidade, me dá força, um sentido de lugar onde posso ficar. Por que fazemos isso? Será por segurança; porque se eu vivesse como hindu num mundo de muçulmanos, estes me tratariam mal? Ou se eu vivesse como protestante em Roma, acharia terrivelmente difícil porque Roma é o centro do catolicismo, certo? Quem fez tudo isso – essa tremenda confusão? O senhor fez, ele fez, ela fez. E qual a atitude que o senhor vai tomar? Apenas falar sobre isso? Os senhores não querem agir; dizem, vamos em frente.

P20: O senhor não tem a intenção de nos ajudar, mas, quando estamos aqui, vemos que está nos ajudando. Como isso acontece?

K: Isso é mau. Não quero ajudar ninguém. É errado ajudar os outros, a não ser cirurgicamente, com alimento, e assim por diante. O orador não é um líder; já dissemos isso umas mil vezes por toda a Europa, na América e aqui.

P20: O senhor pode não nos ajudar, mas faz com que compreendamos as coisas.

K: Não! Estamos tendo uma conversa juntos. Nessa conversa, podemos começar a ver as coisas com clareza por nós mesmos. Portanto, ninguém está ajudando o senhor; trata-se de conversa.

P21: Sim, senhor.

K: Não diga "sim, senhor". Ouviu o que eu disse – que o orador não está aqui para ajudar de maneira alguma? Ele não é o seu guru, o senhor não é seu seguidor. O orador diz que tudo isso é abominável.

P22: Por que há tanta crueldade na natureza, de modo que um ser tem de comer o outro para sobreviver?

K: Um tigre se alimenta das criaturas menores, certo? Portanto, os animais grandes comem os pequenos. E o senhor está perguntando por que a natureza é tão cruel?

P22: Não, senhor. Por que há tanta crueldade na natureza?

K: Primeiro, por que há tanta crueldade na natureza? – talvez seja natural. Não diga que há crueldade na natureza. Por que o senhor é tão cruel? Por que os seres humanos são tão cruéis?

P23: Eu quero me livrar da minha dor e do meu pesar; então, se alguém me faz algum mal, eu também reajo ou respondo de maneira semelhante.

K: O senhor já pensou que todos os seres humanos sofrem – todos os seres humanos do mundo, vivam eles na Rússia, na América, na China, no Paquistão, onde quer que seja? Todos os seres humanos sofrem.

P23: Sim, senhor.

K: E qual a solução que o senhor dá para esse sofrimento?

P23: Estou interessado no meu próprio sofrimento.

K: O que está fazendo em relação a ele?

P23: Vim aqui para que o senhor me esclarecesse.

K: E o que faremos juntos, meu senhor, *juntos*? Não eu o ajudando ou o senhor me ajudando; o que faremos juntos para nos livrarmos da dor?

P23: Não sei, senhor.

K: Tem certeza?

P23: Tenho, senhor.

K: Não, não, responda com cuidado; esta é uma pergunta muito séria. Tem certeza de que não sabe como livrar-se da dor?

P23: Tenho, senhor. Não sei como me livrar da dor.

K: Espere um pouco, espere um pouco – permaneça nesse estado. Quer me ouvir, por favor? Ele disse uma coisa muito séria. Ele disse, "eu realmente não sei como me livrar da dor". Quando o senhor diz "eu não sei", está esperando para saber? Entendeu a minha pergunta?

P23: Sim, senhor.

K: Eu não sei, mas posso estar esperando algum tipo de resposta. Portanto, quando estou esperando, eu me distancio do não-saber.

P23: O que isso significa – permanecer no não-saber?

K: Direi o que significa; não vou ajudá-lo. É uma coisa muito séria dizer que não vou ajudá-lo, porque temos sido ajudados durante tantos milhares de anos. Quando o senhor diz "não sei", o que isso significa? Eu não sei o que é Marte. Fulano é um astrofísico e vou procurá-lo para saber o que é Marte.

P23: Mas eu não estou interessado em Marte.

K: Eu sei que não está interessado em Marte; nem eu. Estou só dando um exemplo. Não sei o que é Marte, então procuro um astrofísico e digo, "Senhor, diga-me o que é Marte". Ele me diz que Marte são várias combinações de gases e tudo mais, e eu digo, "Isso não é Marte; a sua descrição de Marte é diferente de Marte". Então eu pergunto ao senhor, quando diz "não sei", o que quer dizer com esse "Eu não sei"? Não

estou esperando uma resposta – que pode ser tortuosa, falsa, ilusória; portanto não a espero, certo? O senhor continua a pensar – "Eu não sei"?

P24: Ficamos atordoados quando permanecemos nesse estado.

K: Permaneça nesse estado. Eu não sei como nadar no Ganges.

P25: Eu não posso fazer nada a esse respeito.

K: Não pode. Quando não se sabe qual a causa do sofrimento, o modo como ele pode ser eliminado –. o senhor não sabe, certo? Portanto, permaneça nesse estado e descubra. Quando o senhor faz uma pergunta, espera por uma resposta, não é mesmo? Seja honesto, seja franco. Espera-se uma resposta de um livro, de uma outra pessoa, ou de algum filósofo – alguém que lhe dê a resposta. O senhor faria uma pergunta e a ouviria? Compreende o que estou dizendo? Ao fazer uma pergunta, o senhor esperaria que a própria pergunta se revelasse a si própria? Sei que, se puder compreender a pergunta corretamente, descobrirei a resposta. Portanto, a resposta pode estar na pergunta.

Isto é, eu lhe faço uma pergunta; não tente achar uma resposta, mas verifique se entendeu a pergunta – sua profundidade ou superficialidade, ou sua insignificância. Por favor, analise a pergunta primeiro. Estou sugerindo, meu senhor, se fizer uma pergunta ao orador, este dirá que a pergunta em si mesma tem vitalidade, energia, e não a resposta, porque a resposta está na pergunta. Certo? Procure descobrir isso. A pergunta contém a resposta.

P26: Uma mente inteligente pode formular uma pergunta correta. Eu sinto que não sou nada inteligente; então, como posso fazer uma pergunta correta?

K: O senhor não pode. Mas pode descobrir por que não é inteligente. Ele é inteligente, eu não sou. Por quê? A inteli-

gência depende da comparação? Está me entendendo? Ouviu a minha pergunta?

P27: Muitas vezes encontramos a resposta para a nossa pergunta, mas precisamos da aprovação de outrem para essa resposta.

K: Então a resposta não é importante, e sim a aprovação de uma outra pessoa.

P28: É importante a resposta correta, e por isso é necessária a sua aprovação.

K: Por parte de quem? De seus amigos, que são igualmente não-inteligentes? De quem o senhor quer a aprovação – da opinião pública? Do governador, do primeiro-ministro ou dos grão-sacerdotes? A aprovação de quem o senhor quer? O senhor não pensa; apenas repete, repete.

P29: Senhor, eu continuo no "estado de não-saber", que é algo maçante.

K: Por que maçante?

P29: Eu procuro saber.

K: Não procure saber. Aqui está a pergunta: por que o homem, por que nós fizemos tanta confusão no mundo, em nossas vidas, na vida de outras pessoas? Está me entendendo? É uma bagunça, uma confusão; por quê? Senhor: ouça a pergunta, investigue-a.

Já segurou em suas mãos uma bela jóia? O senhor olha para ela, não olha? Vê sua complexidade, como é bonita a sua formação, a extraordinária habilidade de quem a fez, certo? O ourives deve ter mãos maravilhosas. A jóia é muito importante; o senhor olha para ela, trata-a com carinho, guarda-a no estojo e olha para ela, não olha?

P29: Eu quero ter essa jóia.

K: Sim, o senhor a tem na sua mão; estou dizendo que olha para ela. Um quadro maravilhoso foi pintado por alguém e o senhor olha para ele. Está na sua sala, é seu – o senhor não se limita a pendurá-lo e depois o esquece; o senhor olha para ele. Do mesmo modo, se eu lhe fizer uma pergunta, olhe para ela, ouça-a. Mas temos tanta pressa em respondê-la, somos tão impacientes. Portanto, eu sugiro que olhe para ela, vá devagar, pondere, veja a beleza da pergunta. Pode ser uma pergunta totalmente sem importância. Faça isso, meu senhor. Então descobrirá que a própria pergunta é dotada de uma tremenda energia.

P30: Por que nós não mudamos?

K: Por quê? Por que o senhor não muda?

P30: Não sei, mas eu não mudo.

K: Está satisfeito assim?

P30: Não.

K: Então mude!

P31: Senhor, eu gostaria de fazer uma pergunta. Numa classe de aula há um professor e um aluno traquinas. Para colocá-lo na linha, o professor tem de puni-lo. Ele deve usar da punição, que significa violência?

K: O que o senhor quer dizer com a palavra "violência"? Não tenha pressa. O que entende por violência? Um acertar o outro – chamaria isso de violência? Eu acerto o senhor, o senhor me acerta – isto é uma forma de violência, não é? O adulto bate no filho – isto é uma forma de violência. Matar alguém é uma forma de violência; atormentar alguém é uma forma de violência;

tentar imitar outra pessoa é uma forma de violência, certo? Concorda? Imitar, conformar-se ao padrão alheio, é uma violência, certo? Então eu pergunto, como o senhor deterá a violência psicológica e física? Não diga as pessoas; como o *senhor* irá detê-la?

P32: Senhor, por que há variedade na natureza?

K: Meu deus! Por que preocupar-se com a natureza? Por que está interessado na natureza?

P32: Estou vendo essa variedade.

K: Não está vendo a variedade aqui?

P32: Vejo-a fora também.

K: O que o senhor vai fazer em relação a isso?

P32: Quero saber por quê.

K: Meu senhor, eu lhe pediria que primeiro observasse a si próprio, conhecesse a si próprio. O senhor conhece tudo o que lhe é exterior, mas não conhece nada sobre si próprio. Essa tem sido uma velha pergunta. Os gregos a fizeram ao seu modo; os egípcios, os antigos hindus também disseram – primeiro conheça-se a si mesmo. O senhor vai começar por aí?

P33: Estou sempre me fazendo esta pergunta: por que me encontro no cativeiro da dor física? Continuo fazendo esta pergunta, mas nunca obtenho resposta.

K: O senhor pode estar indo ao médico errado. Conheço gente que vai de médico em médico. Eles têm muito dinheiro e vivem indo de médico em médico. O senhor faz isso, ou é dor psicológica?

P33: Física e psicológica.

K: Qual é a mais importante? Qual é a dor maior?

P33: Quando a dor física é extrema, certamente ela é importante.

K: O senhor não respondeu à minha pergunta. A qual delas dá mais importância?

P33: No momento em que estou sofrendo, dou importância a isso.

K: O senhor não respondeu à minha pergunta, respondeu? Perguntei qual é mais importante – a dor psicológica ou a dor física?

P33: O que o senhor quer dizer com dor psicológica?

K: Vou lhe dizer. A dor do medo, a dor da solidão, a dor da ansiedade, a dor da mágoa, e assim por diante – tudo isso está na psique. Agora, a qual o senhor dá importância – à dor psicológica ou à dor física?

P33: À dor psicológica.

K: Tem certeza?

P33: Tenho, senhor.

K: O senhor está sendo obstinado. Se dá mais importância à dor psicológica, quem vai ser o médico?

P33: Eu.

K: O que quer dizer com "eu"? O senhor é a dor. O senhor não é diferente do "eu". O "eu" é feito de dor, ansiedade, tédio, solidão, medo, prazer – tudo isso é o "eu".

P34: Se há tanta necessidade de estar consciente o tempo todo, como se explica que permaneço nesse estado por um período de tempo muito curto durante o dia?

K: Porque o senhor não entende o que significa estar consciente.

Aqui vai uma pergunta. É um fato que os vários centros da Fundação Krishnamurti na Índia continuam espalhando que são o centro dos ensinamentos de Krishnamurti. Já que temos os ensinamentos do Buda, os ensinamentos do Cristo e os ensinamentos de Krishnamurti, estes últimos vão ter o mesmo destino dos dois primeiros? Entendeu a pergunta?

Senhor, Krishnamurti pensou muito sobre a palavra "ensinamento". Pensamos em usar a palavra "trabalho" – trabalho de metalurgia, trabalho de grandes construções, trabalhos hidroelétricos, compreende? Então achei que "trabalho" era muito comum. Daí decidimos pela palavra "ensinamento", mas isso não é importante – a palavra –, certo? Ninguém conhece os ensinamentos do Buda. Perguntei a eles sobre os ensinamentos originais do Buda, mas ninguém conhece. E o Cristo pode ter existido e pode não ter existido. Este é um tremendo problema: se ele existiu ou não. Debatemos sobre isso com grandes estudiosos. Não vou discutir isso aqui. E os ensinamentos de Krishnamurti também desaparecerão como os outros? Está entendendo a minha pergunta?

P33: Eu não disse isso.

K: É claro que não disse: alguém escreveu. Portanto, é interessante. O orador está perguntando – provavelmente o senhor também pensa assim –, quando Krishnamurti se for, e ele irá, o que acontecerá com seus ensinamentos? Irão junto, como os ensinamentos do Buda, que se corromperam? O senhor sabe o que está acontecendo; os ensinamentos de Krishnamurti terão o mesmo destino? Entendeu a pergunta? Depende do senhor e não de outra pessoa. Depende de como o senhor o encara, o considera, do que eles significam para o senhor.

Se não significarem nada exceto palavras, então eles terão o mesmo destino dos demais. Se significam algo muito profundo para o senhor, então não serão corrompidos. Está entendendo? Portanto, compete ao senhor, não aos centros, aos centros de informação e tudo mais. Depende do senhor, se vive esses ensinamentos ou não.

P36: A verdade tem a sua própria força?

K: Sim, se o senhor a deixar em paz.

P37: Senhor, essa pergunta foi feita por mim. Posso esclarecer o que quero dizer com isso?

K: Sim, qual a pergunta?

P37: Minha pergunta é a seguinte: o senhor tem repetido tantas vezes, durante setenta anos, que não quer convencer ninguém de coisa alguma, que não é um preceptor, que não ensina nada a ninguém.. Mas os centros da Fundação Krishnamurti – cujo presidente é o senhor – convidam o público, "Venham aqui, aqui estão os ensinamentos de Krishnamurti; estude aqui o que ele diz. Ele descobriu tantas coisas. Por favor, venham aqui e tentem estudar". O senhor diz que trabalha como um espelho; quando eu uso o espelho, ele me ajuda?

K: Ajuda.

P37: Ele me ajuda, a luz está me ajudando. Essas coisas são os seus ensinamentos? Então não há mal em dizer que o senhor está ensinando algo, está esclarecendo algo. O senhor mesmo diz que trabalha como um espelho; qualquer coisa que esteja trabalhando como um espelho está decididamente me ajudando.

K: Sim, senhor.

P37: Esta é a minha pergunta.

K: Em todas as suas palestras, Krishnamurti enfatizou que ele é meramente um espelho – certo? –, que ele é simplesmente um espelho que reflete o que é a vida das pessoas. E ele também disse que o senhor pode quebrar esse espelho se viu a si próprio com clareza; o espelho não é importante. Mas o que tem acontecido no mundo inteiro? Todos querem se juntar aos vitoriosos. Sabe o que isso significa? Todos querem fazer parte do circo.

Por favor, não se aborreça; apenas ouça os ensinamentos. Se alguém quer formar um pequeno centro em Gujarat, deixe que o faça, mas ele não tem nenhum poder para dizer que representa Krishnamurti, que é seu seguidor. Ele pode dizer o que quiser; ele é livre para fazer o que quiser. Não estamos impondo a ninguém que faça isto ou aquilo. Por exemplo: ele começa comprando vídeos e tudo mais e reúne alguns amigos em sua casa. Isso é problema dele. Não vamos dizer, "Não faça isto, faça aquilo". Se alguém o fizesse, eu diria, "Desculpe-me, mas não faça isso". Mas eles gostam de fazer isso, gostam de ser intérpretes, gurus ao seu pobre modo. O senhor conhece o jogo que todos jogam. Então, se quiser fazer isso, é bem-vindo. A Fundação – infelizmente, ou felizmente, eu pertenço a ela – diz que a pessoa é livre para fazer o que quiser – o senhor compreende? Compre os livros, leia os livros, queime os livros de Krishnamurti, faça o que quiser. Está em suas mãos. Se quer viver de acordo com eles, viva; se não quiser, tudo bem, é problema seu. De uma vez por todas, isso ficou claro?

P37: Sim, senhor.

K: A Fundação não tem nenhuma autoridade sobre a sua vida, para dizer-lhe o que fazer, o que não fazer, ou para dizer "Este é o centro de onde emana toda a radiação", como uma estação de rádio ou de televisão; não estamos dizendo isso. Tudo o que dizemos é: eis aqui algo que pode ser original

ou não; eis aqui algo para ser observado. Procure ler; procure entender. Se não está interessado, jogue fora; não faz mal. Se quiser viver desta maneira, viva. Se não quiser, caia fora. Não faça muito barulho à sua volta. O senhor compreende o que estou dizendo? Não faça disso um alvoroço – não diga que entendeu e que vai ensinar os outros. Certo?

É hora de parar. Agora, se me permitem perguntar, o que aproveitaram desta conversa, deste debate matinal? Nada ou alguma coisa? Apenas estou perguntando o que floresceu nos senhores depois desta manhã? Como uma flor desabrocha da noite para o dia, o que floresceu no senhor? O que surgiu?

P38: Que devemos ter o hábito de pensar juntos.

K: Vocês realmente pensaram juntos?

P38: Sim, eu pensei.

K: Juntos – o senhor e eu –, ou o senhor estava falando consigo mesmo?

P38: Também estava falando comigo.

K: Está bem. Eu apenas estou perguntando – não precisam dizer nada ao orador –, apenas perguntando polidamente, se me permitem: estivemos reunidos por mais de uma hora, conversamos, dissemos muitas coisas de acordo com as nossas opiniões; no final da viagem, nesta manhã, onde os senhores estão? – onde começamos, onde terminamos, ou há um novo florescimento?

Não vou dizer onde os senhores estão. Seria petulância de minha parte, certo?

Este mundo é extraordinário, senhores! Parece que os senhores não percebem que a terra é um mundo maravilhoso – belo, rico, vastas planícies, desertos, rios, montanhas e a glória do solo. Este é um país singular. Mas os seres humanos

põem-se a matar uns aos outros pelo resto da vida. Se continuarem assim, seguirão repetindo o padrão, o mesmo modelo: matar, matar, matar. Podem repetir os mais lindos poemas em sânscrito (eu o faço também), mas tudo isso não vale um centavo se não é vivido. É tudo o que eu tinha a dizer.

VALE DOS RISHIS

DEBATE COM OS PRECEPTORES
7 de dezembro de 1985

Krishnamurti (K): Posso levantar uma questão muito complexa? Se os senhores tivessem um filho ou uma filha, como os educariam para realizar uma vida holística?

Aqui há muitos estudantes – capazes, inteligentes. Por que meios, que tipo de atitude, que tipo de explanação verbal os educaria num modo de vida holístico? Por holístico, entendo inteiro, integral, não estilhaçado, não fragmentado, como vive a maioria de nós. Então minha pergunta é, como os senhores realizam um modo de vida holístico, uma perspectiva que não seja fragmentada em especializações?

Primeiro Instrutor (I1): Senhor, primeiro precisamos nós mesmos ser holísticos.

K: Sem dúvida. Mas, antes de tudo, aqui os senhores são educadores; eu mesmo, inclusive (se me permitem). Sinto-me feliz no Vale dos Rishis, gosto do lugar, de sua beleza, das montanhas, das rochas, das flores, das sombras nas colinas. Sou um dos educadores aqui; os pais enviam um de seus filhos e eu providencio para que eles vivam uma vida integral. Integral significa boa.

"Boa" não no sentido comum da palavra; não no sentido tradicional: um bom menino, um bom marido – isso é muito limitado. A palavra "bom" tem um significado muito

mais abrangente quando se relaciona bondade com integridade. Então, bom tem a qualidade de ser extraordinariamente generoso; tem o sentido de não querer ferir o outro conscientemente; bom no sentido de correto – não apenas para um determinado momento, correto o tempo todo. Correto no sentido de que não depende das circunstâncias; se é correto agora, será correto daqui a cem anos, ou daqui a dez anos. Correção com bondade não tem nada que ver com o ambiente, com as circunstâncias, com as pressões, e assim por diante. Daí vem a ação certa. Portanto, bondade e um modo de viver holístico andam juntos. De que maneira farei com que o menino cresça com bondade e num modo de vida holístico? Nós confiamos uns nos outros? Isto é um problema individual, ou é um problema da escola como um todo, da sociedade como um todo? A ação deve ser abrangente – e não aquele cavalheiro pensando de um modo e eu de outro modo sobre a bondade; a ação tem de ser coesa. Isso é possível?

A palavra "holístico" implica não o que há de ortodoxo, organizado, na religião, mas aquela qualidade que discutiremos daqui a pouco. De que modo eu, vivendo aqui como educador, a realizarei?

12: A primeira coisa é fazer com que a criança se sinta segura em seu relacionamento comigo e com o lugar. Sem isso, me parece que nada poderá acontecer.

13: Quero saber se o que o senhor diz é realmente aquilo que desejo fazer. Se eu sentir que é isso mesmo, então devo descobrir o que significa para mim, qual o conteúdo dos meus sentimentos.

14: Seria necessário, se o senhor e eu estamos trabalhando juntos na escola, descobrir, não o que isso significa para mim ou para o senhor, mas, antes, se há algo válido para todos nós? Não que nos aferremos a uma idéia ou nos unamos em torno dela, mas que no processo de investigação digamos juntos, "é isto".

K: Será que compreendemos o que significa viver uma vida holística? Ou é uma teoria?

I3: Senhor, talvez apenas o compreendamos por contraste. Nós vemos fragmentação em nós mesmos. . .

K: Se o senhor vê fragmentação ou fracionamento em si próprio, então há o problema de como livrar-se disso, de como tornar-se inteiro. Isso não pode ser um problema. Pois nisso já haveria cisão.

I3: Apesar disso, permanece o fato de que estamos fragmentados.

K: Espere um pouco. Sei que estou fragmentado; todo o meu raciocínio está fragmentado. E também sei que não devo transformar isso num problema, pois assim terei mais uma fragmentação.

I3: Meu próprio sentimento de fragmentação é em si mesmo um problema – eu não *crio* um problema; eu *percebo* um problema.

K: Compreendo. Percebo que estou fragmentado, mas não quero fazer disso um problema.

I3: Mas isso não significa que passa a haver um problema quando percebo que estou fragmentado?

K: É aí que eu quero chegar – eu vejo que estou fragmentado: falo uma coisa e faço outra, penso uma coisa e contradigo o que eu penso. E também percebo claramente que não devo fazer disso um problema.

I3: Talvez eu não perceba claramente.

K: Isso é o que quero discutir. Se faço disso um problema, estou fragmentando ainda mais.

B: Mas há um estágio intermediário.

K: Não quero isso. Estou fragmentado, fracionado de diferentes modos. Se eu faço disso um problema dizendo a mim mesmo, não devo me fragmentar, a própria declaração é fruto da fragmentação. Algo que nasceu da fragmentação é uma outra forma de fragmentação. Mas o meu cérebro está treinado para criar problemas. Portanto, preciso estar consciente de todo esse ciclo. Então, o que devo fazer?

H: O senhor diz, "Não devemos fazer disso um problema". Nós temos escolha, ou se trata de algo automático? Quando percebemos a fragmentação no nosso interior, dizemos, "Eu não gostaria de fazer disso um problema".

K: Perceba a *verdade*, e não "Eu não vou fazer disso um problema". Eu vejo que, se fizer disso um problema, será uma outra fragmentação. Isso é tudo o que percebo. Eu não digo, não devo me livrar disso ou devo me livrar disso; então, o que devo fazer?

H: Há algo que possa ser feito nesse caso?

K: Vou lhe mostrar daqui a pouco. Não seja tão impaciente, se não se importa que eu fale assim.

H: Do modo como vejo as coisas, não há nada a ser feito, exceto observar.

K: Espere um pouco. Não chegue a essa conclusão. O que devo fazer?

H: Observar.

K: Não diga isso, senhor. São só palavras. Percebendo que estou fragmentado, consciente de que, seja lá o que eu fizer, é mais uma outra forma de fragmentação, o que me sobrou?

Não se coloque nessa posição; o senhor já chegou a uma conclusão. Esta é mais uma fragmentação. Eu tenho esta pergunta: há um modo de se viver holisticamente, no qual esteja envolvida a qualidade de uma mente religiosa, uma profunda bondade, sem nenhum dano ou dualidade? Estou complicando?

I5: Não, senhor.

K: Por que não? Todo o meu ser pensa dualisticamente. Está sempre em oposição, no sentido de que eu quero fazer isto, mas não devo fazê-lo; eu devia fazer isto, mas não gosto de fazê-lo, e assim por diante. Eu sempre assumo posições contraditórias. Então, o que me sobrou? Percebo tudo isso num relance, ou por meio da análise. E vejo que é assim. Então a minha pergunta é: o que devo fazer? Não me diga: o senhor deve ou não deve — não aceito nada do senhor; sou muito cético por natureza.

I1: O senhor está fazendo a pergunta: o que devo fazer? Quando há observação, não há perguntas.

K: O senhor está observando?

I1: Estou.

K: Está? Se não está, e diz que devemos tentar, entrou em contradição; logo dualidade, logo fragmentação e, conseqüentemente, nenhuma bondade.

I6: No momento em que se diz ou se pensa sobre um estado holístico de bondade, já há uma contradição.

K: Não, não há. Apenas se expressa isso em palavras. Qual a ação a ser efetuada quando se quer educar o aluno nessa bondade?

A escola tem certa reputação, certo renome — causa impressão. E há uma certa atmosfera neste vale. Eu mando

o meu filho para o senhor, esperando que o ajude a crescer de acordo com este modo de vida holístico. Estou comunicando, não estou contradizendo.

15: É da maneira como eu faço a pergunta que surge a contradição.

K: Eu entendo. Estamos tentando analisar a pergunta, não estabelecer leis. Pelo menos eu não estou. Realmente quero descobrir um meio de ajudar o aluno. Talvez eu não seja holístico. Não diga: primeiro tenho de ser holístico, depois poderei ajudar. Então o senhor está morto. E isso levará uma eternidade. Se disser: primeiro tenho de ser holístico, o senhor bloqueou a si próprio. Não estou afirmando *nada*. Eu realmente não sei o que fazer com essas crianças cujos pais querem que elas entrem para o Instituto Indiano de Tecnologia ou para qualquer outra coisa. E tenho uma tremenda oposição da sociedade – o pai, a mãe, o avô, querendo que o menino tenha um emprego, etc. O que farei para que isso aconteça? O senhor não me respondeu.

14: Krishnaji, não vou responder o que farei para que isso aconteça; eu estou observando a fragmentação.

K: O que isso significa? Veja bem – eu estou fragmentado, o menino está fragmentado. Certo, senhor?

14: Certo.

K: Então qual o relacionamento entre mim e o menino?

14: Estamos aprendendo juntos.

K: Não use as frases tão rapidamente. Qual o meu relacionamento com o aluno que, como eu, está fragmentado?

17: Eu não sou diferente dele.

K: É claro que o senhor é diferente dele – o senhor ensina matemática e ele não sabe nada. Não diga que não é diferente dele.

14: Não há absolutamente nenhum relacionamento se estou fragmentado.

K: Senhor, por favor, responda à minha pergunta: estou fragmentado e sou seu aluno. O que é nosso relacionamento? Existe mesmo algum relacionamento? Ou estamos no mesmo nível?

15: Só pode ser um relacionamento fragmentado.

K: O que é, *na realidade*, o meu relacionamento?

15: Parece que não existe nenhum.

K: É isso. Como fragmentos podem ter um relacionamento?

16: Por que não?

K: O senhor está realmente me fazendo essa pergunta?

16: Estou.

K: O senhor mesmo a responda. O senhor me faz uma pergunta e eu estou muito ansioso por respondê-la. E assim vai: eu respondo e o senhor contra-argumenta; então eu replico, e assim por diante. Ele me faz uma pergunta e espera que eu a responda, e eu digo: não vou respondê-la porque a resposta está na própria pergunta. Então podemos olhar para a pergunta e esperar que ela floresça? Minha pergunta é muito séria. A própria pergunta contém a resposta, se o senhor a deixar florescer, a deixar em paz, sem a cobrir imediatamente com uma resposta. Sua resposta já é condicionada, pessoal. Portanto, deixe a pergunta. Se ela tem profundidade, importância, vitalidade, então irá desabrochar.

Bem, meu senhor, a verdade existe? Pelo visto, o senhor não sabe; então deixemos a pergunta. Vamos olhar para ela, a pergunta começa a desabrochar: a verdade existe, ou há apenas uma dinâmica e vigorosa ilusão? Não vou discutir isso. Se a pergunta tem profundidade, se a pergunta tem vitalidade — porque está sendo formulada a partir de uma grande busca interior —, ela responderá por si própria. E isso é o que acontecerá se a deixar em paz.

Agora vou voltar à minha pergunta original.

I8: Uma criança veio até mim. Estou fragmentado, ela está fragmentada. Então, não há relacionamento?

K: O senhor tem certeza disso, ou apenas está dizendo?

I8: Acho que tenho a certeza de que não há nenhum relacionamento no estado de fragmentação, e qualquer resposta que eu dê ao aluno seria em si mesma uma resposta fragmentada.

K: Sim. Pare aí. Então, o que faremos? Qualquer que seja o relacionamento, ele será fragmentado. Isto é uma realidade ou uma afirmação verbal?

I8: Para mim parece uma realidade.

K: Ou é real no sentido em que o microfone é real; não é uma ilusão. A *palavra* microfone não é *aquilo*. Não sei se o senhor entende a natureza da coisa.

Então temos de voltar. O que devo fazer? O *senhor* vai me dizer.

I8: Estou enganando a mim mesmo pensando que posso dar uma educação holística?

K: Nós vamos descobrir, o senhor e eu, se é possível fazê-lo ou não. A primeira afirmação é: estamos fragmentados.

Fixemo-nos nisso. Estamos ambos fragmentados, e não sei o que fazer. O que isso significa para o senhor – não sei; não sei o que fazer? Então preciso investigar. Quando eu *falo* "não sei", realmente *quero dizer* não sei. Ou estou esperando que alguém me diga, para que eu saiba? Qual dos dois?

18: No momento, o segundo.

K: Esse é um estado do cérebro, quando ele diz: eu realmente não sei? Não estou esperando que fulano responda, ou que alguma outra pessoa me diga. Mas ninguém pode responder, pois todos estão fragmentados. Portanto, estou esperando, atento, olhando, observando, ouvindo a pergunta. Não sei o que fazer. Então me pergunto, "Qual o estado do meu cérebro que diz: eu não sei?"

15: Nesse momento, ele não está mais funcionando.

K: "Eu não sei." Ou o senhor está esperando que ele venha a saber?

15: Esperando que ele venha a saber.

K: Então o senhor está esperando saber; o senhor *saberá*. Seu cérebro não está dizendo "Eu não sei". É tudo muito lógico.

13: O cérebro não diz que não sabe.

K: Esta é a primeira coisa – o cérebro nunca reconhece nem permanece na condição "eu não sei". O senhor me pergunta: "O que é Ishvara?" E imediatamente eu respondo. O senhor já leu, acredita ou não; Ishvara aparece como um símbolo. Mas se perguntar, "Qual o elemento que criou isso?", é uma questão tremendamente interessante: o que é o começo da vida? O que é a vida na semente que foi plantada? A vida de um homem – qual a origem dessa vida, a própria

célula? Não vou discutir isso agora – isso vai nos desviar do caminho; é muito complicado.

Portanto, eu não sei como lidar com aquele menino ou comigo mesmo. Qualquer ação, qualquer movimento do pensamento, vem da fragmentação, certo? Então eu a deixo em paz. Posso prosseguir?

16: Por favor, senhor.

K: O que é o amor? Não tem nada que ver com piedade, simpatia – e tudo mais. O que é o amor? Os senhores não sabem? O amor é esse estado de não-saber?

Não sei o que fazer com aquele menino ou com aquela menina; ambos estamos fragmentados. Posso ensinar-lhe matemática, geografia, história, biologia, química, psiquiatria, qualquer coisa – mas isso não é nada. Isso requer uma indagação muito mais profunda, bem mais profunda. Portanto, o que é completamente holístico? Certamente que não é o pensamento – pensamento é experiência. Também não é a simpatia, nem a generosidade, nem a empatia, nem dizer: "O senhor é um cara legal." O amor tem o quê?

15: Compaixão.

K: Amor, compaixão – esta é a única coisa que é holística. Estou apenas descobrindo algo por mim mesmo. Amor não é pensamento, amor não é prazer. Não aceite isto; pelo amor de Deus, esta é a última coisa que devem fazer. O amor não tem relação nenhuma com o ódio, com o ciúme, com a raiva. Ele é completamente infrangível. É íntegro e tem sua própria inteligência.

15: Já ouvi o senhor dizer isso antes de diferentes maneiras.

K: Conhecer. Pode-se dizer sobre uma pessoa – "eu conheço"? Eu conheço a minha mulher?

I3: De alguma forma essa pessoa é fragmentada.

K: Sim. Se eu disser "eu o conheço" – o que eu conheço sobre o senhor? Portanto, dizer "eu conheço" é fragmentação.

Eu fiz uma pergunta: posso ajudar o aluno ou conversar com ele? Sei que estou fragmentado, que ele está fragmentado. E também sei, sinto, que o amor é integral, que a compaixão, o amor, têm sua própria inteligência. Eu vou ver se essa inteligência pode atuar.

I6: O senhor diz que o amor tem sua própria inteligência; que o amor é holístico, não é fragmentado. Isso não é apenas uma suposição?

K: Não é uma suposição. O amor não é uma suposição – meu Deus!

I6: Pode ser que seja, eu não sei.

K: Continue com esse pensamento. O senhor não sabe. Espere, descubra; não responda. Eu não sei como é um carro moderno por dentro. (Aliás, eu já desmontei carros velhos.) Então eu quero aprender como é. Procuro um mecânico e ele me ensina, pois quero aprender como um veículo funciona. Eu me dou a esse trabalho; me esforço; eu o pago, se tiver dinheiro, ou trabalho com ele até conhecer cada parte do carro. Isto significa que eu quero aprender, mas não tenho a certeza se o *senhor* quer aprender.

I2: Mas Krishnaji, essa simples vontade de aprender. . .

K: Não traduza por fragmentação.

Não sei como funcionam aquelas câmeras, e o senhor diz, aprenda. Eu pergunto ao técnico e me torno seu aprendiz; observo como ele faz; eu aprendo. Então digo: eu sei operar aquela câmera. Mas os seres humanos não são como câmeras; são muito mais complicados. São como uma má-

quina confusa; e eu quero saber como funciona o seu cérebro. Ou eu me torno um biólogo, um especialista em cérebro, ou estudo a mim mesmo, o que é muito mais emocionante. Então aprendo como funciona o meu cérebro – não há ninguém para me ensinar.

I2: Talvez haja – eu ouço o senhor.

K: Não confio neles. Seu conhecimento vem dos livros ou de seus pequenos egos. Então digo: vou pesquisar esse modo de vida integral; não só as suas partes.

Vamos voltar: o que devo ou não fazer? A questão é muito mais profunda do que meramente o menino e a menina que estou educando. Pode ser que eu não tenha realmente entendido nem mesmo intelectualmente o que significa levar uma vida holística.

I2: Se o senhor quer dizer intelectualmente, eu diria que sim.

K: Não, não, não. O senhor tem certeza?

I2: Tenho certeza intelectualmente.

K: Então o senhor separou o intelecto do todo. Ouça; quando diz que entendeu intelectualmente, isto não passa de uma bobagem.

I2: Eu não estou apenas *dizendo*; eu *entendi* intelectualmente.

K: O senhor não está me ouvindo. Quando alguém diz, eu entendi intelectualmente, isso não quer dizer absolutamente nada; quando diz "intelectualmente", isso é mais um fragmento.

I2: Sim, senhor.

K: Então, eu não uso a expressão: "Eu entendi intelectualmente." Isto é um crime! O que eu sou, um educador no Vale

dos Rishis, entendendo parcialmente, verbalmente, um modo de vida holístico, e sabendo que o aluno e eu estamos ambos fragmentados – o que devo fazer ou não fazer? O senhor está me ouvindo?

Eu estou aqui, sou responsável perante os pais pela menina ou pelo menino. Eles os mandaram para cá porque o senhor tem uma boa reputação, toma conta deles e tudo mais. Ele chega para mim e diz: está bem, mas o que importa é um modo de vida holístico, não intelectualmente, mas toda a psique, todo o ser, que agora está fragmentado; se puder ser integralizado, então teremos a educação mais extraordinária. Ele me diz isso e vai embora, e eu não sei o que fazer. Eu entendo o significado verbal do *todo*: não fragmentado, não fracionado; não dizer uma coisa, pensar algo e fazer exatamente o contrário – tudo isso é a fragmentação da vida. E eu não sei o que fazer; realmente não sei. Profundamente, gravemente, seriamente, eu não sei o que fazer. Estou esperando que alguém ou que algum livro me diga, ou que alguma coisa acidentalmente venha me proporcionar um lampejo? Não posso esperar por isso, pois o menino está crescendo e adquirindo experiência.

Então, o que fazer? De uma coisa tenho absoluta certeza: *eu não sei*. Todas as minhas invenções, todo o meu pensamento sofreram um colapso. Não sei se o senhor se sente desta maneira. *Eu não sei* – portanto, o cérebro se abre para a recepção. Ele estava fechado pela conclusão, pela opinião, pelo julgamento, pelos meus problemas; é uma coisa fechada. Quando digo, *eu realmente não sei*, eu quebro algo; eu quebro a garrafa – eu posso beber o champanhe.

Eu começo a descobrir quando a garrafa é quebrada. Então descubro o que é o amor, o que é a compaixão, e aquela inteligência que nasce da compaixão. Não tem nada que ver com o intelecto. Senhores, nós nunca discutimos o que é realmente importante quando dizemos: não sei. Certo? O senhor me pergunta sobre Deus, eu tenho uma resposta imediata; me pergunta sobre química, e surge a resposta – a torneira está aberta.

O senhor vê, sou um daqueles idiotas; não li nada, exceto. . .

I2: E também não julga.

K: O cérebro é como um tambor; está bem afinado. Quando se bate nele, sai a nota certa.

VALE DOS RISHIS

DEBATE COM OS PRECEPTORES
17 de dezembro de 1985

Primeiro Instrutor (I1): Uma mente nova é o mesmo que uma mente boa, que está florescendo em bondade? Se for assim, o que é a bondade? E, particularmente, o que é o relacionamento de uma mente nova com a consciência da totalidade da vida? O que é o todo da vida? Podemos examinar isso com alguma profundidade?

Krishnamurti (K): Fico pensando comigo mesmo como será que os senhores encaram a vida. O que consideram ser a sua origem, o começo de toda a existência? Não apenas dos seres humanos, mas também do mundo todo, da natureza, do céu e das estrelas? O que é a criação?

Não estamos perguntando o que é a invenção. Esta se baseia no conhecimento. Inventar cada vez mais, naturalmente, é algo que está fundamentado no conhecimento. E o que é a nossa vida em relação ao todo? Não em relação a um cérebro especializado em particular, mas ao mundo todo, que é um movimento total, incluindo a nós mesmos e à humanidade.

Primeiro, eu gostaria de debater isso com os senhores. Há uma diferença entre o nosso cérebro físico — a coisa biológica que está dentro da cabeça — e a mente? Ou o cérebro contém a mente, ou a mente é completamente diferente do cérebro?

É a terceira pergunta, ou movimento – eu preferiria chamá-la de movimento, não de pergunta – o que os senhores chamariam de bondade, de florescimento na bondade? Não a bondade estática, mas um movimento na bondade?

I1: O que é a vida?

K: Sim, o que é a vida? Não a vida de uma forma particularizada, como macaco, tigre, esquilo, árvore. Qual o começo da vida?

E a outra pergunta é: o cérebro contém a mente, ou esta está totalmente divorciada daquele? Se o cérebro contém a mente, então a mente faz parte da matéria – certo? –, faz parte das reações nervosas. É um fenômeno físico. E com certeza a mente é algo completamente diferente.

Portanto, se o cérebro inclui a mente, então ela faz parte das nossas reações nervosas, biológicas, de medo, mágoa, dor, prazer, a consciência total. Então faz parte da criação humana. Se a mente é parte de um processo evolutivo, então faz parte do tempo.

I2: Posso fazer uma pergunta?

K: O senhor não precisa me pedir.

I2: Suponha que venhamos a descobrir, pela lógica, que a mente é diferente do cérebro; e que a própria lógica faz parte do cérebro?

K: É claro que a lógica faz parte do cérebro, e que pode chegar a uma conclusão errada, pois ainda faz parte do cérebro.

Então, o que é a vida? Qual a fonte de toda essa energia? O que é que se projeta e faz tudo isso – o mundo, a terra, as montanhas, as florestas, as árvores, o urso, o cervo, os rios, o leão, o macaco, e nós?

O tempo tem algo que ver com a bondade? Se tiver, não é bondade. Por favor, me respondam. Entenderam a minha pergunta?

B: Senhor, no momento não parece que haja uma conexão entre os dois. Quando os cientistas falam da origem das coisas, creio, a teoria geralmente aceita é a do *big-bang*, uma enorme explosão, proveniente talvez de alguma energia primária, talvez de algum átomo infinitesimal. E depois disso veio toda a multiplicidade das coisas, as estrelas, os planetas, a terra. À primeira vista, parece que não há nenhuma ligação entre a explicação científica e a bondade.

K: Estou perguntando se o tempo tem algo que ver com a bondade.

B: O tempo certamente tem que ver com a evolução das coisas. Isso é óbvio.

K: A bondade faz parte do tempo, é cultivada ou realizada através do tempo?

B: Segundo o ponto de vista científico sobre a origem das coisas, não parece que a bondade tenha algo a ver com isso. É completamente neutra – nem bom nem mau, nem qualquer outra coisa.

K: Compreendo, mas estou lhe fazendo uma pergunta – não uma pergunta científica. É a seguinte: se o tempo tem algo que ver com cultivar bondade, será que isso é que é bondade?

B: Parece ser uma pergunta de ordem diferente.

K: Estou lhe fazendo uma pergunta diferente. O que é a bondade? O que todos vocês pensam que é a bondade?

B: Parece que há uma versão de bondade usualmente oposta à maldade, ao mal. . .

K: Sim, todo aquele negócio da dualidade. Prossiga, senhor. O que é a bondade neste caso? O que o senhor acha que é a bondade?

I4: A virtude pode ser praticada no tempo.

K: Não estou falando da virtude. Para mim a virtude é algo cultivado.

I5: Senhor, quando falamos que fulano é um homem bom, geralmente queremos dizer que ele não prejudica os outros. Ele não age sempre por interesse pessoal, em proveito próprio. . . Trata-se de uma qualidade acumulada no tempo.

K: É? A bondade é o oposto da maldade – se existe tal palavra? O bem é o oposto do mal?

I5: Senhor, o que quer dizer com sua pergunta: que a bondade é uma reação ao mal e se acumula no tempo?

K: Sim, tudo isso está envolvido na pergunta. A reação de uma pessoa, sua formação, sua cultura, o ambiente; tudo o que é tradição – o que se lê nos livros, e assim por diante. Sempre o bem e o mal. O bem lutando contra o mal, sempre, desde os antigos egípcios até a sociedade moderna. Sempre houve o bem e o mal, o deus bom e o deus mau, o sujeito mau e o sujeito bom.

Se me permite, estou dizendo que, se o bem nasce do mal, então não é bem.

I3: Geralmente isso é visto de um outro ângulo – que o mal é uma degradação do bem.

K: Senhor, estou perguntando se o bem está relacionado com o mal. O bem é o oposto do mal, ou a reação que se tornou o bem? Compreendeu a minha pergunta? Ou o bem não tem nada que ver com o mal, está totalmente divorciado dele?

I5: Embora eu pudesse responder à primeira pergunta, não sou capaz de responder à segunda. Quanto à primeira – o

bem está relacionado com o mal? –, eu diria que não, pois, se tento ser bom, então automaticamente o mal continua a existir.

K: O senhor está dizendo que as idéias referentes a todo o processo evolutivo do bem e do mal, desde os tempos mais antigos, são totalmente equivocadas? É o que estamos dizendo, compreende? Continue, senhor.

I5: Sim. Essa é a dedução.

K: Que o bem não pode lutar contra o mal. Certo? E durante toda a história da humanidade, o bem sempre está combatendo o mal. As grandes pinturas, a grande arte, toda a existência do homem está baseada nesse princípio. E nós dizemos: "Veja, há algo de errado nisso. O bem é completamente diferente do mal; não há nenhuma relação entre eles; portanto, não podem se combater. O bem não pode dominar o mal."

I3: Também não há nenhuma progressão.

K: Estamos dizendo algo totalmente revolucionário? Ou é algum tipo de fantasia ou de imaginação nossa?

I6: Um dos problemas que enfrentamos é que nos acostumamos a utilizar certas palavras de um modo específico.

K: Todo o nosso condicionamento religioso, toda a nossa literatura religiosa, estão cheios disso. Há sempre o céu e o inferno, o bem e o mal.

Então estamos dizendo algo totalmente revolucionário? E isso é verdadeiro? Algo revolucionário pode não ser verdadeiro. Se é verdadeiro, não tem nada a ver com o cérebro.

I1: A implicação parece ser a de que a bondade antecede ao homem, que é inerente ao universo.

K: Talvez.

H: Parece que esse é o significado.

K: Estamos fazendo a pergunta com relação ao que é o cérebro. O que é a mente? Pode a mente penetrar no cérebro?

H: Mais uma vez isso implicará que a mente é anterior ao cérebro.

K: Claro. Por enquanto, chamemos isso de "inteligência". Pode essa inteligência comunicar-se através do cérebro? Ou este pode não ter nenhuma relação com ela?

H: O cérebro nasceu dessa inteligência?

K: Ainda não estou preparado para essa pergunta. Eu estou lhe fazendo uma pergunta. Não fique apenas me ouvindo, senhor. Não estou lhe dizendo; o senhor e eu estamos indagando.

H: Eu não quero uma resposta.

K: O senhor está descobrindo por si mesmo? Ou está ouvindo o que este homem diz? Ou o que o orador diz está clareando um caminho para o senhor?

H: Esta pergunta parece dirigir nossa atenção para o universo. Ou para a natureza.

K: É onde queremos chegar. Lentamente. O universo — nossa idéia do universo — é diferente de nós? É tudo um só movimento — as estrelas, o céu, a lua, o sol; uma tremenda energia. A nossa energia é muito limitada. Pode essa limitação ser dissolvida e nós passarmos a fazer parte desse enorme movimento de vida?

I1: O senhor chamaria esse enorme movimento de "narureza"?

K: Não, eu não o chamaria de natureza. A natureza faz parte de nós.

I1: Isso é o movimento total.

K: Existe esse movimento? Não se trata de dizer "Eu me associo ao movimento" porque sou uma partícula minúscula. Eu acho que posso ser muito sabido; acho que posso fazer isto, fazer aquilo. Tudo pode ser dissolvido e tornar-se parte desse enorme movimento? Isso eu chamo de bondade. Posso estar errado. A janela, que é tão estreita, agora pode ser dissolvida, e então ela desaparece. Não sei se estou sendo claro.

Então, o que é a vida? É aquela enorme inteligência, que é energia suprema, incondicionada, inculta – no sentido moderno do termo –, algo que não tem nenhum começo e nenhum fim?

I5: O senhor está sugerindo que a criação não envolve tempo?

K: A invenção envolve tempo. Agora estão tentando encontrar uma cura para o câncer. Todos os livros, revistas, falam sobre novos métodos para curar essa doença. A descoberta envolve tempo e conhecimento, o que depende de descobertas anteriores feitas por outras pessoas. Eu aprendo com o senhor, o senhor aprende comigo. A criação não pode envolver tempo. Não sei se está me entendendo.

I8: Quando o senhor fala sobre tempo, está se referindo ao tempo psicológico.

K: Claro, tempo psicológico.

Portanto, a bondade não está envolvida no tempo, logo faz parte daquela inteligência que é movimento universal. Estou usando palavras a que poderei retornar mais tarde.

Então aqui estou eu com milhares de alunos. Como um bom educador, quero fazer com que compreendam isso. Não intelectualmente, não teoricamente, não como alguma idéia fantástica, mas de modo que haja uma verdadeira transformação – não, transformação, não –, de forma que ocorra uma verdadeira mutação em suas vidas.

II: Quando o senhor diz "enorme inteligência", a palavra "inteligência" implica alguma qualidade de percepção.

K: Talvez não.

II: Mas então, que qualidade é ser inteligente?

K: Provavelmente, nenhuma. É inteligência. Veja o que o senhor está fazendo. Está dando a ela uma virtude, um significado, de modo que possa compreendê-la. Talvez eu não seja capaz disso. Não sei. Pode ser algo incrível ou pode não ser absolutamente nada. Não posso abordá-la com uma mente que diz, mostre-me suas qualificações, mostre-me seu diploma. Então, o que devo fazer depois de uma conferência pedagógica? O que devo fazer, como educador, para realizar uma mutação? Não uma transformação; há uma diferença. Transformação significa ir de uma coisa para outra, disto para aquilo.

19: Senhor, podemos voltar a um assunto que pulamos há alguns momentos atrás? Falamos do fim da limitação a que estamos presos; do fim e de algo mais que acontece. Podemos retomá-lo? Pois parece que acabamos passando rapidamente por isso.

K: Meu cérebro recebeu uma formação, tem vivido na tradição, seja ela antiga ou moderna; ele foi martelado, informado, aturdido por todo um condicionamento de séculos. Pode-se dissolver isso? Esta é a sua pergunta? Tem certeza?

I9: Sim. Todas aquelas coisas que fazem esse cérebro capaz de ter alguma relação com a bondade.

K: Vamos resumir numa palavra: consciência. Podemos?

I9: Sem dúvida.

K: Ou "limitação", ou "condicionamento". Pode tudo isso ser dissolvido? Não através do tempo – isso é importante. Se eu utilizar o tempo, acabo voltando para o círculo. O senhor percebe?

I9: Sim, senhor.

K: Então deve ser dissolvido. Instantaneamente. Não em comparação com o tempo, não em relação com o tempo.

I9: Novamente o senhor se refere ao tempo psicológico.

K: Sim, claro. O tempo psicológico é diferente do tempo comum. Não sei se o senhor está compreendendo. Compreende? O tempo pelo relógio, pelo sol, para cobrir uma distância física. Não nos conhecemos um ao outro; mas se nos encontrarmos com freqüência, acabamos por nos conhecer. Ou podemos conhecer um ao outro instantaneamente. Então há o tempo físico e o tempo psicológico. Estamos falando deste último. Leva tempo para uma semente crescer, para uma criança tornar-se um homem. Aplicamos esse tipo de tempo à psique. Eu sou isto, mas serei aquilo; não sou corajoso, mas me dê tempo e eu serei. Estamos falando do tempo no campo da psique.

I1: Podem-se romper os limites da consciência?

K: Essa é a questão. Pode o cérebro limitado – que é conhecimento – romper todo o campo da psique? Pode o cérebro fazê-lo? – o cérebro limitado? Por mais que tenha evoluído, esse cérebro sempre será limitado.

I1: Pelo seu conhecimento.

K: É limitado pela sua estrutura física, pelo próprio ambiente físico, pela tradição, pela formação, pelo conhecimento, pela dor, pelo medo, pela ansiedade. Pode essa limitação dissolver-se a si própria?

I9: Ou algo pode dissolvê-la?

K: Espere. Restrinja-se a uma pergunta. Pode o cérebro limitado romper sua própria limitação?

I8: O senhor disse que o bem não está relacionado com o mal.

K: Não comece com tudo isso. Vamos nos restringir a uma única pergunta: pode a pequenez do cérebro dissolver sua própria insignificância? Ou há um outro fato que irá dissolvê-la? Deus? O Salvador? Vishnu? Pode-se inventar um deus e esperar que ele resolva as coisas. Estou sendo claro? Os senhores fizeram essa pergunta. Depois de a terem feito, qual o estado do cérebro dos senhores? O que aconteceu com ele? A pergunta é importante, tem peso, é muito significativa. Digam-me, qual o estado do cérebro dos senhores depois de feita essa pergunta? É muito importante saber.

I11: Não depende de Deus. Seguramente, não.

K: Estão me ouvindo? Os senhores fizeram uma pergunta. Pode ser muito importante, ou não ter significado nenhum. Então, eu me pergunto: qual o estado do cérebro dos senhores depois de feita a pergunta?

I11: Depois de ouvir a pergunta — "pode a pequenez do cérebro dissolver sua própria insignificância?" — a primeira coisa que surgiu no meu cérebro foi: eu duvido, duvido que um cérebro tão insignificante possa dissolver sua insignificância.

K: Seu cérebro está em atividade.

I11: Então ele disse, "Eu não sei".

K: Mas o senhor ainda está dizendo algo. Seu cérebro ainda está ativo, dizendo "Eu não sei, estou esperando".

I11: Por que o senhor usa as palavras "estou esperando"?

K: Não se aborreça. Seu cérebro está ativo. O que está acontecendo? Apenas observe. Um deles faz essa pergunta para mim. Como eu a recebo? Como a interpreto? Se eu a interpreto, eu não a estou ouvindo. Então, estou realmente ouvindo a pergunta? Ou, quando a pergunta é feita, eu imediatamente respondo alguma coisa, sem estar ouvindo nada? É uma comunicação verbal, e eu não tomo conhecimento dela.
Portanto, eu ouço? Isso implica uma certa capacidade para aquietar-se – um movimento sem pensamento, um olhar sem pensamento. Qual o estado do seu cérebro quando é feita uma pergunta séria? Se ele está em atividade, então a pergunta não tem nenhum sentido. Estou sendo claro?
Alguém faz aquela pergunta para mim. O importante é como eu a recebo, e não a resposta. Eu ouço com muito cuidado. A pergunta é, "Pode o cérebro, estreito e condicionado, dissolver seu condicionamento?" Eu estou ouvindo a pergunta. Ainda estou ouvindo. Estou realmente ouvindo ou apenas dizendo que estou ouvindo? Se estou mesmo ouvindo, então não há nenhum movimento no cérebro. É claro, há uma resposta nervosa – ouvir através do ouvido, etc. Mas, fora a comunicação verbal, não há nenhum outro movimento. Ainda estou ouvindo – isto é a dissolução. Não sei se me entenderam.

I4: Porque o cérebro não está agindo.

K: Não traduza isso. Não sei se estou sendo claro – que a própria condição de ouvir é o estado terminal de uma certa coisa.

Então, isso está acontecendo? Se isso está acontecendo com o senhor, então como farei, sendo eu um educador, para que aqueles alunos, por quem sou responsável, me ouçam? Como vou ajudá-los a ouvir o que tenho a dizer?

16: Aqui há uma dificuldade. Quando o senhor explica algo pessoalmente, parece claro. Mas amanhã de manhã. . .

K: Então o senhor não ouviu. O senhor ouviu o sibilo de uma naja, não foi? Eu costumava ouvi-las com muita freqüência quando andava sozinho por aqui. Costumava vê-las. E agora eu conheço uma naja. Mesmo amanhã, eu conhecerei uma naja. Este é um fato real. Certo? Aqui é necessário uma certa dose de sensibilidade, de atenção, de vigilância.

Como farei, sendo um educador, tendo ouvido tudo isso, tendo absorvido em meu sangue – não é que eu tenha ouvido o senhor e, portanto, tenha aprendido, não é bem isso –, mas, depois de ter ouvido tudo isso, como farei para que meus alunos me ouçam? Fazemos com que eles nos ouçam na matemática, ao tomar conhecimento de um livro, na biologia, na história, etc.

Suponha que eu apareça na sala de aula e diga, "Por favor, sentem-se e ouçam". Eles estão olhando pela janela, um puxando o cabelo do outro. Nesse estado mental, eles podem ouvir? Ou eu digo, "Fiquem quietos durante dez minutos?" Mas esses dez minutos passam numa batalha, com o cérebro dizendo, "Eu devo ouvir, mas quem é esse sujeito que me pede para ouvir?" Então, como vou atraí-los, convencê-los a ouvir?

Como o senhor faz com que suas – eu ia dizer "vítimas" – o ouçam? Como um médico ou um psiquiatra faz com que seus pacientes o ouçam? O paciente está o tempo todo preocupado em curar-se. Ele tem uma doença específica, uma mania, etc., quer se ver livre dela. Diga-lhe o que fazer e ele fará. Aqui não é assim. Somos todos iguais; não há nenhum médico, ninguém para lhe dizer o que fazer. Estamos num estado de escuta, de indagação. Como

convencer uma pessoa a ouvir a outra? Respondam a esta pergunta.

15: De dois modos. Ou eu a entretenho, ou eu a forço.

K: Sim. Não quero nada disso – força, luta, bater no sujeito...

15: Ou entretê-lo?

K: É tudo a mesma coisa. Quero que eles ouçam, de modo que tudo passe a fazer parte do sangue deles. Então, como devo proceder?

18: Eu não tenho de ouvi-los? O que eles têm a dizer?

K: Eles têm muito pouco a dizer. Estão brigando, resmungando, dizendo "Me dê isso, me dê aquilo", etc.

Então, eu lhes pergunto, como educadores, "Como devo proceder para que eles realmente ouçam o que eu tenho a dizer?" Veja quanto tempo levamos para ouvir uns aos outros. Vocês estão dispostos a ouvir, a descobrir. Acham que Krishnamurti tem algo a dizer; nós o convidamos. Portanto, a comunicação já está ocorrendo. Mas com aqueles alunos é diferente. Eles são forçados a vir até aqui, os pais deles elogiam o Vale dos Rishis. Eles vêm depois de engolir a pílula amarga coberta de açúcar, naturalmente. E assim vai. Aqui, com os senhores é diferente. Os senhores não querem fazer nada para persuadi-los. É maravilhoso. Façam essa pergunta para si próprios e vejam o que podem fazer.

19: Senhor, acho óbvio que não possamos respondê-la; porém, isso parece ser essencial para tudo o que pretendemos fazer. Isso, na verdade, é uma boa síntese da conferência.

K: Entendo o que está querendo dizer.

II: Talvez aqui voltemos ao começo — que é preciso uma ação criativa.

K: Isso mesmo. Deixe assim como está. Realize. Essa criatividade não nasce do conhecimento ou de experiência anterior. Tenha isso em mente. Se for utilizado o conhecimento, então torna-se invenção, apenas um modo novo de se fazer a mesma coisa.

Estamos fazendo uma pergunta muito, muito séria. Eu acho que talvez estejamos todos tão terrivelmente informados — sobre tudo. Pode ser que sejamos tão instruídos que não haja espaço para qualquer coisa nova; cheios de memórias, lembranças. Tudo isso pode ser um estorvo. Agora, não perguntem "Como eu me livro disso?" Aí voltamos ao mesmo lugar.

Suponham que os senhores me digam que eu sou um mentiroso. E eu lhes apresento todas as razões por que menti — o que é uma outra mentira. Eu ouço a palavra "mentira" e reajo. Eu me considero um homem honesto. Posso não ser, mas penso que sou. São duas coisas diferentes. Ou, eu penso que sou um homem sincero e ocorre um incidente que me torna mentiroso. O momento da descoberta — eu vejo que sou um mentiroso — muda tudo. Isso é essencial. Isso me transforma de modo que eu não sou mais desonesto. Passei por isso. Então é possível. Não, não posso sequer dizer isso.

Posso ouvi-los quando me dizem que sou um mentiroso, em vez de apresentar motivos? No momento em que ouço, faço uma análise.

I3: Certamente, se a afirmação for verdadeira, faço uma análise. Se eu não sou um mentiroso, então não é isso.

K: Não. A palavra "mentira" para mim é suficiente. Compreende? Sei dos motivos que me levaram a mentir: um pouco de covardia. Menti porque não quero que descubram isto ou aquilo. E quando me chamam de mentiroso, então vejo que realmente é assim. Não discuto todas as razões pelas quais

menti. E o senhor me diz, "O senhor é isso". E eu ouço sem concordar ou discordar, sem erguer uma barreira. No exato momento em que estou ouvindo sem barreiras, algo acontece. Essa é a única ação, que é inação.

13: Mas a própria afirmação pode ser falsa.

K: Pode ser falsa. Mas suficientemente boa para que eu veja que há alguma verdade nela.

Bem, aonde chegamos depois de quatro dias? Estamos juntos? O que aproveitamos? E esse aproveitamento é comum a todos nós, ou estamos tentando unificar todas as escolas – como partes –, juntando-as? O que significa que sempre estarão separadas. Ou há um sentimento de que somos uma coisa só, de que nossa formação não se baseia no tipo de vida americano, indiano, inglês?

Então, não passamos de uma organização que atende a demandas? Ou devemos fazer ressaltar uma qualidade humana diferente, uma atividade humana diferente do cérebro? Estamos juntos nisso? Estamos juntos, de forma que nada nos possa separar? Só assim pode haver uma ação totalmente diferente.

MADRAS

PALESTRA
1º de janeiro de 1986

Ver tantas pessoas assim num dia de semana talvez pareça absurdo, não é? Na última vez em que nos encontramos – foi num sábado –, falamos sobre o que é o amor. Talvez se lembrem, se estiveram aqui. Vamos pesquisar juntos – e quero dizer juntos – todo esse problema; é muito, muito complexo. Se não se importam, os senhores terão que pensar – não apenas concordar; terão que exercitar o cérebro, terão que refletir. Portanto, vamos examinar juntos o que é o amor. Nós estamos subindo a mesma rua; os senhores não estão apenas seguindo o orador; não estão dizendo: "Sim, isso parece bom; e também os Upanishads e o Gita", e toda essa baboseira.

Antes de mais nada, a pessoa tem de duvidar, tem de ser cética em relação às suas experiências, conclusões, pensamentos. Duvidar. Questionar – não aceitar algo que está no livro, incluindo os meus; eu estou de passagem, não sou importante. E nós vamos pesquisar juntos para ver o que está claro e o que não está claro. Juntos estamos examinando, duvidando – nunca aceitando –, o que o orador tem a dizer. Esta não é uma aula para guiar, instruir, ajudar; isso seria uma estupidez. Temos tido esse tipo de ajuda gerações após gerações, e somos o que somos agora.

Temos de começar do que somos agora, não do que fomos no passado ou do que seremos no futuro. O que seremos no futuro é o que somos agora. Nossa ganância, nossa inveja,

nosso ciúme, nossas grandes superstições, nosso desejo de adorar alguém – isso é o que somos agora.

Portanto, estamos subindo juntos uma rua muito comprida – é preciso energia –, e vamos discutir esta questão: o que é o amor? Para examiná-la com profundidade, com agudeza, é preciso também indagar: o que é energia? Cada gesto que fazemos está baseado na energia. Enquanto os senhores ouvem o orador, estão utilizando energia. Para se construir uma casa, plantar uma árvore, fazer um gesto, falar, tudo isso requer energia. O corvo gritando, o sol nascente e poente, tudo é energia. O choro do bebê fora do útero faz parte da energia. Tocar um violino, conversar, casar, fazer amor – tudo na terra requer energia.

Então, comecemos: o que é energia? Esta é uma das perguntas dos cientistas. E eles dizem: energia é matéria. Pode ser matéria, mas, antes disso, o que é a energia primordial? Qual a sua origem, a sua fonte? Quem criou essa energia? Cuidado. Não digam precipitadamente "foi Deus". Eu não aceito Deus; o orador não tem nenhum deus. Está bem?

Então, o que é energia? Estamos examinando, e não aceitando, o que os cientistas têm a dizer. E, se puderem, abandonem tudo o que os antigos diziam; deixem isso de lado. Vamos fazer uma viagem juntos.

O cérebro, que é matéria, é a experiência acumulada de milhões de anos, e toda essa evolução significa energia. E assim eu me pergunto – os senhores estão se perguntando – se há uma energia que não esteja contida, que não seja estimulada ou sustentada no âmbito do conhecimento, isto é, no âmbito do pensamento. Existe uma energia que não seja articulada pelo pensamento?

O pensamento fornece uma grande energia: ir para o escritório todas as manhãs às nove horas; ganhar dinheiro, ter uma casa melhor. Pensar sobre o passado, sobre o futuro, planejar para o presente, tudo isso propicia uma tremenda energia: você trabalha como um desesperado para tornar-se um homem rico. O pensamento cria essa energia. Então temos de investigar a natureza mesma do pensamento.

O pensamento planejou esta sociedade, que dividiu o mundo em comunistas, socialistas, democratas, republicanos; o exército, a marinha, a aeronáutica – não apenas para o transporte, mas também para matar. Portanto, o pensamento é muito importante em nossa vida, pois sem ele não podemos fazer nada; tudo está contido no processo do pensamento.

Então, o que é o pensamento? Concluam os senhores, não fiquem me ouvindo apenas. O orador já falou um bocado sobre isso, não consultem meus livros, não digam que já ouviram isso antes. Esqueçam todos os livros, tudo o que leram, pois devemos cada vez abordar esse assunto de uma maneira diferente.

O pensamento está baseado no conhecimento. E temos acumulado um tremendo conhecimento: como nos vender uns aos outros, como nos explorar uns aos outros, como criar deuses e templos, e assim por diante.

Sem experiência não há conhecimento. A experiência – o conhecimento armazenado no cérebro como memória – é o começo do pensamento. A experiência é sempre limitada, pois sempre lhe acrescentamos alguma coisa a mais. Logo, o conhecimento é limitado, a memória é limitada. Portanto, o pensamento é limitado. Os deuses que o pensamento criou – os deuses dos senhores, o pensamento dos senhores – serão sempre limitados. E dessa limitação tentamos encontrar a fonte de energia – compreendem? –, o começo da criação.

O pensamento criou o medo. Certo? Os senhores não têm medo do que possa acontecer mais tarde – perder o emprego, fracassar nos exames, não conseguir vencer na vida? Os senhores temem não ser capazes de se realizarem, de ficar sozinhos, de não serem uma fortaleza para si mesmos. Os senhores sempre dependem de alguém, e isso gera um grande medo.

Somos pessoas assustadas: este é um dos fatos de nossa vida. E o medo aparece porque queremos segurança. O medo destrói o amor; este não pode existir onde há medo. Por si só o medo é uma tremenda energia. E o amor não tem nenhuma relação com ele; são totalmente divorciados.

Então, qual é a origem do medo? Questionar tudo isso é estar vivo, é compreender a natureza do amor. O pensamento criou o medo — pensar no futuro, no passado, não ser capaz de ajustar-se ao ambiente, ao que pode acontecer: minha esposa pode me deixar, ou morrer; serei um homem só; o que vou fazer então? Tenho muitos filhos; é melhor eu me casar de novo com fulana ou beltrana, pelo menos ela tomará conta das crianças — e assim por diante. Isto é pensar no futuro com base no passado. O pensamento e o tempo estão envolvidos nisso — pensar no futuro, o futuro sendo amanhã. E pensar nisso causa medo. Assim, tempo e pensamento são os fatores principais do medo.

Assim, tempo e pensamento são também os principais fatores da vida. O tempo é tanto intrínseco — eu sou isto, eu serei aquilo — quanto extrínseco. E tempo é pensamento; ambos são movimentos.

Então, qual é a função da morte, da dor, da ansiedade, do sofrimento, da solidão, do desespero, e de todas essas coisas terríveis pelas quais passei? — Toda a labuta que o homem suporta, tudo isso é a nossa vida? Estou lhes perguntando: tudo isso é a sua vida?

Isso é a sua vida. A consciência, se examinada cuidadosamente, é formada pelo seu conteúdo: o que se pensa, a tradição, a formação, o conhecimento, o tempo, os medos, a solidão. Isso é o que os senhores são. É verdade que o sofrimento, a dor, a ansiedade, a solidão, o conhecimento são compartilhados por todos os seres humanos. Cada ser humano neste planeta experimenta mágoa, dor, ansiedade, brigas, adulação, querer, não querer. Logo, o senhor não é um indivíduo; não é uma alma separada, um *atman* separado. Sua consciência, o que o senhor é — não fisicamente, mas psicologicamente, interiormente — é a consciência da humanidade.

Estamos tentando descobrir, investigar, o que é a vida. Dizemos que enquanto houver qualquer tipo de medo, o outro não poderá existir. Se houver qualquer forma de apego, o outro não poderá existir — o outro é o amor.

Então vejamos o que é o mundo e investiguemos o que é a morte. Por que temos tanto medo da morte? Os senhores sabem o que significa morrer; já não viram dezenas de pessoas mortas ou feridas? Indagaram profundamente sobre o que é a morte? Esta é uma pergunta muito importante, tão importante quanto o que é a vida. Dissemos que a vida é toda essa loucura – conhecimento, ir para o escritório às nove da manhã, etc., lutar, não querer isto, querer aquilo. Sabemos o que é viver, mas nunca discutimos seriamente o que é morrer.

O que é morrer? Deve ser uma coisa extraordinária morrer. Tudo é arrebatado de nós: os pertences, o dinheiro, a esposa, os filhos, o país, as superstições, os gurus, os deuses. Os senhores podem querer levar tudo isso para o outro mundo, mas não podem. Então a morte diz, "Fique totalmente desapegado". É o que acontece quando ela chega: não há ninguém em quem se apoiar. Não há *nada*. O senhor pode acreditar que vai reencarnar. Esta é uma idéia muito cômoda, mas não é um fato.

Estamos tentando descobrir o que significa morrer enquanto se vive – não cometendo o suicídio; não estou falando sobre esse absurdo. Quero descobrir por mim mesmo o que significa morrer, ou melhor: posso me libertar de tudo o que o homem criou, de mim mesmo, inclusive?

O que significa morrer? Abandonar tudo. A morte, com uma navalha muito afiada, separa o homem de seus pertences, de seus deuses, de suas superstições, de seu desejo por conforto – da próxima vida, e assim por diante. Vou descobrir o que significa a morte porque ela é tão importante quanto o viver. Então, como eu posso descobrir, na realidade, não teoricamente, o que significa morrer? Eu realmente quero saber, assim como os senhores. Estou falando com os senhores, portanto, não durmam. O que significa morrer? Façam essa pergunta a si próprios. Enquanto somos jovens, ou quando somos muito velhos, essa pergunta está sempre presente. Significa estar completamente livre, totalmente desapegado de tudo o que o homem construiu, ou que os

senhores construíram — completamente livre. Nada de apegos, de deuses, nenhum futuro, nenhum passado. Os senhores não conseguem ver a beleza disso, a grandeza disso, a força extraordinária que há nisso — morrer enquanto estamos vivos? Compreendem o que isso significa? Enquanto estão vivendo, a cada momento estão morrendo, de modo que, durante a vida toda, não estão apegados a *nada*. Isso é o que significa a morte.

Assim, viver é morrer. Compreendem? Viver significa que a cada dia estão abandonando tudo a que estão apegados. Podem fazer isso? Um fato muito simples, mas com tremendas implicações. Assim, cada dia é um dia novo. Cada dia os senhores estão morrendo e encarnando. Há uma enorme vitalidade, energia, porque não há nada a temer. Nada que possa nos ferir. Isso de estar ferido não existe.

Todas as coisas que o homem construiu têm de ser totalmente abandonadas. Isso é o que significa morrer. Então, os senhores são capazes de fazê-lo? Tentarão? Farão uma experiência? Não por apenas um dia; todos os dias. Não, os senhores não podem fazê-lo; o cérebro dos senhores não está treinado para isso. Ele tem sido duramente condicionado pela sua formação, pela tradição, pelos livros, pelos professores. É preciso descobrir o que é o amor. Amor e morte andam juntos. A morte diz, seja livre, não se apegue, você não pode carregar nada consigo. E o amor diz, o amor diz — não há palavra para isso. O amor só pode existir quando há liberdade, não em relação à sua esposa, a uma nova garota, ou a um novo marido, mas quando há sentimento, a enorme força, a vitalidade, a energia da liberdade total.

MADRAS

PALESTRA
4 de janeiro de 1986

Terão os senhores a bondade de participar daquilo sobre o que o orador está falando? Não apenas segui-lo, mas juntos participar, e não simplesmente pensar a respeito, ou prestar atenção casualmente? Uma ou duas coisas devem ser esclarecidas. Isto não é um culto à personalidade. O orador abomina tudo isso; tudo o que ele está dizendo será negado se os senhores pessoalmente adorarem um indivíduo, ou fizerem dele um deus. O importante é ouvir o que ele tem a dizer, compartilhar; não apenas ouvir, mas realmente participar do que ele está dizendo.

Falamos sobre a vida, sobre sua complexidade, sobre seu começo. O que é a vida? Qual a origem disso tudo – esse maravilhoso planeta, o belo entardecer e o sol da alvorada, os rios, os vales, as montanhas e a glória da terra que está sendo espoliada? Se disserem que a origem de tudo isso é "Deus", então acabou; podem seguir contentes porque resolveram o problema. Mas se começarem a questionar, a duvidar, como se deve, de todos os deuses, de todos os gurus – eu não pertenço a essa tribo –, se começarem a questionar tudo o que o homem construiu durante uma longa evolução pelos corredores da história, encontrarão esta pergunta: o que é o começo? Qual a origem? Como tudo isso foi acontecer? Espero que estejam fazendo essa pergunta; partilhem-na, esmiúcem-na; não fiquem apenas ouvindo o orador. Por favor,

não aceitem nada do que ele diz. Ele não é seu guru, não é o seu líder; não veio aqui para ajudá-los. Esta é a plataforma, este é o começo desta conversa.

Esta é uma conversa muito séria, e a não ser que o cérebro dos senhores esteja realmente ativo, pode ser que não consigam me acompanhar. Seria inútil para nós ouvirmos uma porção de palavras; mas, se pudéssemos fazer juntos uma longa viagem, não em termos de tempo, ou de crença, ou de conclusões, ou de teorias, mas examinar muito cuidadosamente o caminho de nossas vidas, o medo, a incerteza, a insegurança e todas as invenções do homem, incluindo os extraordinários computadores — onde estamos nós ao fim de dois milhões de anos? Para onde estamos indo, não com relação a alguma teoria, ou ao que diz um mísero de um livro, por mais sagrado que seja, mas para onde estamos indo todos nós? E onde começamos? Essas duas questões se relacionam: para onde estamos indo, onde começamos. O começo pode ser o fim. Não concordem. Descubram. Talvez não haja nem começo nem fim, e é isso que vamos discutir juntos.

Desde o início dos tempos até o presente, o homem sempre pensou em termos de religião. O que é a religião? O ser humano sempre procurou algo além deste mundo. Por isso adorou as estrelas, os sóis, as luas e suas próprias criações; nos antigos templos, nas mesquitas e nas igrejas, é claro, tem se feito um grande esforço, tem sido gasta uma grande energia. O que é o espírito do homem que vem procurando algo além do mundo, além da agonia do dia-a-dia; a labuta, o trabalho, ir para a fábrica, o escritório, subir na vida, ganhar dinheiro, tentar impressionar as pessoas, tentar comandar? Os senhores concordam com isso? Concordem ou não, é um fato. Todos eles estão buscando o poder de alguma forma; querem estar no centro das coisas — em Delhi, ou aqui, ou em outros lugares. Querem estar lá.

Estamos perguntando: o que é a religião; o que tem feito o homem dar grandes tesouros para o templo; por que fez tudo isso? Qual foi a energia que o motivou? Foi o medo? Foi porque ele queria uma recompensa do céu, ou seja lá

como se possa chamá-lo? A origem foi uma busca de recompensa? O sujeito quer uma recompensa, quer algo em troca; ele reza três ou cinco vezes por dia e espera que alguma entidade, em troca, lhe dê alguma coisa, desde um refrigerador até um carro ou uma esposa melhor, ou um marido melhor, ou quer uma graça, algo em que possa confiar, em que se possa agarrar. Esta tem sido a história de todas as religiões. Deus e o dinheiro estão sempre juntos; a Igreja Católica tem um imenso tesouro. Os senhores também o têm aqui, em seus vários templos, pujas e cultos, e toda essa banalidade; tudo isso é realmente um absurdo. Estamos tentando descobrir, a partir de uma profunda investigação, o que é a religião; obviamente que não é toda essa parafernália de ganhar dinheiro. Estamos perguntando: o que é o inominável, a inteligência suprema, que não tem nenhuma relação com todos os nossos devotos, os nossos deuses, os templos, as mesquitas, as igrejas? Tudo isso foi feito pelo homem. Qualquer ser humano inteligente deve deixar isso de lado sem se tornar um cínico ou cético, mas ter um cérebro que seja realmente ativo, que questione tudo, não apenas o mundo exterior. Temos um cérebro que está questionando os próprios pensamentos, a própria consciência, as próprias dores, sofrimentos e tudo mais? Temos um cérebro assim?

Aqui temos de separar o cérebro da mente. O cérebro é o centro de todos os nossos nervos, do nosso conhecimento, de todas as nossas teorias, opiniões, preconceitos; da faculdade, da universidade, todo esse conhecimento é reunido na cabeça. Todos os pensamentos, todos os medos estão lá. O cérebro é diferente da mente? Se prestarem seriamente atenção ao que o orador perguntou, há uma diferença entre o cérebro, o seu cérebro, o que está dentro da cabeça com todo o conhecimento acumulado, não apenas o dos senhores, mas o dos seus antepassados, e assim por diante, durante dois milhões de anos, tudo que está ali guardado – há uma diferença entre esse cérebro e a mente? O cérebro sempre terá suas limitações. E não se limitem a concordar: isso é muito sério. E a mente, ela é diferente da minha consciência, das

minhas atividades diárias, dos meus medos, ansiedades, incertezas, das minhas mágoas, da dor e de todas as teorias que o homem formou sobre todas as coisas? A mente não tem nenhuma relação com o cérebro; pode comunicar-se com ele, mas o cérebro não pode se comunicar com ela. Não concordem, por favor; esta é a última coisa que devem fazer. O orador está dizendo que o cérebro é o guardião de toda a nossa consciência, dos nossos pensamentos, dos nossos medos, e assim por diante. Todos os deuses, todas as teorias sobre os deuses e os incrédulos, está tudo lá. Ninguém pode contestar isso, a não ser que seja um tanto excêntrico. Esse cérebro, que é condicionado pelo conhecimento, pela experiência, pela tradição, não pode ter nenhuma comunicação com a mente, que se encontra totalmente fora da atividade do cérebro. A mente pode comunicar-se com o cérebro, mas este não pode fazer o mesmo com ela, porque o cérebro é capaz de imaginar infinitamente; o cérebro pode imaginar o inominável, pode fazer qualquer coisa. A mente também é imensa porque não pertence ao senhor; não é a sua mente.

Vamos examinar – juntos, por favor, não se esqueçam disso – não apenas a natureza da religião, mas também o computador. Os senhores sabem o que é o computador? É uma máquina; ela pode se programar, pode gerar seu próprio computador; o computador-pai tem o seu próprio computador-filho, que é melhor do que o pai. Os senhores não precisam concordar com isso. Trata-se de algo público; não é algo secreto. Portanto, observem-no cuidadosamente. Esse computador pode fazer quase tudo o que um homem faz. Pode inventar todos os seus deuses, todas as suas teorias, todos os seus rituais; é bem melhor nisso do que os senhores jamais serão. Portanto, o computador está avançando pelo mundo; vai tornar o cérebro dos senhores algo diferente. Os senhores já ouviram falar de engenharia genética; eles estão tentando, quer gostem ou não, estão tentando mudar todo o comportamento do homem. Isso é engenharia genética. Estão tentando mudar o modo de pensar dos senhores.

Quando a engenharia genética e o computador se encontram, o que são os senhores? Como seres humanos, o que são os senhores? Seus cérebros serão alterados. O comportamento dos senhores vai ser mudado. Eles poderão eliminar completamente o medo, a mágoa, todos os seus deuses. É isso o que vão fazer; não se iludam. Tudo isso termina em guerra ou em morte. É o que está acontecendo no mundo atualmente. De um lado a engenharia genética e do outro o computador, e quando eles se encontrarem, o que é inevitável, o que os senhores serão enquanto seres humanos? Na verdade, o cérebro agora é uma máquina. Os senhores nasceram na Índia e dizem: "Sou um indiano." Foram classificados assim. Os senhores são uma máquina. Por favor, não se ofendam. Não estou querendo insultá-los. Os senhores são uma máquina que repete como um computador. Não fiquem imaginando que há algo de divino nos senhores – isso seria fascinante –, algo de sagrado que durasse para sempre. O computador também lhes dirá isso. Então, o que será de um ser humano? O que será dos senhores?

Também temos que investigar – este é um assunto muito sério; não concordem ou discordem, apenas ouçam – o que é a criação. Não a criação de um bebê, que é muito simples, ou a criação de alguma coisa nova. Invenção é completamente diferente de criação. A invenção baseia-se no conhecimento. Os engenheiros podem aperfeiçoar o jato; o movimento baseia-se no conhecimento, e a invenção também. Portanto, devemos separar invenção de criação. Isso requer energia total, capacidade de penetração. A invenção baseia-se, essencialmente, no conhecimento. Eu aperfeiçôo o relógio; tenho um novo dispositivo. Toda invenção está baseada no conhecimento, na experiência; as invenções são inevitavelmente limitadas, pois baseiam-se no conhecimento. Como o conhecimento é sempre limitado, a invenção também será. No futuro, os jatos poderão não existir mais, mas existirá alguma outra coisa que irá de Delhi a Los Angeles em duas horas; isto é uma invenção baseada em conhecimento anterior, que foi aperfeiçoada passo a passo, mas não é criação.

Então o que é criação? O que é vida? A vida na árvore, a vida na minúscula grama – vida, não o que os cientistas inventam, mas o começo da vida –, vida, a coisa que *vive*? Os senhores podem matá-la, mas ela ainda está lá, em alguma outra coisa. Não concordem nem discordem, mas vejam que estamos investigando a origem da vida. Vamos discutir sobre o *absoluto* – algo que é realmente maravilhoso. Não se trata de um prêmio; não se pode levá-lo para casa e usá-lo.

O que é meditação para os senhores? O que é meditação? A palavra, na linguagem comum, no dicionário, significa: ponderar, refletir sobre, concentrar-se, aprender a se concentrar, e não deixar o cérebro divagar. É isso o que os senhores chamam de meditação? Sejam sinceros, honestos. Isso é o quê? Todos os dias, os senhores reservavam algum tempo, iam para um quarto e sentavam-se tranqüilamente durante dez minutos ou meia hora para meditar? A meditação é concentração, pensar sobre algo muito nobre? Qualquer esforço consciente para meditar faz parte de sua disciplina de escritório, porque os senhores dizem: se eu meditar, *terei uma mente serena, ou ingressarei num outro* estado. A palavra "meditação" também quer dizer medir, que significa comparar. Portanto, a meditação torna-se mecânica porque os senhores estão utilizando energia para se concentrar num quadro, numa imagem ou numa idéia, e essa concentração divide. A concentração é sempre analítica: o indivíduo quer concentrar-se em algo, mas o pensamento divaga; então ele diz que ele não deve divagar, e volta. Isso é repetido o dia todo, ou durante meia hora. Então a pessoa sai e diz que meditou. Essa meditação é defendida por todos os gurus, por todos os discípulos leigos. A idéia cristã é: "Eu creio em Deus e estou me sacrificando por Ele; portanto, rezo para salvar minha alma." Isso tudo é meditação? Eu não sei nada sobre esse tipo de meditação; é como uma conquista; se eu meditar meia hora, me sentirei melhor. Ou existe uma forma totalmente diferente de meditação? Não concordem com nada que o orador diz, custe o que custar. Ele está dizendo que isso não é absolutamente meditação.

É apenas um mero processo de conquista. Se um dia os senhores não forem capazes de se concentrar, esperem um mês e digam: "sim, eu consegui". É como um escriturário que se torna gerente. Então há um tipo diferente de meditação, que não é esforço, que não é mensuração, que não é rotina, que não é mecânica? Existe uma meditação em que não haja nenhum senso de comparação, nem recompensa ou punição? Há alguma meditação que não seja baseada no pensamento, que também é medida, tempo e tudo mais?

Como se pode explicar uma meditação que não seja medida, que não tenha nada a conquistar, que não diga: "Eu sou isto, mas me tornarei aquilo?" "Aquilo" sendo Deus ou mais que um anjo. Existe uma meditação que não tenha nada a ver com vontade – uma energia que diga: "Eu devo meditar?" Que não tenha absolutamente nada que ver com esforço? O orador diz que existe. Os senhores não precisam concordar. Ele pode estar falando bobagem, mas, logicamente, percebe que a meditação comum é uma auto-hipnose, é enganar-se a si próprio. E, quando os senhores deixam de se iludir, quando cessa todo esse processo mecânico, há um tipo diferente de meditação? E o orador, infelizmente, diz: Há. Mas não se pode alcançá-lo por meio do esforço, pela aplicação de toda a sua energia. É algo que deve ser *absolutamente silencioso*. Antes de tudo, comece com humildade, com muita humildade e, portanto, muito delicadamente, sem se forçar, sem dirigir, sem dizer: "Eu tenho de fazer tal coisa." É preciso um grande senso não apenas de solidão, mas um senso de – não devo descrevê-lo para os senhores. Não posso descrevê-lo porque senão os senhores o deturparão com descrições. Se eu o descrever, a descrição não retratará o real. A descrição da lua não é a lua, e uma pintura do Himalaia não é o Himalaia. Então, paremos de descrever. Isso é para os senhores brincarem, ou não, seguirem o seu próprio caminho, com suas conquistas pessoais por meio da meditação, recompensa e tudo mais. Assim, na meditação que em absoluto não é esforço, conquista, pensamento, o cérebro está quieto; não ficou quieto por obra da vontade, da intenção,

por conclusão e todo esse absurdo; ele está quieto. E, estando quieto, tem o espaço infinito. Estão esperando que eu analise? E os senhores acompanharão o que eu for explicar? Que tipo de pessoas são os senhores?

Alguma vez o cérebro dos senhores fica quieto? Ele está pensando, sentindo medo, pensando no trabalho do escritório, na família, no que farão os filhos, as filhas; pensando, que é tempo e pensamento. Alguma vez o cérebro dos senhores fica *quieto*? Não graças às drogas, ao uísque. Os senhores se drogam quando acreditam. Drogam-se e dizem: "Sim, isto está perfeitamente certo; o Buda o disse, portanto deve estar certo." Os senhores estão se drogando o tempo todo; portanto, não têm aquele tipo de energia que necessita da penetração de algo maior.

Agora vamos procurar saber o que é a criação. O que é a criação? Não tem nada que ver com a invenção. Então, o que é a criação, a origem, o começo? O que é a vida? Digam-me o que pensam disso. O que é a vida? E não ir para o escritório e tudo mais, sexo e os filhos, ou sexo sem filhos, e assim por diante. O que é a vida? O que dá vida àquela folha de grama no cimento? O que é a vida em nós? Não aquelas coisas que buscamos – poder, posição, prestígio, fama, ou não-fama, mas vergonha; isso não é vida, isso faz parte do nosso vilipêndio à vida. Mas, o que é a vida?

Por que os senhores estão me ouvindo? O que os faz ouvir, se é que estão ouvindo, este homem? Qual o motivo que está por trás disso? O que os senhores pretendem? Qual o desejo dos senhores? Por trás do desejo há um motivo. Então, o que é o desejo? O desejo faz parte de uma sensação, não faz? Eu vejo que este relógio é bonito ou feio: é uma sensação. O ato de ver gera uma sensação. Dessa sensação vem o pensamento que constrói uma imagem. Isto é, eu vejo o relógio, ou melhor, eu gostaria de tê-lo. A sensação de ver, então vem o pensamento e constrói uma imagem da sensação; nesse momento, nasce o desejo. É muito simples.

Existe um cérebro, o seu cérebro, que não está contaminado, contaminado pelo ambiente, pela tradição, pela sociedade e

tudo mais? Então qual a origem da vida? Estão esperando que eu responda? É um assunto muito sério para brincar, pois estamos tentando discutir sobre algo que não tem nome, nem fim. Posso matar aquele pássaro; há um outro pássaro. Posso matar *todos* os pássaros; há muitos deles no mundo. Assim, vamos discutir a origem de um pássaro. O que é a criação que está por trás disso tudo? Estão esperando que eu a descreva? Querem que eu a analise? Por quê?

(Do público): Para entender o que é a criação.

Por que estão perguntando isso? Porque eu perguntei? Nenhuma descrição pode jamais descrever a origem. A origem é inominável; a origem é *absolutamente silenciosa*, não emite o menor som. A criação é o que há de mais sagrado na vida, e os senhores fizeram de suas vidas uma confusão. Mudem-na. Mudem-na hoje, não amanhã. Se estão inseguros, descubram por que e sintam-se *seguros*. Se o seu pensamento não está correto, pensem corretamente, logicamente. A não ser que tudo isso esteja preparado, arrumado, não poderão entrar nesse mundo, no mundo da criação.

Acabou. *(Esta palavra mal é ouvida, é mais murmurada do que falada.)*

Esta é a última palestra. Querem sentar-se juntos, em silêncio, por alguns minutos? Muito bem, sentem-se em silêncio por alguns momentos.

Z.C.

O FUTURO É AGORA

Últimas Palestras na Índia

J. Krishnamurti

A visão e a influência de Krishnamurti tem perdurado por muito tempo nas mentes e nos corações de inúmeras pessoas por todo o mundo.

Sua mensagem revolucionária é de uma abrangência imensurável e jamais poderá ser ignorada.

Este livro é a sua mensagem final, transmitida na forma de palestras públicas e de conversas diretas com o público, quando de sua última visita à Índia em 1985.

Em *O Futuro é Agora*, Krishnamurti propõe uma mudança radical no modo de pensar humano, convidando o leitor a buscar o *insight* profundo que o libertará das fragmentações da mente inferior e revelará a unidade subjacente em tudo o que existe.

EDITORA CULTRIX